UNESP – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"
FAAC – Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
DCSO – Departamento de Comunicação Social
PPGMiT – Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia
Campus de Bauru

Mara Fernanda De Santi

Redes Colaborativas de Comunicação e Cidadania Midiática
O sentido da colaboração em processos comunicacionais participativos e comunitários online

Bauru/SP
2024

MARA FERNANDA DE SANTI

Redes Colaborativas de Comunicação e Cidadania Midiática
O sentido da colaboração em processos comunicacionais participativos e comunitários online

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" como requisito para obtenção do título de Doutora em Mídia e Tecnologia, sob a orientação da Profª. Associada Maria Cristina Gobbi.

Bauru/SP

2024

S235r

Santi, Mara Fernanda De

Redes Colaborativas de Comunicação e Cidadania Midiática: o sentido da colaboração em processos comunicacionais participativos ecomunitários online / Mara Fernanda De Santi. -- Bauru, 2024

118 p.

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Bauru

Orientadora: Maria Cristina Gobbi

1. Mídia e Tecnologia. 2. Redes Colaborativas de Comunicação. 3 Mídia Cidadã. 4. Comunicação e Colaboração. 5. FluxosComunicacionais em Rede. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Câmpus de Bauru

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE MARA FERNANDA DE SANTI, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 08 dias do mês de agosto do ano de 2024, às 14:00 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de MARA FERNANDA DE SANTI, intitulada **Redes Colaborativas de Comunicação e Cidadania Midiática - O sentido da colaboração em processos comunicacionais participativos e comunitários online** . A Comissão Examinadora foi constituida pelos seguintes membros: Professora Associada MARIA CRISTINA GOBBI (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Comunicação Social da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Faculdade de Arquitetura Artes Comunicação e Design - FAAC - UNESP - Bauru/SP, Professora Doutora INGRID GOMES BASSI (Participação Virtual) do(a) Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA / Faculdade de Comunicação/Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Professora Doutora MARLI DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) Programa de Pós-graduação em Comunicação / Faculdade Cásper Líbero. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovado . Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Professora Associada MARIA CRISTINA GOBBI

MARA FERNANDA DE SANTI

Redes Colaborativas de Comunicação e Cidadania Midiática

O sentido da colaboração em processos comunicacionais participativos e comunitários online

Área de concentração: Ambientes Midiáticos e Tecnológicos

Linha de Pesquisa: Tecnologias Midiáticas

Banca Examinadora:

Presidenta/Orientadora: Profª. Associada Maria Cristina Gobbi

Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

Membro 1: Profª Dra. Marli dos Santos

Instituição: Faculdade Cásper Líbero

Membro 2: Profª Dra. Ingrid Gomes Bassi

Instituição: Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

Suplente 1: Profª Dra. Jane Aparecida Marques

Instituição: Universidade de São Paulo – USP

Suplente 2: Profª Dra. Cristiane Hengler Corrêa Bernardo

Instituição: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP

Resultado:

Bauru, 8 de agosto de 2024

“A leitura do mundo precede a leitura da palavra”

Paulo Freire

Agradecimentos

O argumento que sentencia a solidão da escrita – especialmente a acadêmica – é válido e comprovado. Mas, é verdade também que sem o apoio de tantos que caminham ao nosso lado nessa jornada árdua não conseguiríamos ir tão longe.

Começo agradecendo àqueles que foram testemunhas oculares das incontáveis horas em frente ao computador, que lamentaram as séries que não vimos juntos, que entenderam os domingos em que não pude participar de passeios familiares. Fernando, companheiro que com seus olhos de empatia e solidariedade deu apoio nos momentos em que os meus olhos se perdiam no cansaço e na apreensão de não conseguir. Bárbara, que com suas poucas palavras e muitos desenhos, lembrava-me constantemente da minha força. Marina, que com seu sorriso fácil e sua energia eterna de criança feliz me recarregou de pensamentos sobre simplicidade e amor. Obrigada, família, vocês são todos os sentidos da minha vida e por vocês eu sigo.

Márcia e Benedito, avós amorosos e pacientes que seguraram a barra de cuidar de todo mundo quando eu mais precisei. Amanda e Carol, minhas irmãs amadas e barulhentas, me perdoaram das ausências nos eventos familiares e me incentivaram a cada foto de telas e livros que mandava para justificar. Pai, mãe... vocês não estão aqui faz um bom tempo, fisicamente, mas, em cada momento difícil lembrei de vocês – e penso com mais força e saudade ainda quando cada conquista chega.

Professora, amiga, conselheira e exemplo para a vida: Maria Cristina Gobbi, mais do que orientadora, foi minha luz nos momentos de escuridão, meu porto seguro durante toda a Pós-Graduação. Diariamente, miro nos seus exemplos e agradeço por tê-la comigo nessa caminhada. Obrigada, Cris!

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), símbolo de resistência da educação pública, gratuita e de qualidade, minha casa desde a graduação e por onde se fez possível o desejo de aprender-ensinar.

Ao Programa de Pós-Graduação em Mídia em Tecnologia, por possibilitar a intersecção de saberes e demonstrar sempre tanto acolhimento aos seus.

Minha gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), pelo apoio financeiro para o desenvolvimento da presente tese.

A todos amigos e familiares que, mesmo em tempos de pandemia e distância física, estiveram próximos, perguntando sobre o andamento da pesquisa, oferecendo suporte emocional e torcendo por mim.

Na Física, resiliência é a capacidade que um corpo material tem de se modificar para adaptar-se a uma determinação situação – geralmente extrema – e depois voltar ao estado original, com o mínimo de danos. Na vida, resiliência é que nos mantém na luta. Sigamos!

SANTI, Mara Fernanda. **Redes Colaborativas de Comunicação e Cidadania Midiática - O sentido da colaboração em processos comunicacionais participativos e comunitários online**. (Tese de Doutorado em Mídia e Tecnologia) – FAAC – Unesp, sob a orientação da Professora Doutora Associada Maria Cristina Gobbi. Bauru, 2024.

Resumo

A presente tese visa aprofundar a compreensão das Redes Colaborativas de Comunicação Online como um novo paradigma para a mobilização cidadã no ambiente digital, explorando de que maneira a colaboração se torna um potente diferencial em ações comunicativas cidadãs, moldando movimentos participativos e comunitários na esfera virtual. Sob a égide da Mídia Cidadã, busca-se examinar as redes e suas capacidades de articulação, comunicação, mobilização e legitimação de causas e espaços tanto no universo físico quanto virtual. Este estudo pretende contribuir para a discussão da emergência de processos comunicativos em rede que superam a tradicional dicotomia emissor-receptor a partir da investigação e categorização dos níveis de colaboração nos espaços digitais interacionais, delineando como determinadas ações impulsionam formas efetivas de comunicação, que variam desde a denúncia e resolução de questões até a prestação de serviços, compartilhamento de informações não convencionais e criação de ambientes inclusivos de troca de experiências. Explora-se ao longo da pesquisa conceitos de interatividade, cidadania e participação colaborativa no contexto digital, como um arcabouço inicial para a compreensão do objeto, sem perder, no entanto, a valiosa colaboração de outras áreas, como a Sociologia e a Educação. A etapa metodológica inclui o levantamento de perfis operantes para usuários brasileiros e a categorização de dados para análise, seguindo princípios da Transmetodologia, considerada aqui por ser híbrida e permitir a análise abrangente do conteúdo e das dinâmicas plurais das redes estudadas, enfocando desde sua formação e disseminação até suas principais métricas.

Palavras-chave: mídia e tecnologia; redes colaborativas de comunicação; mídia cidadã; comunicação e colaboração; fluxos comunicacionais em rede.

Abstract

This thesis aims to deepen the understanding of Online Collaborative Communication Networks as a new paradigm for citizen mobilization in the digital environment, exploring how collaboration becomes a powerful differentiator in citizen communicative actions, shaping participatory and community movements in the virtual sphere. Under the aegis of Citizen Media, the study seeks to examine networks and their capacities for articulation, communication, mobilization, and legitimization of causes and spaces in both the physical and virtual world. This study intends to contribute to the discussion on the emergence of networked communicative processes that overcome the traditional sender-receiver dichotomy by investigating and categorizing the levels of collaboration in interactive digital spaces, outlining how certain actions drive effective forms of communication, ranging from reporting and resolving issues to providing services, sharing unconventional information, and creating inclusive environments for exchanging experiences. Throughout the research, concepts of interactivity, citizenship, and collaborative participation in the digital context are explored as an initial framework for understanding the object, without losing the valuable collaboration of other fields such as Sociology and Education. The methodological stage includes the survey of operating profiles for Brazilian users and the categorization of data for analysis, following the principles of Transmethodology, considered here for its hybrid nature and its ability to provide a comprehensive analysis of the content and the plural dynamics of the studied networks, focusing on their formation, dissemination, and main metrics.

Keywords: media and technology; collaborative communication networks; citizen media; communication and collaboration; networked communication flows.

Sumário

INTRODUÇÃO **8**

CAPÍTULO 1 - REDES COLABORATIVAS DE COMUNICAÇÃO: UM CONCEITO EM CONSTRUÇÃO **12**

1.1 A REDE E SEUS NÓS 16
1.2 O ESPAÇO DA REDE 23
1.3 COLABORAÇÃO EM E NA REDE 27

CAPÍTULO 2: O CIDADÃO EM REDE E AS REDES DO CIDADÃO **34**

3.1 SUJEITO E COLETIVO 35
2.2 MOBILIZAÇÃO E COLETIVIDADE: EXPRESSÕES MIDIÁTICAS DE CIDADANIA 43
2.3 ECOS DIGITAIS: REDES COLABORATIVAS ESTRUTURAIS E REDES COLABORATIVAS CONJUNTURAIS 55

CAPÍTULO 3: MAPEAMENTO NO AMBIENTE VIRTUAL **62**

3.1 AS REDES DENTRO DA REDE: PERFIS DE GRUPOS COLABORATIVOS NO INSTAGRAM 70
3.2 CONTRAGOLPE BRASIL E A DINÂMICA DE UMA REDE COLABORATIVA DE COMUNICAÇÃO CONJUNTURAL 77

CAPÍTULO 4: O PENSAMENTO NO ESPAÇO DIGITAL **95**

4.1 O QUE AS REDES COLABORATIVAS QUEREM NAS REDES SOCIAIS ONLINE? 95
4.2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: COLABORAÇÃO REAL OU RUÍDOS DIGITAIS? 96
4.3 A MEDIDA DA COLABORAÇÃO NAS REDES 102

(IN) CONCLUSÕES **104**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS **110**

Lista de figuras

Imagem 1.....28
Imagem 2.....31
Imagem 3.....38
Imagem 4.....47
Imagem 5.....62
Imagem 6.....63
Imagem 7.....65
Imagem 8.....68
Imagem 9.....74
Imagem 10.....75
Imagem 11.....78
Imagem 12.....81
Imagem 13.....82
Imagem 14.....83
Imagem 14.....83
Imagem 16.....87
Imagem 17.....91
Imagem 18.....92
Imagem 19.....93
Imagem 20.....93
Imagem 21.....98
Imagem 22.....98
Imagem 23.....99
Imagem 24.....101
Imagem 25.....101

Introdução

A inquietação que resultou na presente tese de doutorado surgiu na reta final de outra pesquisa. A partir dos estudos realizados durante o Mestrado em Comunicação Midiática, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação na FAAC (Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design), que tinha como foco investigar um novo modelo de fluxo comunicacional no ambiente digital baseado em redes sociais online e estruturado sobre informações compartilhadas pela comunidade local, com objetivo de alertar para questões de segurança na cidade do Rio de Janeiro, a autora resgata neste trabalho questões de horizonte que apontavam para necessidade de pesquisas mais aprofundadas, relacionadas a processos comunicacionais participativos e comunitários online.

A iniciativa que foi objeto de pesquisa naquele momento era a rede OTT-RJ (Onde tem Tiroteio – Rio de Janeiro), uma iniciativa que partiu de três cidadãos cariocas indignados com a inépcia do poder público e carentes de um veículo eficiente de transmissão de informações relevantes para a comunidade atingida diariamente pela violência. A ideia, que tomou forma e corpo rapidamente, era criar um perfil na rede social online Facebook que divulgasse os locais onde estavam ocorrendo tiroteios ou arrastões no Rio de Janeiro, a fim de alertar moradores, trabalhadores ou visitantes da região para que se protegessem ou mesmo evitassem ir até os pontos de conflito ou ações criminosas. Ao se apropriar de elementos do jornalismo – como a checagem das informações antes da publicação – e contar com uma rede de informantes se espalhando por toda a cidade, em um curto espaço de tempo o perfil ganhou milhares de seguidores e um alto índice de interação nas postagens: além de curtir ou comentar, as pessoas marcavam seus conhecidos nas publicações, como forma de alerta ou pedindo mais informações para aqueles que moravam na região. Observar e buscar entendimento sobre esse novo fluxo comunicacional completamente baseado na colaboração, seja a dos informantes, seja da audiência, foi apenas a centelha que saltou de uma tocha muito maior. Logo, para seguir com esse desdobramento no doutorado, fez-se necessário realizar a identificação de outros modelos similares no ambiente digital, mas, não sem antes estabelecer que Redes Colaborativas de Comunicação Online é ainda um conceito em construção – tanto pelo caráter transitório e difuso das redes (enquanto fenômeno

orgânico e vivo), quanto pelos processos midiáticos estabelecidos dentro dessa topologia (local e global). E é neste pilar que se concebe o objetivo geral da presente tese, calcado em descobrir de que maneira novos processos midiáticos interacionais estabelecidos em Redes Colaborativas de Comunicação Online contribuem para o exercício da cidadania, desdobrado em objetivos específicos que contemplam: realização de pesquisa exploratória bibliográfica-teórica a fim de resgatar conceitos construídos e estabelecidos acerca dos termos "Rede Colaborativa" e "Rede Colaborativa de Comunicação" especificamente nas áreas de Comunicação e Mídia (em Ciências Humanas Aplicadas); realização de revisão bibliográfica-teórica na área de Comunicação com recorte de tema focado em fluxos comunicacionais em rede e tecnologia; identificação e estruturação de perfis Redes Colaborativas de Comunicação e observação de como se mobilizam para exercer valores, legitimar espaços e produzir sentido, considerando os ambientes presencial e virtual. Em função das necessidades propostas pelo trabalho, o Capítulo 1 tem como premissa revistar conceitos e autores basilares para a autora e, a partir de discussões mais amplas sobre seus posicionamentos, redimensionar uma perspectiva de enquadramento ampliado aplicável, inclusive, ao fenômeno das redes sociais online e que não se feche em si, mas que esteja conectado com a realidade atual dentro do contexto de Mídia e Tecnologia. É no Capítulo 1, ainda, que se estabelece a partir de que mirada serão tratados os conceitos de rede e colaboração ao longo do trabalho – sendo a primeira medida de ambos sempre o processo midiático que os desencadeiam – e a interseccionalidade com áreas afins, trazendo aportes de Milton Santos e sua geografia das redes, e o dialogismo de Paulo Freire, essenciais para a construção e contextualização transdisciplinar do tema.

Dando sequência ao objetivo central da pesquisa, o que se pretende observar é de que maneira a colaboração se apresenta enquanto critério diferencial dentro de uma ação comunicativa cidadã, em uma nova nuance de movimentos participativos e comunitários no ambiente digital. Considerando que as "[...] articulações discursivas nas redes também permitem a construção de nexos entre as condições materiais estruturantes de uma sociedade e a leitura das condições simbólicas na reprodução social" (Scherer-Warren, 2013), coloca-se como fio condutor do Capítulo 2 questões fundamentais para o entendimento das Redes Colaborativas de Comunicação Online: capacidade de articulação e comunicação para mobilização e legitimação de causas e espaços (real e virtual) a partir do olhar cidadão. Com apoio de Mario Kaplún e sua esperança contida

acerca de uma sociedade global humanizada, construída a partir do diálogo, da colaboração e da preservação e celebração das identidades culturais, “o desenvolvimento da competência comunicativa dos sujeitos atuantes aparece como um fator altamente necessário, e em torno do qual gravitam outros aspectos; como acontece, aliás, com a participação política e social” (Kaplún, 1999). É neste momento também que o foco da presente produção se volta a explorar de maneira aprofundada o elemento mais essencial de qualquer processo de comunicação estruturado socialmente: o fator humano.

Adentrando o Capítulo 3, dá-se início ao mapeamento de perfis na rede social online Instagram autodenominados e/ou de caráter colaborativo, ou seja, que contem com a participação cidadã no processo de construção e circulação da informação, através da interatividade entre os usuários e os suportes midiáticos, e que tenham como objetivo divulgar conteúdos direcionados a necessidades de grupo de pessoas que se identificam a partir de causas – sejam por condição social, gênero, raça, ineficiência de ações governamentais ou denúncias, entre outros possíveis fatores. Dada a natureza epistemológica da Transmetodologia, que busca ultrapassar os limites convencionais das disciplinas e teorias, sua aplicação nesta tese é justificada por sua abordagem inovadora e abrangente na condução de pesquisas interdisciplinares. Incorporando a perspectiva transmetodológica na construção dos conceitos aqui apresentados, que incluem a análise da complexidade, a interconexão de múltiplas perspectivas e a consideração dos contextos sociais, econômicos, políticos e culturais, almeja-se uma compreensão mais profunda e holística do problema de pesquisa. Com essa condução, o que se pretende é transcender as limitações das abordagens tradicionais e promover a colaboração entre diferentes disciplinas, através de "uma atitude epistemológica que busca a superação da fragmentação do conhecimento, reconhecendo a interdependência e a imbricação dos saberes" (Maldonado, 2015), permitindo uma visão ampla do fenômeno em estudo consoante aos desafios contemporâneos na área da Comunicação, que extrapolam fronteiras espaciais, físicas, geográficas e temporais.

Com o levantamento e análise de perfis disponíveis e operantes para usuários brasileiros, bem como o princípio de categorização para determinar tipos específicos de Redes Colaborativas de Comunicação, o Capítulo 4 se concentra em esmiuçar a iniciativa ContraGolpe Brasil: um perfil criado no Instagram no dia 8 de janeiro de 2023 para denunciar e coletar informações sobre os golpistas que invadiram e depredaram as sedes do Governo Federal em Brasília, nesta mesma data. A partir da catalogação das postagens

e do levantamento de dados referentes aos conteúdos publicados, bem como o nível de interação e colaboração estabelecidos neste canal, observa-se se a estruturação de categorias para o entendimento das dinâmicas peculiares (de formação, capacidade de disseminação, métricas, entre outros cruzamentos de informações) que resulta no modelo defendido como parte dos novos fluxos de comunicação colaborativos transversalizados nos ambientes online e offline.

O que poderia soar como a finalização do trabalho deve ser visto, preferencialmente, como uma reflexão aberta para perspectivas futuras e continuidade de pesquisa: nas (IN)Conclusões, retoma-se a ideia central do desvelamento – ainda que parcial – acerca dos novos processos midiáticos aportados no ambiente online, embora não necessariamente deles derivados, e sua contribuição para o exercício da cidadania. Desta feita, com um arsenal de possibilidades e construções categorizadas que indicam a existência de modelos diferenciados de Redes Colaborativas de Comunicação que atendem a demandas específicas, com características próprias de formação, interatividade, periodicidade e longevidade, determinados por causas inertes à estrutura em que os sujeitos estão inseridos ou a partir de situações pontuais que despertam o senso de urgência e resolução, apresentam-se dois fenômenos possíveis e carecidos de novas e aprofundadas análises: as Redes Colaborativas de Comunicação Estruturais e as Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais.

Capítulo 1 - Redes Colaborativas de Comunicação: um conceito em construção

O interesse em pesquisar Redes Colaborativas de Comunicação partiu de uma inquietação levantada durante a produção da dissertação de mestrado[1] da autora e a conduziu por um estudo bastante específico: de uma estratégia de comunicação em redes sociais online que tinha como objetivo principal alertar para tiroteios na cidade do Rio de Janeiro.

Na ocasião da pesquisa foi utilizada a expressão 'rede de comunicação colaborativa online de alerta de segurança", com o objetivo definir a estrutura de comunicação estabelecida pela iniciativa OTT-RJ (Onde tem Tiroteio – Rio de Janeiro), que contava com perfis em redes sociais online para divulgar em tempo real notas sobre tiroteios, arrastões e outras ocorrências violentas na capital carioca. Nessa construção embrionária da terminologia, o uso da palavra "colaborativa" foi proposto com a intenção de descrever a dinâmica de participação da audiência com os conteúdos postados nas redes sociais online: a cada nova publicação, centenas de usuários marcavam outras pessoas para que também ficassem em alerta com o que estava acontecendo na região indicada – fossem eles moradores, trabalhadores ou apenas cidadãos que estivessem de passagem por ali.

A premissa estabelecida era a do surgimento de um novo processo comunicativo com viés midiático, sustentado pelas interações em plataformas de redes sociais online (como Facebook e Instagram), desenhando um fluxo de informação altamente descentralizado e capilarizado. Por conta disso, a autora se concentrou em delinear "[...] de que maneira uma comunicação colaborativa, a partir e com foco no sujeito coletivo, oferece contribuição à sociedade, em um recorte específico da necessidade humana de viver em segurança". (Santi, 2019, p. 83)

Após a conclusão da dissertação, entretanto, algumas questões de horizonte permaneceram e a mais inquietante dizia respeito à produção do sentido de colaboração

[1] Santi, M. F. Mídia cidadã, comunicação popular e as redes colaborativas online de alerta de segurança: uma luta por direitos ou por visibilidade? Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Bauru, 2019

no contexto cidadão dentro dessas redes, que intercala e transcende os espaços físico e virtual. Apesar da expressão Rede Colaborativa de Comunicação ter sido adotada em determinada altura da pesquisa, não houve a necessidade, naquele momento, em delinear em profundidade o conceito da colaboração – o que se explica em função de o objetivo estar atrelado aos efeitos e desdobramentos de uma iniciativa específica, logo, em dissecar o fenômeno a partir do objeto.

Ao expandir a reflexão sobre a existência – ou não – de outras Redes Colaborativas de Comunicação e como esse novo fluxo de informação se desenha enquanto processo midiático e cidadão, a partir de realidades diversas (sociais, culturais, políticas ou econômicas) e sem fronteiras espaciais delimitadas, observou-se a importância de estruturar previamente o conceito de Rede Colaborativa de Comunicação enquanto instrumento de legitimação de espaço e validação de causas sob a perspectiva do exercício midiático da cidadania. Neste cenário, o grande desafio e objetivo da presente tese se coloca em explicitar o real sentido da colaboração nos processos comunicacionais em plataformas de redes sociais online: Curtir? Comentar? Compartilhar?

A partir de uma pesquisa exploratória e bibliográfica inicial em quatro plataformas de divulgação científica – Portal Scielo, Portal de Periódicos da CAPES, Repositório Institucional UNESP e Google Acadêmico – foi possível identificar a ausência de unidade acerca do conceito de Redes Colaborativas ou Redes de Comunicação, bem como observar a aplicação extremamente difusa de algumas das expressões, por caminhos que vão desde a Comunicação Corporativa, passando por pesquisas na área da Saúde, até estudos de Informática e Tecnologia. Ressalta-se aqui que, diante da grande variedade de bases e embora não houvesse interesse em descartar nenhuma delas inicialmente, foi feita a opção de trabalhar com essas plataformas em função de as mesmas terem se apresentado mais relevantes em termos de produção acadêmica dentro da área pesquisada. Nesta exploração inicial, já observando a necessidade de iniciar um direcionamento para as buscas, foram aplicadas palavras-chaves utilizadas igualmente em todas as buscas como termo de pesquisa sem filtros da maneira como aqui redigidas (sem as aspas): “Colaboração e Comunicação”, “Comunicação Colaborativa”, “Redes Colaborativas” e “Redes Colaborativas de Comunicação”. O objetivo era ter uma fotografia panorâmica da produção disponível, sem orientações mais distintivas ou buscas refinadas, como ‘expressão exata’ ou especificação sobre em qual local da produção as palavras-chaves estariam disponíveis.

Ainda sem definição de palavras-chave de exclusão, nem delimitação de período ou natureza das publicações, foi possível visualizar uma vastidão de produções com referência às expressões centrais que norteiam a presente tese – inclusive e especialmente por serem conceitos de uso comum, aplicáveis às mais diferentes áreas do conhecimento e passíveis de presença em estudos que fujam ao escopo das Ciências Sociais Aplicadas. Esse cenário inicial foi propositivo para que se entendesse a necessidade de uma delimitação teórica acerca dos principais termos que serão utilizados ao longo do trabalho, sendo eles Redes, Espaço e Colaboração, no contexto da área da Comunicação. Em um momento posterior, que em breve será retomado, o montante inicial da produção acadêmica levantada passa por uma filtragem mais rigorosa e dele são selecionadas as obras que apresentaram real afinidade com o que se entende por Redes Colaborativas de Comunicação dentro do contexto propositivo de Cidadania Midiática, contribuindo dessa maneira com o embasamento teórico desta tese.

Retomando uma das ideias centrais que finalizaram a pesquisa sobre Redes Colaborativas de Alerta de Segurança Online, a presente autora caracteriza o processo como um novo fluxo comunicativo a partir do sujeito, baseado em "uma proposta dialógica e não-vertical alinhada à necessidade de democratização dos processos comunicativos" que pode representar um novo viés propositivo de mídia cidadã, uma vez que fornece condições para que grupos socialmente excluídos se manifestem efetivamente. A fim de manter a coerência com o percurso teórico que embasou a primeira pesquisa sobre o tema e de onde surgiram os questionamentos centrais para a presente tese, alguns autores serão mantidos e revisitados, com intento de encontrar novas pistas em suas obras que indiquem caminhos para construção de um conceito efetivo de Rede Colaborativa de Comunicação.

Da mesma maneira, outros pesquisadores foram acrescentados a partir de uma mirada interdisciplinar, uma vez que, para essa construção, mostrou-se inevitável atravessar questões intrínsecas e dissociáveis dos processos comunicacionais, como estrutura social e cultura. É esse panorama que se apresenta a seguir (Quadro 1), com a forte ressalva que já aqui esses aspectos contribuem efetivamente para estruturação do conceito, que segue sendo um fruto ainda não amadurecido da árvore da Comunicação.

Quadro 1 – Preambulo de autores referenciais para elaboração do conceito de Redes Colaborativas de Comunicação

AUTORES	Recorte da contribuição teórica primária para elaboração do conceito de Redes Colaborativas de Comunicação
CASTELLS (1999)	"A topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e freqüência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais freqüente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede)."
SCHERER-WARREN (2006)	"As redes são estruturantes da sociedade contemporânea globalizada. As redes referem-se a um tipo de relações/articulações sociais que sempre existiram, mas que na sociedade globalizada e da informação assumem características específicas e relevantes que merecem uma atenção especial das ciências sociais."
RECUERO (2009)	"Uma rede, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores. A abordagem de rede tem, assim, seu foco na estrutura social, onde não é possível isolar os atores sociais nem suas conexões."
MELO (2008)	"A intenção é a de criar mecanismos capazes de orientar os cidadãos a respeito da natureza das instituições midiáticas, alertando-os para discernir conscientemente o que está embutido nas mensagens difundidas. Tal atitude pode conduzir a situações concretas, como, por exemplo, a constituição de "grupos de pressão", vocacionados para "protestar" contra os desvios, os equívocos ou as manipulações das indústrias do setor. Mas também pode desaguar na criação de "grupos de intervenção", destinados a "influir" na agenda midiática, incluindo temas e problemas de interesse comunitário, corporativo ou coletivo."
KAPLÚN (2002)	[...] se você quer iniciar um processo real de comunicação, o primeiro passo deve ser colocar o destinatário não apenas no final do esquema, mas também no começo: originando as mensagens, inspirando-as; como fonte de pré-alimentação. [...] Quando a mensagem é divulgada, o sujeito coletivo pode ser reconhecido nele, identificar-se com ele, mesmo que não tenha participado diretamente de sua produção; embora sejam outros atores e não ele mesmo que está no palco dando vida à história."
PERUZZO (2008)	"[...] a partir dos últimos anos pipocam experiências comunicacionais as mais diversas, incluindo as do tipo popular tradicional (hoje mais conhecidas como comunitárias e se baseiam em premissas de cunho coletivo), além daquelas realizadas por associações, ONGs, grupos ou até por pessoas autonomamente."
DI FELICE (2008)	"[...] há nas redes digitais um devir interativo transorgânico do sujeito e, ao mesmo tempo, um processo de comunicação que se define na interação fluida e criativa entre informações, circuitos e inteligências."
SANTOS (2002)	"As redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais mas, estas também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo"

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

Os autores referendados no Quadro 1 (acima) trabalham dentro da perspectiva escolhida para o presente estudo, portanto, são considerados basais para formulação da ideia central do recente processo comunicacional estabelecido no ambiente digital, mas, que não advém necessariamente das redes digitais. Logo, buscar referência em outras ciências, como a Geografia e seus estudos sobre espaço e tempo, aqui representada pelo pensamento essencial de Milton Santos, ou a Educação e a Sociologia, com Paulo Freire, a fim de entender a práxis da colaboração sob uma perspectiva mais ampla, são caminhos percorridos desde o início do presente trabalho – e que assim deve seguir, posto que Redes Colaborativas de Colaboração é ainda um conceito em construção.

1.1 A Rede e seus nós

O uso frequente da palavra 'rede' para identificar processos de integração, inter-relação ou conexão social tomou força em meados do século XX, especialmente a partir de estudos nas áreas da Sociologia e da Comunicação. Até então, as aplicações mais comumente utilizadas do conceito estavam ligadas às Ciências Naturais e Biológicas, com o objetivo de identificar o sistema de funcionamento do corpo humano e suas conexões ou, ainda, fenômenos ou estruturas químicas da natureza. A proliferação de sentidos e associação às mais diferentes definições de contextos – naturais ou sociais – denota a difusão de uso da palavra, bem como a necessidade de delimitar teoricamente sobre qual conceito de rede o presente trabalho irá se debruçar.

Antes, no entanto, faz-se necessário um breve resgate da construção conceitual do termo no pensamento contemporâneo, considerando especialmente o impacto da tecnologia no desenvolvimento das sociedades e nos fluxos relacionais e informacionais amplificados pelas mídias sociais. Rede[2] é substantivo feminino e vem do latim *rete*, tendo como primeiro significado relacionado o "entrelaçamento de fios, cordões, arames, etc. formando uma espécie de tecido de malha com espaçamentos regulares, quadrados ou losangos, relativamente apertados, que se destina a diferentes usos". O dicionário entrega mais 26 possíveis interpretações da palavra, que vão desde o artefato utilizado nas pescarias e nos esportes, passando pelo conjunto de vias de transporte e sistemas da anatomia humana, até o conglomerado de meios de comunicação. Polissêmica e versátil, uma rede pode ser "qualquer estrutura ou conjunto que se assemelha a um sistema reticulado".

Essa estrutura ou conjunto tem um histórico bastante consolidado dentro na área das Ciências Exatas, considerando o advento da eletricidade como um dos grandes exemplos de aplicação do conceito de rede como um modelo de geração, transmissão e distribuição de energia elétrica em larga escala no final do século XIX. Antes ainda, na área das Ciências Biológicas, Coelho Neto (2012, p. 47) cita as descobertas acerca do sistema circulatório e do metabolismo humano ao longo do século XVII e como

---

[2] REDE. In: Michaelis. **Dicionário** brasileiro da Língua portuguesa. Disponível em: https://michaelis.uol.com.br/. Acesso em mar/2023.

apontavam para esse tipo de funcionamento, enquanto "[...] redes sanguíneas, redes metabólicas, redes biológicas e redes neurais [...]".

A centralidade em estudos na área da Sociologia ganhou força durante a década de 1940, com correntes distintas de pesquisadores britânicos e norte-americanos A primeira se debruçou sobre a antropologia social, buscando alternativas ao modelo estrutural-funcionalista, uma vez que, "até aquele momento, o conceito de rede social era utilizado pelos pesquisadores no sentido metafórico e não como conceito explicativo de sistemas sociais" (Vermelho; Velho; Bertoncello, 2015, p. 868). Já a vertente norte-americana focou no desenvolvimento de métodos para medir e descrever de que maneira as relações entre grupos aconteciam, mirando em fórmulas e dados que permitissem análises mais quantitativas.

Tomando a liberdade de dar um salto cronológico sobre a produção teórica acerca do tema e trazer luz para a aplicação mais ampla e popularizada da terminologia, convivemos na atualidade com a expressão de uso comum "redes sociais" para designar, grosso modo, estruturas formadas em ambientes online que conectam pessoas e organizações. Essa generalização considera que plataformas digitais online – sites, aplicativos e similares –, abertas a participação popular mediante algum tipo de inscrição ou cadastro para criação de perfil online, tais como Facebook, Instagram e X (antigo Twitter), sejam elas as próprias redes sociais. Apesar da ampla disseminação cotidiana e aplicação constante, inclusive por parte dos meios de comunicação de massa, há que se distinguir as redes sociais das plataformas digitais online: enquanto a primeira designa grupos ou formações de grupos a partir de estruturas específicas e interesses comuns na sociedade, a segunda é uma referência às mais diversas possibilidades de ferramentas de representação no ambiente virtual, na rede mundial de computadores conectada via internet. Considerando que a presente pesquisa se apoiará em publicações de determinados perfis criados em redes sociais online autodenominados como redes colaborativas, é essencial estabelecer essa diferenciação, ressaltando que "[...] as redes sociais na internet não são iguais, assim, em sua constituição, manutenção e publicização, às redes sociais off-line. São outro fenômeno, característico da apropriação dos sites de rede social" (Recuero, 2017, p. 13).

As redes sempre existiram, e isso desde muito antes da chamada Revolução Tecnológica ou Terceira Revolução Industrial pela qual passamos, na qual a sociedade de uma maneira geral (e especialmente os meios de produção) entra em um processo de

digitalização quase que irreversível, em substituição a práticas manuais e analógicas. É dentro desta realidade ainda em construção, estabelecida a uma velocidade nunca antes vista na História da Humanidade, que os sujeitos têm "reconstruído" suas redes sociais a partir da afirmação de elos pré-existentes e com a possibilidade de criar novas e milhares de conexões, alavancada pela experiência de se lançar a inéditos territórios virtuais e amplificar vozes que já ecoavam em um ambiente off-line. Em sua obra que resgata o que chama de origem das mídias sociais, Standage (2014) apresenta relatos sobre o modelo de compartilhamento de informações no Império Romano de Júlio César e Cícero:

> Em vez disso, as informações circulavam por meio da troca de cartas e outros documentos que eram copiados, comentados e compartilhados com outras pessoas na forma de rolos de papiro. [...] a própria correspondência de Cícero, uma das coleções de cartas mais bem preservadas do período, mostra que as trocas de cartas eram constantes com seus amigos, mantendo-os atualizados com as últimas maquinações políticas, transmitindo itens de interesse para os outros e fornecendo seus próprios comentários e opiniões[3] (Standage, 2014, p. 2, tradução livre).

A descoberta da existência de um procedimento de edição e ampliação de conteúdos originais para circulação e leitura de outras pessoas desde então, reforça que o caminho da informação era muito mais complexo do que a simples entrega e leitura de manuscritos aos destinatários finais: eles próprios, em cima de textos originais, imputavam suas anotações que alteravam ou complementavam o teor inicial e que, posteriormente, voltava a circular entre os mesmos ou outros leitores, como um conteúdo 'revisto e ampliado'. Esse movimento corrobora com a ideia de que, intrínsecos às redes sociais, os processos comunicacionais participativos reforçam a base de articulações coletivas através das interações, que extrapolam a organização hierárquica da sociedade e se apoiam na universalidade e horizontalização para comunicar problemáticas reais dos cidadãos.

E essa topografia dispersa, crescente, heterogênea, aberta e plural, que será explorada com mais profundidade no próximo tópico deste capítulo no que diz respeito à

---

[3] "Instead, information cirulated trhough de exchange off letters and other documents wich were copied, commented on, and shared with others in the form of papyrus rolls. [...] Cicero's own correspondence, one of the best-preserd collections of letters from period, shows that the exchange letters constantly whit his friends elsewere, keeping them up to date whit lastet policital machinations, passing on items of interest for others and providing his own comentary and opinions". STANDAGE, T. Writing on the Wall: Social Media - The First 2,000 Years. New York: Bloomsbury, 2014.

sua espacialidade, é a essência constitutiva das redes: elas podem se estender para todos os lados e direções, a partir de conexões simples ou complexas, estabelecendo caminhos em suas linhas e intersecções em seus pontos. E seus nós são os grandes repositórios de valores sociais.

Ao trazer luz para a sociedade estruturada em redes, especificamente com as lupas das Ciências Sociais e da Comunicação, Castells reforça a condição ilimitada de crescimento desse sistema, desde que os novos nós que surjam tenham capacidade para estabelecer uma comunicação dentro da própria rede, ou seja, "[...] compartilhem os mesmos códigos de comunicação (por exemplo, valores ou objetivos de desempenho)". Ainda sobre essa estrutura em constante mutação, um desenho inicial estabelecido pelo autor aponta para uma estrutura de infinitas possibilidades:

> A topologia definida por redes determina que a distância (ou intensidade e frequência da interação) entre dois pontos (ou posições sociais) é menor (ou mais frequente, ou mais intensa), se ambos os pontos forem nós de uma rede do que se não pertencerem à mesma rede. Por sua vez, dentro de determinada rede os fluxos não têm nenhuma distância, ou a mesma distância, entre os nós. Portanto, a distância (física, social, econômica, política, cultural) para um determinado ponto ou posição varia entre zero (para qualquer nó da mesma rede) e infinito (para qualquer ponto externo à rede) (Castells, 1999, p. 498).

E assim como ele, centenas de outros pesquisadores deram suas contribuições na atualidade para a definição de redes, esse fenômeno essencial à vida em sociedade que, posto de maneira sucinta pela presente tese, pode-se considerar o estabelecimento de conexões entre cidadãos, em maior ou menor grau, a partir de necessidades, afinidades ou proximidade.

Ao longo do trabalho de revisão teórica, considerando o grande volume de conteúdos já expostos neste capítulo a partir de uma pesquisa exploratória livre, fez-se necessário aplicações de filtros e seleções mais afinadas com o objetivo proposto nesta investigação, como explicado anteriormente. Dessa maneira, os milhares de resultados obtidos na primeira etapa foram submetidos à condicional de "expressão exata" ou "igual a" (variação de cada base de dados para expressar uma mesma situação), entre aspas, conforme aqui redigido: "Colaboração e Comunicação, "Comunicação Colaborativa", "Redes Colaborativas" e "Redes Colaborativas de Comunicação".

Quadro 2 – Pesquisa exploratória com aplicação de filtros específicos

	Colaboração e Comunicação	Comunicação Colaborativa	Redes Colaborativas	Redes Colaborativas de Comunicação
Scielo	68	33	41	3
Repositório Institucional Unesp	21	14	147	2
Portal Capes	14	15	176	1
Google Acadêmico	18	26	208	3

Fonte: Elaborado pela autora (2023)

A redução significativa na quantidade de arquivos a partir da aplicação de filtros específicos era esperada, mas também revela que alguns termos acabam sendo mais populares – logo, mais utilizados – do que outros. Para a busca na base Scielo, além da expressão, foi utilizado o operador "Todos os Índices". No Portal Capes, a opção de Busca Avançada considerou os seguintes critérios para cada uma das expressões: "Qualquer campo" e "é (exato)", além de se aplicar a "Todos os Itens", "Qualquer Idioma" e "Qualquer Ano" (para data de publicação). Já no Repositório Institucional Unesp, na opção Filtros para refinar a busca, foram aplicados os operadores de proximidade "Título" e "é igual a", com indicação para pesquisa em "Todo o Repositório". Por fim, para a pesquisa no Google Acadêmico, trabalhou-se em Pesquisa Avançada, indicando para busca "com a frase exata" e "em qualquer lugar do artigo".

Apesar de uma recuperação com maior qualidade, isso não significa, ainda, que todo esse volume tenha aderência com o teor da presente pesquisa, uma vez que a utilização das expressões varia, inclusive, em suas aplicações dentro de uma mesma área. Sem realizar um aprofundamento nessa análise, justamente por descartá-la ao detectar esse ponto, foi possível perceber, por exemplo, que "Comunicação Colaborativa" é utilizada, essencialmente, para designar processos comunicativos ligados ao universo corporativo, ou seja, que ocorrem dentro de empresas e com foco no mercado de trabalho e relacionamentos profissionais. Há algumas exceções, porém, quando o direcionamento da pesquisa está relacionado à área da Educação e a colaboração entra como um elemento diretamente ligado à participação de todo um ecossistema de ensino. Da mesma maneira, a aplicação do termo "Redes Colaborativas" se abre em espectro muito amplo de áreas, com uma leve predominância em estudos ligados à Sociologia e muito poucas pesquisas

na área de Comunicação, fato esse que fica explícito com o último filtro aplicado. “Redes Colaborativas de Comunicação” acaba tendo a menor incidência entre as expressões e, enquanto escopo de estudo, observa-se que os conteúdos relacionados com a expressão exata contemplam artigos, dissertações e teses majoritariamente nas áreas do Direito, Saúde e Educação.

O paradoxo da quase infinidade de produções com a escassez de alinhamento acerca da aplicação dos conceitos não é fato novo nem tampouco espantoso, levando em conta a amplitude teórica a temas tão diversos e áreas distintas as quais permitem a seu embasamento. Em função disso, torna-se necessário reafirmar com quais pensamentos a presente tese seguirá dialogando, com objetivo de estabelecer as premissas para uma Rede Colaborativa de Comunicação, mantendo o foco no sentido colaborativo nos processos comunicacionais que se estabelecem em plataformas online conduzidos a partir da participação comunitária e com viés midiático-cidadão.

Considerando que uma sociedade em rede é aquela “cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica” (Castells, 2017, p.70), temos uma leitura já alocada na atual realidade em que a rede mundial de computadores está estabelecida como um dos pilares das relações sociais - seja em âmbito pessoal ou profissional. Complementando essa linha de pensamento, é possível pensar que tal estrutura se desenvolve a partir de conexões deliberadas desencadeadas pela identificação de fatores comuns, como experiências, necessidades e afirmação:

> [...] como estruturas flexíveis e cadenciadas, as redes devem se estabelecer por relações horizontais, através de uma interconexão e em dinâmicas que supõem o trabalho colaborativo e participativo. Sustentam-se através da vontade e afinidade de seus integrantes, revelando um significativo recurso organizacional, tanto para as relações pessoais quanto para a estruturação social (Silva, 2007, online).

Corroborando com esse pensamento, Scherer-Warren (2006) coloca que as redes “são estruturantes da sociedade contemporânea globalizada”, com o cuidado de reforçar que se referem a maneiras de se relacionar e articular socialmente que sempre existiram – apenas seguem em um formato novo, com características específicas. E, por esse motivo, se mostram plurais e exigem um olhar apurado para suas formações, uma vez que

“as redes, por serem multiformes, aproximam atores sociais diversificados – dos níveis locais aos mais globais, de diferentes tipos de organizações –, e possibilitam o diálogo da diversidade de interesses e valores” (Scherer-Warren, 2006, p. 115).

O desafio de delimitar o que caracteriza uma rede na presente pesquisa é perpassado pelo entendimento de que, antes de tudo, trata-se de um fenômeno social ancorado na participação ativa dos sujeitos. Sem interação, não há rede. O caráter horizontalizado das relações em rede põe-se como motor de um sistema de troca de informações baseadas em identificação (social, cultural, causal) e valores compartilhados, sem perder de vista a pluralidade de visões. Sua estrutura flexível, dispersa, não hierarquizada e crescente, traz como seus nós os próprios sujeitos, atores sociais que se encarregam de ampliar suas informações multidirecionalmente.

E não há como pensar nos fluxos comunicacionais em uma era digital sem o protagonismo das redes. A evolução tecnológico-midiática dos tempos atuais posta por McLuhan (1964) – levando em consideração o período em que escreveu sobre os meios de comunicação como extensão do homem quando ainda não se vislumbrava em sua totalidade a centralidade dos meios digitais sobre a vida cotidiana nos termos em que hoje testemunhamos – reforça a ideia de sociedade “especializada e fragmentada”, passando por momentos de reunificação e generalização, unindo centro e margem em função do desenvolvimento tecnológico. Em suas palavras: “[...] a aceleração e a ruptura são os principais fatores do impacto dos meios sobre as formas sociais existentes. Hoje a aceleração tende a ser total, dando fim ao espaço como fator principal das disposições sociais” (McLuhan, 1964, p. 248). O ponto central desse pensamento nos leva ao próximo tópico, que trata especificamente do rompimento das barreiras geográficas para a formação de redes.

1.2 O espaço da Rede

As reflexões sobre internet, os negócios e a sociedade que Castells apresentou no início dos anos 2000 em seu livro A Galáxia da Internet foram consideradas visionárias, uma vez que, grosso modo, estabelecia a rede mundial de computadores como o centro nervoso estruturante de toda a sociedade contemporânea a partir de então – e nestes termos vivemos a atualidade. Porém, mesmo com essa premissa estabelecida ao longo da obra, em determinado ponto de reflexão disposto no trecho a seguir, o autor sugere que a despeito dessa importância fundamental no cotidiano, o poder da internet se limitaria ao universo virtual, sem trazer impactos para o dia a dia do 'mundo real', inserindo apenas uma nova camada de interação ao que já estaria estabelecido:

> Contrariando alegações de que a Internet seria ou uma fonte de comunitarismo renovado ou uma causa de alienação do mundo real, a interação social na Internet não parece ter um efeito direto sobre a configuração da vida cotidiana em geral, exceto por adicionar interação online às relações sociais existentes (Castells, 2003, p. 124).

A contextualização do período em que a obra foi veiculada é essencial: em 2001, ano da sua primeira publicação, o mundo ainda estava assimilando os impactos da chegada da internet de maneira mais maciça e, ainda assim, bastante restrita. Um tempo em que o acesso era feito via conexão discada, com um número muito menor de páginas online e interações através de salas de bate-papo virtual (conhecidos também como *chats*), além do tímido início das primeiras redes sociais online com perfis individuais, Orkut e Facebook, ambas em 2004. No Brasil, o número estimado de usuários em janeiro de 2001[4] não chegava a 10 milhões, o que representava cerca de 5,7% da população com acesso à internet. Diante desse cenário ainda incipiente, de fato não haveria como prever a quase que inversão da constatação de Castells: o impacto sobre a configuração da vida cotidiana não só está plenamente estabelecido como se observa um entrelaçamento no desencadear de fatos que permeiam as relações reais e virtuais, ampliando conexões e abrindo novas interfaces de interação, que amplificam e legitimam vozes – sejam elas locais ou globais.

[4] Estimativa de usuários brasileiros em janeiro de 2001 levantados pelo Ibope eRatings e pelo serviço norte-americano Nielsen/NetRatings. Disponível em: https://memoria.rnp.br/noticias/imprensa/2001/not-imp-010310.html (Acesso em: dezembro/2022)

Resgatando que a presente tese tem como objetivo demonstrar de que maneira as Redes Colaborativas de Comunicação Online trazem uma contribuição efetiva para o exercício da cidadania e estabelece articulações entre questões que não nascem no universo digital, mas que ali encontram uma ampla arena para o debate e o desdobramento para ações efetivas faz-se necessária uma contextualização espacial desse novo fluxo comunicacional. Em outras palavras, em que locais essas redes se estabelecem e de que forma se mobilizam e se movimentam para exercer legitimamente seus valores.

Ao tratar de uma geografia das redes, Milton Santos (2002) traz a ideia de duas grandes matrizes que a compõe: a realidade material e o dado social. Como realidade material, entende-se toda a infraestrutura aplicada para o funcionamento físico de redes e que permite o transporte de matérias de um ponto ao outro. Mas o que interessa ao autor e a esta pesquisa está na segunda matriz, que a torna social e política "[...] pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam". Considerando que o enfoque de sua literatura está diretamente ligado à necessidade de entender as mudanças ocorridas no espaço geográfico ao longo do século, seus apontamentos se voltam essencialmente à reflexão teórica sobre os impactos do processo de globalização – o que também inclui os progressos na área da tecnologia e da informação.

> Os suportes das redes encontram-se, agora, parcialmente no território, nas forças naturais dominadas pelo homem (o espectro eletromagnético) e parcialmente nas forças recentemente elaboradas pela inteligência e contidas nos objetos técnicos (por exemplo, o computador). Desse modo, quando o fenômeno de rede se torna absoluto, é abusivamente que ele conserva esse nome. Na realidade, nem há mais propriamente redes; seus suportes são pontos" (Santos, 2002, p. 264).

Com o surgimento de um novo espaço, topologicamente virtual e permeado pela conectividade, a "mundialização" das redes se dá de maneira quase que orgânica, embora visivelmente acelerada pelos processos de produção modernos e as necessidades econômicas universais. O que as coloca como "[...] os mais eficazes transmissores do processo de globalização a que assistimos". Assim como a noção temporal, a questão espacial passa a ser ressignificada através de conexões estabelecidas em e a partir de qualquer local, consolidando a ideia de que "[...] do mesmo modo que não há um tempo global único mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas,

apenas, espaços da globalização, espaços mundializados reunidos por redes" (Santos, 2002, p. 333).

O poder de extrapolar limites espaciais e temporais também se mostra como um preceito essencial em Castells (1992), quando trata de características elementares da rede, e o que se observa, na prática, acompanhando os movimentos de grupos e perfis nas plataformas de redes sociais online é que para além das individualidades – gostos, opções, circunstância, etc. – existem questões que estimulam em maior ou menor grau a participação e a interação de pessoas que não fazem parte, necessariamente, de um grupo geograficamente próximo. Na sociedade digitalizada e altamente orientada pelas conexões virtuais, as causas são maiores do que as fronteiras – e mesmo estas, adquirem um novo caráter.

A capacidade de expansão e retração das redes, a partir de demandas externas vinculadas a experiências identitárias e coletivas, constitui um dos focos para qual a presente pesquisa se direciona: a articulação de discursos que representem ideários comuns entre os elos da rede, mais do que reforçar a relevância sobre determinado tema, determina a amplitude que ele alcançará, a velocidade com que atingirá mais 'nós' e seu impacto sobre as relações sociais entre os sujeitos.

Perfis criados em redes sociais online, sejam eles de caráter pessoal/individual ou coletivo (grupos, organizações, empresas, entre outros), mesmo que nasçam com o objetivo de atingir públicos locais, já assumem em sua essência certa 'desterritorialização': ao mesmo tempo em que esses perfis agregam sujeitos que já fazem parte de sua rede social real, próxima e *off-line*, inserem-se também em um campo aberto, espaço sujeito a interações de outros agentes de qualquer parte do mundo. Essa é uma ideia que entra em consonância direta com um ponto trazido por Santos (2002), sobre a afirmação paradoxal de que "[...] as redes seriam incompreensíveis se apenas as enxergássemos a partir de suas manifestações locais ou regionais. Mas estas são também indispensáveis para entender como trabalham as redes à escala do mundo".

Embora as redes não tenham nascido por causa da internet, é através da conexão pela rede mundial de computadores que podem se expandir, tornar-se mais fortes e até definhar, tendo como suporte as plataformas digitais para amplificar vozes reunidas em torno de valores compartilhados por cidadãos das mais diferentes localidades. Essa é uma questão que será aprofundada no próximo capítulo, ao serem abordadas as diferentes características daquelas que podem ser enquadradas no perfil de Redes Colaborativas de

Comunicação Online, considerando aspectos como velocidade de expansão, volume de seguidores e tempo de atuação. Por hora, interessa reforçar que as diferenças são essenciais a essas redes, uma vez que o que as valida não são seu tamanho (no ambiente real ou digital) ou seu alcance, mas, sim o processo midiático que desencadeiam.

Correndo o risco calculado de incorrer em redundâncias, pois aqui se faz necessário, não se deve esquecer-se de outra característica basilar, a da totalidade aberta das redes, que permite crescimento em todos os sentidos, lados e direções, encontrando nos nós o "único elo constitutivo", sem que, por esse motivo, sejam estes considerados pontos de privilégio, mas caminhos para vias mediadoras plurais e complexas:

> No espaço irregular das redes, pode-se, entretanto, destacar subconjuntos restritos e localmente organizados de tal maneira que os seus elementos se refiram mais a esta parte do que ao conjunto total. Estes conjuntos organizados formam agrupamentos e coexistem com outros agrupamentos do mesmo tipo, havendo entre eles uma forte interferência (Moraes, 2000, p. 13).

O espaço da rede é, pois, terreno aberto e sem fronteiras geográficas, construído diariamente a partir de processos interativos entre pessoas e interfaces tecnológicas, em tempo real, formando o que Di Felice (2008) descreve como metaterritórios informatizados. A internet, "ágora eletrônica global" prenunciada por Castells (2003), permite que o próprio sujeito defina sua posição, como se movimenta na direção a diversos e diferentes espaços e quais formas de interação estabelece com cada ambiente – inclusive de que maneira desloca para o campo da ação em seu território real as informações que produz e consome em suas redes sociais online.

1.3 Colaboração EM e NA Rede

Colaborar: Verbo 1. *transitivo indireto e intransitivo*. Trabalhar com uma ou mais pessoas numa obra; cooperar, participar. 2. *transitivo indireto*. Concorrer ou contribuir para. 3. *transitivo indireto*. Escrever artigos (para publicação periódica), verbetes (para dicionários ou enciclopédias) etc. 4. *transitivo indireto*. Efetuar trabalho de cooperação. Origem: latim tardio collabõro 'trabalhar de comum acordo'[5]

Da mesma maneira que os outros conceitos até agora esmiuçados sem a pretensão de esgotamento e com a finalidade propositiva de compor a expressão Redes Colaborativas de Comunicação, o termo 'colaboração' tem uma amplitude de aplicações e significados nas mais diferentes áreas do conhecimento em que se insere. Com a diferença estrutural de, em alguns momentos, precisar se diferenciar de um outro conceito que se tornou, pelo uso generalizado e consenso popular, considerado próximo: a cooperação. A recorrência na conversação cotidiana solidificou a circunvizinhança entre os termos, na medida em que ambos são utilizados de maneira generalizada para indicar algo que precisa ser feito em grupo, por várias pessoas, a fim de se conseguir cumprir um objetivo coletivo.

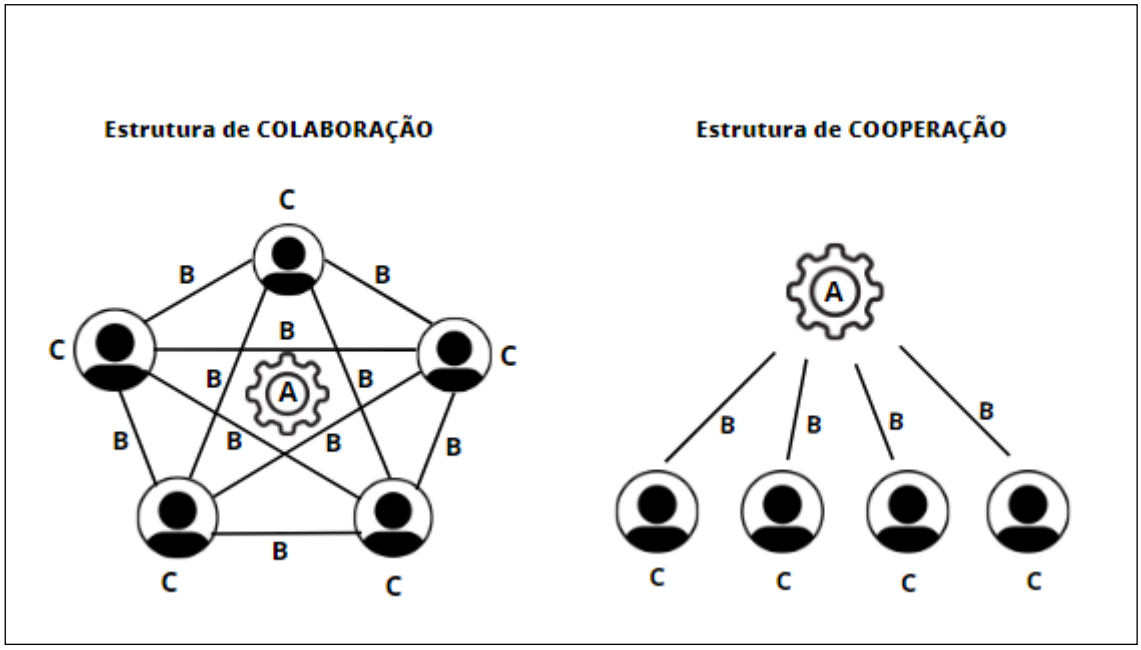
O que há de mais explorado na literatura sobre essa proximidade é que, apesar dela, há distinções claras em relação ao modo como a ação se desenvolve. E vale relacionar aqui as diferenças a partir da perspectiva de Panitz (1999), justamente para delimitar a opção em se seguir com a colaboração (e não a cooperação) na construção do conceito proposto pela presente tese. Em suas reflexões sobre a temática inserida na área da Educação, o autor estabelece que "[...] a colaboração é uma filosofia de interação e estilo de vida pessoal, onde os indivíduos são responsáveis por suas ações, inclusive aprendendo e respeitando habilidades e contribuições de seus pares"[6] (Panitz, 1999, p. 3, tradução nossa). Em contrapartida, a cooperação opera no sentido de alcançar um objetivo único, como uma "[...] estrutura de interação projetada para facilitar a realização de um

[5] Definições do Dicionário Oxford Languages (online).
[6] "Collaboration is a philosophy of interaction and personal lifestyle where individuals are responsible for their actions, including learning and respect the abilities and contributions of their peers;"

produto final ou meta específica por meio de pessoas que trabalham juntas em grupos”[7] (Panitz, 1999, p. 3, tradução livre).

Colocando em outros termos, enquanto a cooperação pressupõe a união de pessoas que se organizam para chegar ao mesmo lugar a partir de ações estruturantes ou técnicas pré-definidas, a colaboração atua de maneira menos verticalizada, unindo indivíduos que compartilham dos mesmos valores (e que podem ter vários objetivos em comum) em um sistema de trocas simbólicas ou efetivas que não envolve, necessariamente, o pertencimento a um grupo organizado ou a uma estrutura geograficamente próximos.

Imagem 1: Diagrama comparativo de estruturas de Colaboração e Cooperação



Fonte**:** Elaborado pela autora (2023).

Considerando a demarcação conceitual deste estudo sobre a colaboração, temos que ela se apresenta como uma ação de características solidária e democrática, horizontalizada e participativa, e as ações colaborativas podem ser observadas sob o olhar freireano, num trabalho de construção coletiva a partir do diálogo. Na demonstração

[7] “Cooperation is a structure of interaction designed to facilitate the accomplishment of a specific end product or goal through people working together in groups.”

pictórica dessa premissa (Imagem 1), o elemento A representa a causa ou fato gerador que instiga pessoas (elemento C) a se movimentarem em prol de sua resolução, divulgação ou qualquer outra ação cabível em seu andamento. O que diferencia, portanto, a colaboração da cooperação é a forma de estruturação da atividade, ou, ainda, como os indivíduos ou grupos de indivíduos estabelecem ou não processos interacionais (elemento B) entre si. Em um resgate sucinto da teoria dialógica, a liberdade de pensamento facilitado por um processo horizontal de comunicação – que implica em trocas e nunca imposição de ideias – é um dos eixos centrais da construção do conhecimento, uma vez que "[...] a comunicação é diálogo, assim como o diálogo é comunicativo" (Freire, 1997, p. 67). E é sobre essa sentença que se estabelece a ideia de colaboração entre os indivíduos, que são sujeitos do conhecimento e sujeitos aprendentes ao mesmo tempo, compartilhando suas leituras de mundo e contribuindo coletivamente para que novos saberes sejam criados:

> É então indispensável ao ato comunicativo, para que este seja eficiente, o acordo entre os sujeitos, reciprocamente comunicantes. Isto é, a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito. (Freire, 1977, p. 67)

O caráter emancipatório da teoria está na provocação do diálogo a partir da problematização de situações reais (fenômeno que Paulo Freire chama de "temas geradores"), que fazem parte do contexto do sujeito, e a estimulação de discussões com viés crítico sobre o problema, a fim de encontrar coletivamente a solução para o mesmo. Daí nasce a produção de sentido, ou seja, o significado com a mesma significação para todos os envolvidos no processo de "[...] conhecer solidário com o agir e vice-versa" (Freire, 1977, p. 74).

Essa socialização de significações só é possível a partir do dialogismo, que implica em práticas de escuta, direito à palavra, exercício de reflexão, compartilhamento de ideias e respeito pelo pensamento, pelas diferenças e pelos conhecimentos do outro. É esse ciclo contínuo o responsável por semear o terreno de ações libertadoras, que partem

do geral para chegar ao particular, atendendo a demandas individuais, mas também coletivas, desenhando o que Freire chama de “círculos concêntricos” de saber.

> Consequentemente, as ações libertadoras, num certo meio histórico, devem corresponder não somente aos temas geradores como ao modo de se perceber estes temas. Esta exigência implica em outra: a procura de temáticas significativas (Freire, 1979, p. 89).

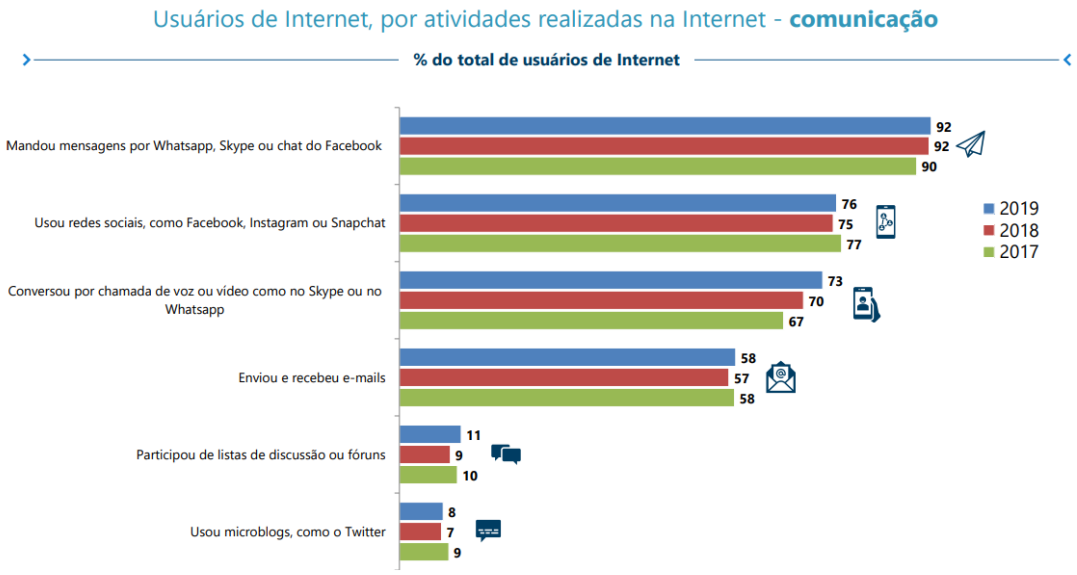
As temáticas desabrocham de um complexo contexto sócio-econômico-cultural na qual os sujeitos estão inseridos, pautadas pelos desafios históricos e problemáticas da vida em sociedade. A comunicação colaborativa se mostra como alternativa para que indivíduos e grupos compartilhem questões essenciais e exerçam a legitimação de seus valores, atendendo demandas da comunidade em nível local – mas, não apenas. No mundo globalizado-digitalizado, a convergência de histórias e acontecimentos podendo ser transmitidos para qualquer outro lugar do planeta ilustram o que Milton Santos (2002, p. 203) pontua como “[...] domínio do espaço e do tempo em escala planetária”. Ou seja, a informação gera conhecimento imediato de uma situação, cria a relação entre acontecimento e lugar e, mesmo que não estejam territorialmente próximos, escancara o mesmo sistema global de relações. Trata-se de um “[...] um mundo da ação em tempo real” (Santos, 2002, p. 332), onde as redes são uma mescla de materialidade e ação no que, já foi abordado nesta tese anteriormente, configura-se um processo interacional contínuo e dicotômico de trocas entre o local e o global.

Neste contexto, as redes colaborativas não se prestam a ditar regras, mas, sim oferecer uma multiplicidade de argumentos calcados em fatos e valores comuns, a fim de ampliar a circulação de informações, fomentar o debate e ser o motor de um processo comunicativo horizontalizado e democrático – tópicos sobre os quais a presente tese irá se debruçar com mais afinco em capítulos posteriores. Por hora, vale ressaltar também que as barreiras geográficas transpostas pela ausência de fronteiras digitais, por si só, já elevam a outro patamar o se relacionar com o mundo do sujeito das teorias freireanas. Massimo Di Felice aborda a questão das transformações das tecnologias de comunicação para além das mudanças em estruturas sociais, mas enquanto novos paradigmas do próprio ser: “[...] com a computação móvel (celulares, PC portáteis, GPS, etc.) o indivíduo, a sua psiquê e sua relação com o mundo, passam a ser construídas colaborativamente junto às tecnologias informativas digitais” (Di Felice, 2008, p. 47).

Com a consolidação do ambiente digital enquanto espaço propenso a absorver as mais variadas demandas comunicacionais dos indivíduos nos tempos atuais, tornando-se uma passarela ao ar livre de todo tipo de questão que entremeia a vida em sociedade (sejam elas sociais, econômicas ou culturais), as redes sociais online assumiram um papel central na vida daqueles que têm acesso à internet e equipamentos que permitam se conectar, como smartphones ou computadores. Isso porque aqui vale um parêntese importante na contextualização do uso da internet e das redes sociais online: no Brasil, ainda há um grande contingente populacional que está completamente fora dessa realidade. De acordo com a Pesquisa sobre o Uso das Tecnologias de Informação e Comunicação nos Domicílios Brasileiros – TIC Domicílios 2019, ainda existem 20 milhões de domicílios sem internet no país. E, ao falarmos de indivíduos, o número chega a 47 milhões de pessoas que não estão conectadas à rede mundial de computadores, ou seja, cerca de 26% da população.

Mesmo demonstrando que ainda estamos distantes de uma democracia digital, a pesquisa revela que, para aqueles que tiveram acesso à internet, as principais atividades relacionadas ao tema Comunicação no universo virtual se concentraram nas redes sociais online.

Imagem 2: Usuários de Internet, por atividades realizadas na Internet - Comunicação



Fonte: CGI.br/NIC.br

Não por acaso, são nestes ambientes em que as trocas de informações, as articulações sobre temas relevantes para indivíduos e grupos sociais, e a emissão de opiniões ou argumentações sobre determinados assuntos é mais presente. Da mesma maneira, as redes sociais online se firmam enquanto espaços globais com potencial para expandir vozes locais e vice-versa. A prática dialógica é uma constante no processo comunicativo estabelecido nestes canais, ainda que seguindo às regras colaborativas permitidas a cada um deles, seja em forma de curtidas, comentários ou compartilhamentos. Ainda nas palavras de Di Felice (2008, p. 46), trata-se de um "[...] processo comunicativo completamente dependente da interação dialógica e multidirecional entre sujeitos".

A participação ativa nos processos de comunicação estabelecidos a partir das redes sociais online transporta o cidadão e suas problemáticas e necessidades comunitárias para um novo espaço de articulação, que transpõe a vida em rede de contatos estabelecida pela proximidade real, para uma atuação na rede firmada no ambiente virtual e com potencial para alcançar outros sujeitos que compartilhem das mesmas questões.

> É o tal negócio da relação, que é dialética, entre denunciar e anunciar: a pura denúncia, a denúncia que não se alonga em anúncio, é uma denúncia que se castra. Todo anúncio tem de vir com um amanhã, que por sua vez está se gerando, e não se gera a não ser através da mudança do hoje (Freire, 2013, edição online).

Entre as ideias centrais do presente tópico, é necessário destacar que colaboração também representa experiência, reforçando a ideia de construção do conhecimento a partir de saberes diversos. No ambiente virtual, o ato de colaborar está atrelado simbolicamente a outros conceitos como "curtir", "comentar" ou "compartilhar". Aqui cabe resgatar o pensamento sucinto, porém bastante assertivo de Kleindorfer (2012, p.75), segundo o qual "[...] hoje, o caminho da informação passa mais pela conexão e colaboração do que pelo comando e controle". O dialogismo não se fecha em formatos pré-estabelecidos e, por esse motivo, as novas articulações discursivas se adequam ao que há na essência do conceito: respeitar o espaço da experiência e da identidade de cada

indivíduo, para que não se perca a liberdade da expressão de seu conhecimento, bem como a abertura a construção de novos saberes.

Capítulo 2: O cidadão em rede e as redes do cidadão

As reconfigurações nos campos social, político, econômico e cultural impostas pelos avanços da tecnologia são irreversíveis e sobre isso há muito pouco a se contestar – embora a todo momento se ouçam ressonâncias apocalípticas sobre o futuro catastrófico que o rápido desenvolvimento da Inteligência Artificial guarda para a Humanidade. Entretanto, esse não é o objeto da presente pesquisa, logo, não caberá a estes escritos o espaço para essa discussão sobre as chamadas tecnologias emergentes que buscam reproduzir competências humanas. Voltando o foco à escalada tecnológica e seu impacto direto nos fluxos e processos comunicacionais, com a extensão ampliada às redes de transmissão de dados (ainda que o acesso à internet seja mais lento para populações que estão à margem do desenvolvimento) e contato cada vez maior com as mídias digitais, tem-se observado de maneira muito frequente o surgimento de novas formas de coletar, tratar e distribuir a informação.

O papel crucial que a conexão através da rede mundial de computadores desempenha como caminho para expansão, fortalecimento e até mesmo declínio de determinadas redes de comunicação, reforçam seu ambiente propício para amplificar vozes provenientes de diversos locais, unidas em torno de valores compartilhados por cidadãos pertencentes aos mais diferentes contextos. Fato esse que, conforme colocado no capítulo anterior, não se pode ovacionar como uma invenção dos tempos modernos: estruturar a comunicação em rede sempre foi um recurso eficiente de produção, distribuição e recepção de informações, inclusive para grupos pequenos e marginalizados. O que se testemunha nesta era altamente conectada soa mais como uma espécie de resgate das estratégias comunicativas que foram temporariamente esmagadas pelo peso dos veículos de comunicação de massa:

> O vácuo deixado pela verticalização emissor/receptor no processo comunicacional se converte em espaço útil para o eco de vozes até então não ouvidas e que, por identificação de necessidades básicas (suas ausências, especialmente), tendem a se reorganizar em espaços virtuais e formar um coro que vai muito além do lamento de sua própria condição (Santi, 2019, p. 78).

A proposta do presente capítulo é acrescentar ao afluente leque de Comunicação Popular uma nova perspectiva, a partir da qual se pode observar entrelaçamentos

conceituais com este modelo comunicativo, incorporando aspectos das novas dinâmicas que orientam a vida social no ambiente digital e não necessariamente se encaixam nestas definições – sem, no entanto, perder o caráter embrionário de Mídia Cidadã. Como lembra Peruzzo (2015, p. 554), a própria comunicação popular já recebeu uma série de denominações, tais como participativa, horizontal, dialógica e radical, desde sua origem nos movimentos sociais que marcaram o Brasil e a América Latina nas décadas de 1970 e 1980. Por se tratar de uma estratégia inerente a esses movimentos, nasceu com objetivo central de amplificar as vozes de comunidades subalternas, denunciar injustiças e reivindicar direitos, entre outras ações de mobilização. Ao longo dos anos, porém, o uso da expressão Comunicação Comunitária ganhou mais força, se popularizando inclusive entre a grande mídia e, em termos práticos, trazendo novos vieses ao conceito de Comunicação Popular.

> Na prática, a comunicação comunitária incorpora conceitos e reproduz práticas tipicamente da comunicação popular em sua fase original e, portanto, confunde-se com ela, mas ao mesmo tempo constrói outros matizes. Por exemplo, às vezes se desconecta de movimentos sociais e assume feições diversificadas quanto às bandeiras defendidas e mensagens transmitidas. Tende a ser menos politizada no seu discurso, sem deixar de ser política, ao denunciar os desmandos dos serviços públicos e reivindicar direitos (Peruzzo, 2015, p. 555).

E não que o norte inicial, a guia mestra de ser uma comunicação a partir do social, do povo, de suas necessidades e do desvelamento de opressões, tenha de alguma forma se perdido, ao contrário: o que se soma agora aos princípios dessa práxis comunicativa são novos instrumentos, que podem ser operados individualmente, a partir de qualquer local, a qualquer momento e por qualquer cidadão. O espaço para iniciativa cidadã está aberto e não tem fronteiras, na mesma medida em que a colaboração se apresenta para a construção dialógica (quase um pleonasmo!) de um fluxo informativo em rede. O ponto que se coloca a partir daqui é que para a comunicação ser cidadã, precisa ser colaborativa e, por ser colaborativa, passa a ser cidadã.

2.1 Sujeito e coletivo

A fim de contextualizar historicamente, mas, sem a necessidade de um retrocesso demasiado alargado, vale resgatar os registros acerca do trabalho desenvolvido por Mario Kaplún no Uruguai enquanto estava exilado de seu país natal, a Argentina. O educador e comunicador (ou educomunicador, para usar o termo que o próprio cunhou) que tinha uma ampla experiência na produção para rádio e televisão e envolvimento com meios de comunicação comerciais de um modo geral, atuando na prática também como jornalista e publicitário, transitava pelo universo da pesquisa e da escrita com a mesma habilidade e as mesmas inquietações: a necessidade de uma transformação real na educação através da comunicação.

> A escola, os meios de divulgação em massa, enfim, todo aquele conjunto que foi chamado de "aparelho ideológico" tende a estimular na população - e mesmo nos setores populares, imunes à sua influência – atitude acrítica; para reforçar e consolidar uma série de "valores" e padrões de comportamento. Nossa mensagem pressupõe outros valores e propõe outras orientações; e, portanto, colidem com aqueles que, devido à enorme influência ambiental, muitos de nossos destinatários se acostumaram a aceitar (Kaplún, 1998, p. 139, tradução nossa)[8].

Mudança essa que só seria possível a partir de três frentes de atuação essenciais: em primeiro lugar, o fim do caráter conteudista na educação, seguido pelo aprendizado de uma leitura crítica e, por fim, a efetivação de uma comunicação participativa e dialógica – essa última, em especial, materializada em seu reconhecido projeto Cassete-Fórum. Também chamada de K7 Fórum, a abordagem desenvolvida por Kaplún teve como modelo referencial uma experiência nascida nas rádios rurais da Inglaterra, desenvolvida no Canadá e aplicada em outros países, como Índia, Gana e Tanzânia, Estados Unidos, França e Peru (Kaplún, 1978, p. 34). Nessas primeiras aplicações, chamadas de T.A.C (tecnologia de áudio cassete) pelo seu precursor, o professor Royal D. Colle, no entanto, as fitas eram usadas apenas como forma de difundir informações, um “repetir circulante de mensagens gravadas”. A partir do reconhecimento da necessidade de criar espaços alternativos de comunicação em comunidades uruguaias,

[8] “La escuela, los médio de difusión masiva en fin, todo ese conjunto que se ha dado llamar “el aparato ideologico” tienden a fomentar en la población – e incluso en los sectores populares, que so inmunes a su influencia – una actitud acrítica; a reforzar y consolidar una serie de “valores” y de pautas de comportamiento. Nuestro mensaje presupone otros valores y propone otras pautas; y, en consecuencia, entra en colisión con aquellos que, por la influencia ambiental masiva, muchos de nuestros destinatarios se han acostumbrado a dar por válidos”

Kaplún reelabora os princípios da T.A.C, ampliando a estratégia para possibilitar a participação de diferentes vozes e perspectivas, através da gravação de debates e discussões relevantes em fitas cassete – a ferramenta encontrada para promover a participação ativa e o diálogo nas comunidades, especialmente as rurais, em um momento inicial do projeto (mas, que se estendeu posteriormente a outros grupos e movimentos populares, inclusive urbanos).

As fitas cassete eram distribuídas na comunidade, possibilitando que todos escutassem as gravações em seus próprios ritmos e horários convenientes. Após ouvirem o conteúdo, as pessoas eram incentivadas a compartilhar suas opiniões e ideias por meio de gravações ou discussões em grupo – gravadas do outro lado da fita. Dessa forma, o Cassete-Fórum promovia a participação ativa dos indivíduos e estimulava o diálogo e a reflexão crítica sobre temas sociais, políticos e culturais, em uma abordagem que permitia aos grupos, especialmente aqueles que não tinham acesso regular à mídia tradicional, encontrar um espaço livre para se expressar e participar ativamente do processo comunicativo a partir de sua própria realidade. O método contribuiu de maneira significativa para o fortalecimento das bases de educação popular e a disseminação daquilo que o educomunicador chama de conscientização crítica, abrindo espaço para discussões e reflexões sobre questões relevantes do cotidiano local.

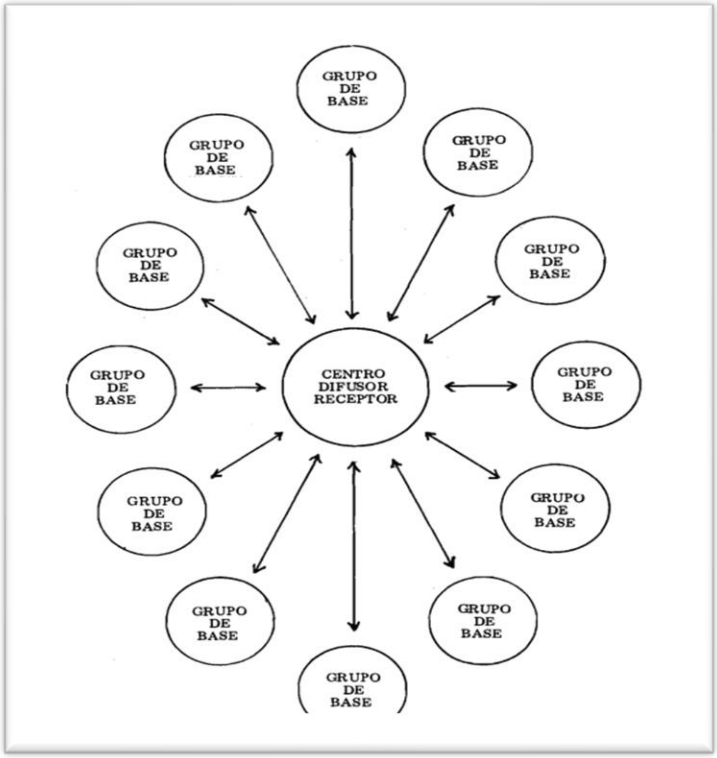
O método Cassete-Fórum é um dos estandartes da abordagem educomunicativa de Kaplún, que buscava combinar a educação e a comunicação de forma participativa, empoderadora e voltada para as necessidades e demandas das comunidades. Como colocado no capítulo anterior da presente tese, é possível analisar a iniciativa sob o viés da colaboração, que se caracteriza pelo seu caráter solidário, democrático, horizontal e participativo, visto que se assemelha profundamente ao conceito de ‘comunicação participativa’ apresentado pelo autor, uma vez que,

> [...] permite a todos os membros da comunidade, sem exceção, a possibilidade de se expressar, de se comunicar, de participar, de influir, de decidir, de criar, de aprender, de ensinar, de cooperar, de construir, de transformar (Kaplún, 1978, p. 29).

O ponto que reforça a centralidade da colaboração nesse novo fluxo informacional e, por consequência, o torna passível de ser considerado uma Rede

Colaborativa de Comunicação é o fato de o sistema ter sido concebido com foco na metodologia (o fórum) e não no suporte tecnológico (a fita cassete). O método denominado "fórum" consiste em reunir um grupo de pessoas para discutir um tema específico, com o objetivo de promover a reflexão crítica e a construção coletiva do conhecimento e da ação. No caso do Cassete-Fórum, a metodologia foi combinada com a tecnologia da fita cassete, permitindo que os grupos de base pudessem trocar mensagens gravadas e estabelecer um diálogo à distância com outros núcleos: todos são emissores e receptores, ou seja, todos são interlocutores. O funcionamento na prática se dava a partir da reunião dos camponeses para ouvir um programa de rádio especialmente preparado para eles e, após a audição, discutiam o tema levantado pela transmissão e procuravam relacioná-lo com suas próprias vidas e atividades (Kaplún, 1978, p. 34).

Imagem 3 – Modelo de comunicação Cassete-Fórum



Fonte: Cassette-Foro. Un sistema de comunicación participatoria (p. 30).

Ainda que o desenho inicial da estrutura sobre a qual se apoia o método não estabeleça a ligação direta e independente entre os grupos de base (já que há necessidade

de a informação voltar ao núcleo – Centro Difusor Receptor – para depois ser reencaminhada aos grupos), observam-se os principais elementos da formação de uma rede. Ao abrir espaço para a participação de grupos apartados geograficamente dos grandes centros e não representados nas mídias tradicionais, trouxe para o centro da conversa os temas que são efetivamente relevantes para suas realidades através do registro oral de suas respostas[9]. Dessa maneira, o Cassete-Fórum se consolidou como um modelo de comunicação participativa e dialógica, formando uma rede que permitiu a todos os membros da comunidade a possibilidade de se expressar com liberdade de pensamento em um fluxo informacional claro e inteligível, exercer a participação e a influência sobre a opinião comum, além de aprender e de ensinar, tendo a colaboração como eixo de construção e transformação local – a partir da realidade vivida por cada grupo.

Esse último apontamento, inclusive, merece destaque no que tange à origem e formação de redes de comunicação alternativa, uma vez que a colonização da informação é o ponto de partida para a exclusão de grupos, povos e comunidades inteiras nos processos midiáticos massivos. Como reforçam Gobbi e Lara, ao relatar os desafios de se refletir sobre a Comunicação na América Latina:

> [...] não podemos perder de foco os elementos formadores de nossa identidade, como a diversidade, o conhecimento advindo dos povos originários, dos escravizados, das mulheres, dos movimentos sociais e das lutas empreendidas pela ideia de pertencimento, formando um conjunto singular, mas não homogêneo, de saberes críticos contemporâneos (Gobbi e Lara, p. 21, 2022).

Ao observar iniciativas de construção de fluxos comunicativos independentes por parte de grupos ou movimentos sociais que não se veem representados nas pautas da "grande mídia", há que se destacar o papel fundamental que desempenham na busca pela democratização da comunicação. Como coloca Mattelart (2009, p. 44), ao lutar pela legalização e sustentabilidade das mídias cidadãs, comunitárias, associativas, livres e independentes, esses movimentos promovem uma ampliação das perspectivas estratégicas e pressionam por mudanças nos sistemas de comunicação. Essa seria, inclusive, uma das formas de exercer plenamente o direito à comunicação, em sua forma

[9] "Pero los campesinos son remisos a escribir, les cuesta mucho expresarse por escrito; en no pocos casos son iletrados ou semi-iletrados o se da en ellos la falta de hábito para lá escritura que los especialistas denominam "analfabetismo funcional" o "por desuso".

mais ampla e irrestrita, combatendo o que o autor chama de "monopólios do conhecimento": estruturas de poder estabelecidas pela hegemonia de uma classe dominante, que exclui vozes ou opiniões diversas e bloqueia o pensamento crítico acerca das relações de força e conhecimento.

Quando Kaplún estabelece que "toda comunicação democrática começa indo às pessoas, partindo delas e de sua realidade" (1998. p. 79), formula simples e diretamente o que se pode considerar uma proposta de fim da divisão de papeis no fluxo informacional. Em outras palavras, o destinatário não fica renegado ao final do processo, assim como o receptor não se restringe ao seu início: tanto um quanto outro participam ativamente de todas as etapas, em uma simbiose de conhecimentos, troca de experiências e construção coletiva da informação. O processo deixa de ser bancário[10] e passa a ser colaborativo. Daí, a pular para a constatação simplista de que as redes sociais online se apresentam como o novo Éden da comunicação democrática é uma grande tentação – há que se considerar inúmeros fatores implicados nos novos fluxos comunicacionais *startados* a partir das plataformas digitais, como a atuação dos algoritmos, as formações de 'bolhas' e a basilar questão do acesso à Internet.

Vale destacar que o próprio Kaplún lança mão de questionamentos sobre a era da hiperconectividade, no que coloca como um duplo movimento de desconfiança e entusiasmo, ao sugerir que estaremos mais distantes das profecias macluhianas e mais próximos da instauração de um "arquipélago global, composto por seres tecnologicamente hipercomunicados mas socialmente isolados" (Kaplún, 1999). Neste ponto, cabe considerar o princípio de emirec (síntese e unificação de emissor e receptor), tão caro ao autor, como o despertar do sujeito coletivo que está na base de sua proposta dialógica da construção conjunta do conhecimento, a caminho do fortalecimento dos processos que levam ao que ele chama de Comunicação Participativa:

> Quando a mensagem é difundida, o sujeito coletivo pode reconhecer-se nela, identificar-se com ela, ainda que sejam outros atores e não ele o protagonista dando vida à história. Ele é, de alguma maneira, co-autor da mensagem: começa a ser 'emirec' (Kaplún, 1998, p. 79).

[10] Em Pedagogia do Oprimido (1981), Paulo Freire cunhou o termo 'educação bancária' para se referir ao modelo tradicional de ensino, que o educador considera passivo, autoritário, verticalizado e limitante. O conhecimento é apenas depositado, sem contextualização ou construção de uma consciência crítica a respeito.

Ao caminhar um pouco mais sobre esse conceito e dele abstrair propositalmente as variáveis citadas anteriormente – algoritmos, 'bolhas' e acesso – é possível vislumbrar muita similaridade entre o emirec e os usuários de redes sociais online. A horizontalidade dos fluxos comunicacionais estabelecidos nesses espaços, no qual cada indivíduo tem a liberdade para pautar, expor e trocar informações sobre temáticas relacionadas às suas demandas, converge para uma proposta mais democrática vinculada ao exercício cidadão do direito à comunicação. Esse novo cenário coloca nas mãos dos cidadãos, literalmente, a decisão de compartilhar (ou apoiar, complementar, discordar) a sua versão de qualquer acontecimento, em nível local ou global, a partir da sua perspectiva e entendimento sobre os fatos. Sejam eles de amplo conhecimento ou restritos à sua comunidade ou grupo de convívio social, em forma de reinvindicação, apelo, denúncia ou simplesmente a emissão de sua opinião.

Essa condição de cada indivíduo vislumbrar a possibilidade de se colocar como um veículo de comunicação em si, através do perfil em uma rede social online, salienta a "ausência da estrutura hierárquica de emissor/receptor no processo comunicativo e abre espaço para vozes até então silenciadas, que encontram nas plataformas virtuais um meio de se expressar e se organizar" (Santi, 2019). Como já explorado no capítulo anterior, na mesma proporção em que as redes sociais online se apresentam como um palco democrático para a atuação de fluxos dialógicos – afinal, a interação está no cerne de sua essência –, possibilitam a pluralidade de pautas em abordagens múltiplas, levando ao tempo/espaço virtual questões reais de um indivíduo, um grupo ou toda uma sociedade. Tomando a liberdade de parafrasear Paulo Freire[11]: as redes somos nós e nós somos as redes.

Tendo como requisito humano basilar a convivência em redes, sejam elas familiares, escolares, religiosas ou profissionais, para citar as mais comuns, as relações e associações que se formam a partir desses convívios se guiam basicamente por laços pré-estabelecidos (família) ou adequação a necessidades sociais (escola e trabalho, por exemplo). Originalmente, são conexões criadas, em sua essência, com o objetivo de garantir segurança e suporte e, ao longo da existência de cada indivíduo, um sem número de novos grupos podem surgir com essa finalidade – bem como muitos outros tendem a desaparecer – especialmente com a velocidade imposta pelo rápido avanço tecnológico.

[11] Em Política e Educação (1995), o abordar questões sobre Educação Permanente e Cidades Educativas: "As cidades somos nós e nós somos as cidades" (p. 23)

Como colocam Juliano e Yunes (2014, p. 136), “construir e consolidar redes são processos intimamente ligados à convivência”. Voltando à proposta de Kaplún, na qual o método importa mais do que o suporte, a formação de novas e milhares de redes simultaneamente no ambiente digital revelam uma “frustrante” constatação (para os grandes entusiastas da word wide web): elas não são fruto da tecnologia, mas sim materializações de anseios, interesses, lutas e mobilizações que circulam na sociedade desde os tempos mais primórdios.

Há um conceito atualmente difundido em várias áreas do conhecimento, que se origina na Física, para descrever a capacidade de adaptação que determinados materiais possuem de ser submetidos a situações de pressão e voltar ao seu estado natural: a resiliência. Bastante usado na Psicologia, o termo se refere basicamente à maneira como indivíduos ou grupos resistem às adversidades, ao enfrentar dificuldades e mudanças, buscando caminhos alternativos com foco na sobrevivência apesar destas. Os recentes estudos relacionados à resiliência comunitária sob a perspectiva latino-americana se debruçam na discussão acerca das comunidades mais pobres e segmentos socialmente discriminados, a fim de entender os mecanismos utilizados por esses grupos para reparar danos e superar tragédias ou adversidades.

> Comunidade implica, então, em um “ir com”, um compartilhamento de tarefas e símbolos, um encontrar-se em torno de determinados sinais de reconhecimento, com fundamento de laços sociais e culturais. Resulta daí que, para as intervenções sociais como a resiliência, é necessário manter e fortalecer o sentido comunitário a fim de potencializar a eficácia das ações (Ojeda et al., 2005).

Para além das questões individuais, a resiliência comunitária aponta para os arranjos sociais em rede a fim de encontrar apoio para superação de dificuldades – que passam, necessariamente, por movimentos de mobilização coletiva, reconhecimento de causas e ações solidárias intercambiadas por interações comunicacionais a partir de fluxos colaborativos. Trata-se de um processo complexo e multifacetado, envolvendo uma gama de capacidades dinâmicas para a adaptação após perturbações ou adversidades, das quais Norris et al. (2008) destaca quatro essenciais, sendo: desenvolvimento econômico (equidade na distribuição de recursos), capital social (integração social, participação cidadã e sentimento de pertencimento), informação e comunicação (narrativas que

circulam na comunidade) e competência (ação comunitária e parcerias). Sem deixar de considerar os demais pontos, igualmente importantes dentro da construção lógica e de atributos da resiliência comunitária de acordo com os autores, vale voltar a mira para o tópico relativo à Informação e Comunicação, uma vez que está no cerne de todos os demais, como fluxo ativo de articulação para visibilidade de causa, associação para a resolução, denúncia e cobrança de posicionamentos e, principalmente, a construção da narrativa dentro do próprio grupo e para a comunidade em geral.

A comunicação nesse contexto envolve o estabelecimento de canais de diálogo abertos e inclusivos, nos quais os membros da comunidade possam expressar suas preocupações, compartilhar conhecimentos e contribuir para o processo de tomada de decisão. Questões do sujeito passam a ser questões do coletivo, e vice versa. Um fluxo comunicativo multidirecional proporciona mais do que a troca de informações: fortalece o sentimento de pertencimento, empoderamento e coletividade. O tensionamento para voltar à forma depois de um evento dramático – o princípio da resiliência – passa necessariamente pela formação de um discurso construído colaborativamente, a partir da realidade dos envolvidos, a fim de potencializar a mobilização e despertar a solidariedade. Considerando o que Di Felice (2008, p.56) chama de "sociedade a código aberto", num processo de construção de conteúdos como caminho para apropriação do mundo pelas tecnologias digitais, qual o melhor amplificador de vozes, nos tempos atuais, se não as redes digitais online?

2.2 Mobilização e coletividade: expressões midiáticas de cidadania

A grande ressalva acerca do que diferencia um movimento social de outras iniciativas é seu caráter coletivo na luta pela cidadania ou, em outras palavras, práticas que transcendem as reivindicações específicas e particularizadas (Scherer-Warren, 2003,

p. 30). Identificar a linha tênue entre uma carência individual e uma necessidade coletiva para colocá-la na grossa agulha que costura o tecido social nem sempre é fácil. Ao resumir o que nomeia de Reconhecimento Social das Identidades, um dos conceitos que utiliza para trazer à pauta a questão da construção de identidades coletivas, a autora pavimenta sua proposta de identificar os movimentos sociais como sendo uma "rede que conecta sujeitos e organizações de movimentos, expressões de diversidades culturais e de identidades abertas, em permanente constituição, que buscam reconhecimento na sociedade civil".

> A subjetividade nunca ocorre como processo individual isolado. Ela ocorre na relação do indivíduo com seus grupos de referência. Em tempos de globalização e na sociedade complexa, o sujeito convive com um número crescente e variado de interações, diversidade de códigos culturais de referência, e tem ao seu alcance um aumento de organizações que formam redes, sejam virtuais ou presenciais. Desta forma, as identidades coletivas formam-se inicialmente na identificação dos pares (sejam eles ecologistas, feministas, negros, comunitários e assim por diante). Em seguida, a subjetivação, de uma forma mais complexa, pode ocorrer no cruzamento das diversas referências simbólicas destes na esfera pública ampliada, onde através do reconhecimento social começa a se formar o que denominamos de movimentos sociais (Scherer-Warren, 2003, P. 30).

Via de regra, esse é o denominador comum na construção desse conceito entre outras referências para a presente tese, conforme tabela abaixo. Sem a intenção de esgotar o tema ou restringir o pensamento de cada um acerca de Movimentos Sociais – até porque o conceito está na base das pesquisas e contribuições científicas dos referidos autores, logo, permeia toda sua obra – os trechos destacados são relevantes para entender a essência representativa dos movimentos sociais no contexto aqui apresentado.

Quadro 3 – Posicionamento conceitual sobre Movimentos Sociais

Autores	Posicionamento conceitual sobre Movimentos Sociais
PERUZZO (2013)	Movimentos sociais populares são articulações da sociedade civil constituídas por segmentos da população que se reconhecem como portadores de direitos e se organizam para reivindicá-los, quando, estes não são efetivados na prática
CASTELLS (2013)	Os agentes de mudança, o que realmente muda o mundo, são os movimentos sociais. E os movimentos sociais são sempre movimentos emocionais, começam sempre na história. E ao mesmo tempo são movimentos que se baseiam na comunicação entre as pessoas, que a partir de uma reação espontânea entram em contato, pensam juntas, agem juntas, se organizam juntas.
SCHERER-WARREN (1993)	Os NMS (Novos Movimentos Sociais), atuando mais diretamente no seio da sociedade civil, representam a possibilidade de fortalecimento desta em relação ao aparelho do Estado e perante a forma tradicional do agir político por meio de partidos.
FREIRE (1981)	Os movimentos de rebeldia, sobretudo de jovens, no mundo atual, que necessariamente revelam peculiaridades dos espaços onde se dão, manifestam, em sua profundidade, esta preocupação em torno do homem e dos homens, como seres no mundo e com o mundo. Em torno do que e do como estão sendo. Ao questionarem a "civilização do consumo", ao denunciarem as "burocracias" de todos os matizes; ao exigirem a transformação das Universidades, de que resulte, de um lado – o desaparecimento da rigidez nas relações professor-aluno; de outro – a inserção delas na realidade; ao proporem a transformação da realidade mesma para que as Universidades possam renovar-se; ao rechaçarem velhas ordens e instituições estabelecidas, buscando a afirmação dos homens como sujeitos de decisão, todos estes movimentos refletem o sentido mais antropológico do que antropocêntrico de nossa época.

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Cabe aqui destacar que a amostragem selecionada, tanto de autores quanto do que foi recortado em sua vasta literatura sobre movimentos sociais, tem como objetivo reforçar que a construção do pensamento coletivo transcende o antropocentrismo e alicerça a base para ocupação de espaços na sociedade visando equidade de direitos e uma (talvez utópica) hegemonia. Levando como uma das premissas que fundamentam essa ideia a necessidade de organização, sem, no entanto, reproduzir a estrutura repressiva dominante, é a partir da participação popular que a construção e a amplificação das mensagens ganham novos horizontes – estendidos, nos tempos atuais, através das redes sociais online.

Em uma entrevista concedida para o canal online Fronteiras do Pensamento[12], Castells reafirma uma ideia já descrita aqui ao discutir o papel das redes, mas, agora no contexto dos movimentos sociais. Na colocação do autor, não é a tecnologia que determina os movimentos, uma vez que estes nascem a partir de uma realidade, em forma

[12] Entrevista postada pelo canal Fronteiras do Pensamento no Youtube em 20 de outubro de 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RJY4YZ17pVE&t=86s

de batalha contra algo que oprime determinados segmentos da população – como fome, pobreza ou violência. A diferença, neste momento, é que a organização não depende mais de uma liderança formal ou de reuniões com atividades pré-estabelecidas, o que acrescenta uma nova camada para as ações: na internet, é possível que "as pessoas se organizem concretamente, mas não de forma permanente, e sim em redes que surgem desse processo de indignação e vontade de luta" (Castells, 2014, online). Ainda de acordo com essa análise, nas redes sociais online, o fato de não existir explicitamente uma figura centralizadora, cada um assume a persona de "sujeito coletivo de mobilização e sujeito coletivo de liderança", na medida em que usa seu espaço virtual para publicização, articulação e colaboração.

Durante as eleições presidenciais de 2018 no Brasil, o movimento #EleNão ganhou força nas redes sociais online como uma resposta à candidatura de Jair Bolsonaro, personagem considerado 'outsider' na corrida e cujo posicionamento político, alinhado à direita conservadora, reproduzia falas e ações que atentavam diretamente contra diversos segmentos oprimidos da população, como mulheres, negros e população LGBTQIAPN+. Não obstante, o movimento foi encabeçado por grupos de mulheres que se articularam em perfis e grupos nas redes sociais online, o que rendeu métricas muito expressivas para o período: a hashtag #EleNão, símbolo do movimento, foi usada mais de 10 milhões de vezes no Twitter, mais de 5 milhões de vezes no Instagram e mais de 1 milhão de vezes no Facebook. Com um alcance que extrapolava os integrantes de grupos específicos sobre a temática nas redes sociais online, ganhou força nos espaços virtuais e reais, levando para as ruas a manifestação concreta da insatisfação com o candidato abertamente misógino e autoritário. As manifestações aconteceram em setembro daquele ano, em 114 cidades[13] do País, incluindo todas as capitais e o Distrito Federal – só na cidade de São Paulo, os organizadores estimaram a participação de cerca de 500 mil pessoas (embora a Polícia não tenha apresentado estimativa para o evento). O uso da internet como forma de denúncia, articulação e mobilização no sentido de reunir pessoas contra o discurso de ódio e a violência política, que não necessariamente estavam vinculadas a partidos ou que participassem de grupos específicos de redes sociais online, apoiou-se em um modelo consoante ao pensamento de Castells descrito anteriormente: uma nova forma de

[13] Fonte: Portal G1. Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contra-e-favor-de-bolsonaro.ghtml

organização para os movimentos sociais e populares, que dispensa o formato de liderança e hierarquia. Aqui, toda a força aglutinadora e midiática para o exercício da cidadania estava concentrada no poder simbólico de uma hashtag.

Imagem 4 – Iconografia criada pelo estudante de Letras Militão Queiroz e que virou símbolo do movimento #EleNão

Fonte: Folha de S. Paulo (2018).

Folksonomia é o nome dado a esse mecanismo de atribuição de etiquetas aos conteúdos compartilhados nas diversas plataformas de redes sociais online, de maneira livre e pessoal, a fim de classificá-los e permitir que sejam recuperados pelo próprio usuário ou por outros – personificados, essencialmente, pelas hashtags. Os estudos acerca do tema se baseiam na área das Ciências da Informação e são muito recentes: o próprio termo, cunhado pelo arquiteto de informação Thomas Vander Wal, surgiu em 2004 e ainda se apresenta como um conceito em construção, aberto a diversas acepções. O interesse em trazê-lo à presente tese, no entanto, é o ponto em comum entre os estudiosos que estão se debruçando sobre esse novo fenômeno (também chamado de sistema,

classificação, vocabulário, método ou resultado de processo, a depender do ponto de vista do pesquisador) e seu impacto na fluidez – e porque não na eficácia de resultados – dos desdobramentos de movimentos sociais nos territórios digitais.

Em um levantamento feito por Corrêa e Santos (2018), em busca de sintetizar a definição para esse campo de estudo a partir dos conceitos mais trabalhados por diferentes autores, chama a atenção que, apesar da polissemia acerca do tema, há consenso sobre a liberdade, a flexibilidade e colaboração para a criação e uso desses tagueamentos no ambiente digital. Os autores concluem a seguinte proposta conceitual de Folksonomia:

> [...] o resultado do processo de etiquetagem livre (atribuição de etiquetas, palavras-chave) realizada pelos usuários mediante o emprego de termos provenientes de linguagem natural - dispensando o uso de vocabulários controlados - em ambientes digitais colaborativos visando indexar recursos informacionais compartilhados de qualquer formato (textos, imagens, áudio, vídeo etc.) para fins de sua representação e recuperação (Corrêa e Santos, 2018, p. 29).

Essa breve incursão no tópico relativamente novo para a Ciência da Informação tem como objetivo situar uma das facetas mais conhecidas dos movimentos em redes sociais online: a força das hashtags. Se antes da 'era digital' os grupos ou causas se faziam conhecer massivamente em função de sua própria essência e bandeira (Movimento Feminista, Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, entre outros) através do que Peruzzo (2008, online) chama de instrumentos de comunicação dirigida – pequenos jornais, panfletos, cartazes, faixas, troças carnavalescas, peças de teatro, slides, alto-falantes, TV de rua, etc. –, o que se observa na práxis do universo digital é que neste contexto é necessário partir de uma mensagem condensada, uma classificação direta e clara, fácil de ser localizada, expandida e compartilhada: em outros termos, uma hashtag.

Entretanto, o marco inicial do uso desse símbolo da maneira como é feito hoje pelos usuários de redes sociais está relacionado ao Twitter: atribui-se ao designer norte-americano Chris Messina, em 2007[14], a primeira aplicação da hashtag com objetivo de reunir as conversas sobre um assunto específico sob a mesma retranca (usando aqui os princípios da Folksonomia) nesta rede social online. Até então, não se tratava de um

[14] Em 23 de agosto comemora-se o Dia da Hashtag, em homenagem à primeira vez em que o recurso foi empregado na rede social online Twitter. Fonte: https://canaltech.com.br/internet/dia-da-hashtag-23-de-agosto-193424/

recurso da plataforma, mas que acabou sendo incorporado por ela em suas atualizações posteriores, além de ser popularizado em outras redes, como Facebook, Instagram e Youtube. Em um ambiente cada vez mais profícuo em volume de conteúdos produzidos colaborativamente, a classificação centralizada de cada postagem demandaria incontáveis horas de trabalho – se é que isso seria possível de alguma maneira. Ao permitir que a comunidade participe ativamente da classificação e compartilhamento dessa informação, que sinaliza resumidamente a que causa se refere, promove-se a descentralização do controle sobre a estrutura e a prática comunicacional ali desenvolvida. O que, para causas que necessitam de visibilidade e alcance, representa um recurso poderoso de amplificação de audiência.

Quando um movimento que ficou conhecido como Desafio do Balde de Gelo começou a figurar em postagens em várias redes sociais online, em 2014, muito pouca gente sabia, efetivamente, do que se tratava para além da própria graça da situação em si, que consistia exatamente em se filmar jogando um balde com água e gelo em sua própria cabeça. Essa campanha foi iniciada por Pete Frates, um estudante norte-americano diagnosticado com Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA, em português) que desafiou seus colegas do Boston College: cumprir a tarefa ou doar US$ 100 para a ALS Association (Amyotrophic Lateral Sclerosis Assn). Os vídeos se espalharam, chegando a outras cidades, estados e países, inclusive abraçado por celebridades mundiais, como Mark Zuckerberg, Gisele Bündchen e Steven Spielberg, o que levantou mais de UU$ 100 milhões para a causa em apenas algumas semanas – além de cumprir a proposta inicial do movimento, que era aumentar a conscientização sobre a doença. Com a hashtag #IceBucketChallenge (no Brasil, #DesafioDoBaldeDeGelo) mais de 2,8 milhões de pessoas (sendo cerca de 100 mil brasileiros) postaram imagens de si mesmas em redes sociais online e a estimativa mundial é que os vídeos referentes à campanha tenham sido vistos mais de 10 bilhões de vezes[15], ao longo de três ou quatro meses.

---

[15] Revista Época Negócios, outubro de 2015. Disponível em: https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Acao/noticia/2015/09/o-desafio-do-balde-de-gelo-pode-sim-ter-ajudado-descobrir-cura-do-ela.html#:~:text=O%20desafio%20do%20balde%20de%20gelo%20tornou%2Dse%20viral%20em,de%2010%20bilh%C3%B5es%20de%20vezes.

Neste ponto, retomemos um momento na entrevista de Castells (2014) na qual o autor fala sobre o impacto tecnológico na rápida difusão das emoções, traduzido no que é popularmente conhecido como o ato de viralizar.

> A viralidade é fundamental na internet. O fato de qualquer imagem, qualquer palavra, qualquer fato que ocorra, se difunde globalmente permite que todos esses movimentos sejam locais e globais ao mesmo tempo. O grande debate teórico é local, é global, é as duas coisas. O local é onde as pessoas vivem e onde as pessoas sentem. O global é onde está o poder, portanto, se tem que lutar globalmente não só localmente e a internet permite ser loca e global ao mesmo tempo, e organizar-se e mobilizar-se sem necessidade de liderança. Isso é totalmente novo na história (Castells, 2014, online).

Considerando que a colaboração é precedida pelo dialogismo e que pode se apresentar em forma de reação ou compartilhamento dos conteúdos veiculados em ambiente digital, apresentam-se aqui dois elementos essenciais como parte constitutiva das redes colaborativas de comunicação: a identificação (através das hashtags) e a viralização (capacidade de difusão rápida). O primeiro elemento em sua essência carrega a premissa unânime entre pesquisadores das mais diferentes áreas quando abordam a temática dos movimentos sociais – mesmo na Sociologia, onde há inúmeras e diversas linhas de estudo nesse sentido –, da perspectiva da identidade, da aderência aos movimentos a partir de uma demanda real da vida do indivíduo. O que se pode notar, no entanto, é uma reelaboração de paradigmas identitários, com abertura maior do leque para pautas que extrapolavam a luta de classes e exploração proletária a partir das décadas de 1970 e 1980. Questões até então paralelas – como gênero, etnia e religiosidade – passam a ter maior relevância e ocupar espaços importantes, possibilitando a emersão de identidades coletivas a partir do debate crítico acerca das necessidades dos grupos chamados inicialmente de “minotários”. E a formação de novas redes, com base em saberes, vivências e necessidades distintas e particulares, com reflexos globais, descola-se brevemente (embora ainda de maneira bastante interseccionada) do conceito clássico de movimento social baseado no conflito de classes estabelecido por Karl Marx. Não se trata mais apenas da opressão proletária, no sentido literal, mas, da denúncia e busca por reparação de diversas opressões estruturais pulverizadas contra mulheres, negros, estudantes, pessoas portadoras de deficiência, ambientalistas, pessoas LGBTQIAPN+, trabalhadores rurais, entre outros grupos. E essas causas têm comparecido com frequência

no ambiente digital acompanhadas de slogans fortes e diretos, em forma de hashtags que buscam encerrar em si a essência de uma causa.

Foi assim com a hashtag #metoo, usada pela primeira vez em 2006 pela ativista social Tarana Burke. No entanto, ela se tornou popular em 2017, depois que a atriz Alyssa Milano usou esse mesmo recurso em um tweet para incentivar as pessoas a compartilhar suas histórias de assédio sexual e, desde então, a hashtag foi usada por milhões de pessoas em todo o mundo, e ajudou a aumentar a conscientização sobre essa problemática.

Quadro 4 – Números globais do movimento #metoo nas redes sociais online

Rede	Impacto Global
Twitter	12 milhões de tweets
Facebook	1.5 milhão de posts
Instagram	1 milhão de posts
YouTube	100 milhões de visualizações
Tik Tok	1 bilhão de visualizações

Fonte: Elaborado pela autora com informações do The New York Times[16] (2018).

O que se iniciou a partir de uma realidade pessoal – a acusação da atriz contra o produtor cinematográfico Harvey Weinstein – ganhou repercussão mundial, extrapolando as colinas mágicas de Hollywood e conectando mulheres de todo o mundo, de diferentes etnias e camadas sociais. De acordo com o site de notícias G1[17], em apenas dois dias, a postagem de Alyssa ("Se você foi assediada ou violentada escreva 'eu também' em resposta a este tuite") já tinha mais de 30 mil respostas. A expressão se tornou símbolo de um movimento que ganhou escala global, não apenas entre as celebridades – que notadamente tiveram um papel importante no impulsionamento inicial da comunicação – mas, também entre mulheres de todos os países que sofrem ou já sofreram assédio em situações cotidianas, entre familiares ou colegas de trabalho, na escola ou nas ruas, formando uma rede macro a partir de vivências similares em realidades distintas.

[16] Reportagem completa disponível em: https://www.nytimes.com/series/metoo-moment
[17] Fonte: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/milhares-dizem-eu-tambem-a-pesquisa-da-atriz-alyssa-milano-sobre-assedio-sexual.ghtml

Na prática, além do espaço gerado para que essas histórias fossem contadas no ambiente digital (inclusive propiciando que outras vítimas enxergassem diferentes manifestações de assédio e pudessem identificar situações pelas quais já passaram), foi possível observar movimentações que extrapolaram o ambiente online e pressionaram governos a se posicionar de maneira mais firme em situações de violência contra a mulher. Em 2018, cerca de um ano depois do início do movimento #metoo, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Lei de Proteção às Vítimas de Assédio Sexual (SESTA), que torna mais difícil para os agressores sexuais processarem suas vítimas. No ano seguinte, a Comissão Europeia aprovou uma diretiva que exige que todas as empresas com mais de 250 funcionários tenham políticas de prevenção e combate ao assédio sexual no local de trabalho. No Brasil, em 2020, foi sancionada a Lei Maria da Penha, que prevê penas mais duras para crimes de violência doméstica e familiar contra a mulher.

Movimentos sociais são acionados a partir de eventos sociais. Embora exista uma aparente obviedade na afirmação, ela contribui para explicar o segundo elemento constitutivo das redes colaborativas de comunicação: a viralização, ou a capacidade de um tema se disseminar com extrema rapidez. Segundo Gohn (2002, p. 15), "o paradigma dos novos movimentos sociais parte de explicações mais conjunturais, localizadas em âmbito político ou dos microprocessos da vida cotidiana, fazendo recortes na realidade para observar a política dos novos atores sociais". Vale destacar que a autora se concentra ainda em reforçar que nem todos modelos de associação coletiva podem caracterizar um movimento social, uma vez que em sua perspectiva de estudo considera a organização de grupos com estratégias bem definidas e etapas de execução (que chama de fases). Ainda assim, seu recorte sobre o pano de fundo para a formação desses movimentos é válido no presente contexto, no qual se estabelece que tensões sociais geradas a partir de realidades particulares têm o poder de desencadear ações coletivas, com participação aberta e irrestrita de novos sujeitos.

Essa capacidade de se espalhar rapidamente, que pode ser alegoricamente associada ao efeito de um tsunami, inerente de determinados conteúdos publicados no ambiente online – e mais especificamente nas plataformas de redes sociais – não possui fórmula mágica. E, embora já existam linhas de pesquisas que busquem respostas para justificar matematicamente o motivo de determinadas postagens em vídeo, imagem ou texto serem repercutidas e acessadas em volume muito acima da média (grosso modo,

essa pode ser uma definição dada ao tema), o que se aproxima mais de alguma explicação tem ligação direta com a subjetividade. E com os primórdios da Filosofia.

Em um artigo publicado no seu perfil no Linkedin, Patrick Pedreira (2016) destaca a pesquisa feita pelos norte-americanos Berger e Milkman em 2012, que tinha como objetivo estabelecer critérios ou bases para caracterizar conteúdos virais nas redes sociais online. E, logo no início de seu texto, Pedreira traça um paralelo entre os resultados que os pesquisadores levantaram e a função da retórica segundo Aristóteles: um discurso, para chamar a atenção do público e ser persuasivo depende da tríade ética, lógica e emoção[18]. Indo um pouco além da introdução de Pedreira, vale resgatar que, para o filósofo grego, "a persuasão é obtida através do próprio discurso quando demonstramos a verdade, ou o que parece ser a verdade, graças à argumentação persuasiva apropriada ao caso em pauta". E, de maneira bastante enxuta, é o ponto a que chega o estudo conduzido por Berger e Milkman, lançando luz sobre a relação entre emoções e a propensão de determinados temas postados no ambiente digital se tornarem virais. Os pesquisadores identificaram que os conteúdos geradores de emoções, sejam elas positivas ou negativas, desencadeiam impulsos fisiológicos de excitação, estimulando, assim, sua viralização através de ações como o compartilhamento dos mesmos.

De acordo com os resultados, conteúdos positivos que remetam a diversão, surpresa e humor têm uma maior probabilidade de se tornarem virais do que aqueles que geram tristeza, ansiedade ou raiva. Ainda que a "sabedoria comum sugira que as pessoas tendem a repassar notícias negativas mais do que notícias positivas, nossos resultados indicam que as notícias positivas são realmente mais virais" (Berger e Milkman, 2012, p. 10). Por outro lado, então, como explicar a rápida expansão de conteúdos com tom de denúncia, revolta ou indignação? Tendo na inquietação o fator-chave para impulsionar a transmissão social de uma mensagem, as emoções negativas (indignação ou injustiçamento) também apresentaram um grande potencial de ativação para ação, mesmo que seja o compartilhamento acompanhado de uma opinião ou relato pessoal. E embora aparentemente essa conclusão não leve a nenhum ponto de evolução, voltemos à alegoria do tsunami: embora a natureza mande alguns avisos momentos antes dele chegar à costa, nunca se sabe exatamente quando e como ele irá acontecer.

---

[18] Aristóteles [384- -322 a.C.]. Retórica. 2 ed., revista. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

Por estar ligada às emoções que despertam, ao impacto na realidade sócio-cultural de cada pessoa que tem acesso a determinado conteúdo e por carecer de um sentido de comoção que leva a algum nível de mobilização, que se traduz na transmissão acelerada e em larga escala, a viralização ainda é um tema de poucas certezas. Pegando carona na simbiose de ideias, ao associar conceitos filosóficos aos estudos de Berger e MilkMan, tendemos a focar na quarta parte esquemática da Retórica de Aristóteles: a ação. O movimento do cidadão em rede e a maneira como encontra repercussão de suas necessidades nas redes sociais online – que podem ir desde críticas a ausência de políticas públicas, denúncias de descaso com segmentos menos favorecidos, falta de oportunidades ou ausência de direitos básicos – abre a possibilidade do exercício individual de se expressar e se aliar virtualmente a uma pauta com a qual se identifica através de uma *inter-ação* com determinada causa. E essa legitimação, em forma de curtida, comentário ou compartilhamento (na mesma plataforma ou em outras), é o tônus de uma nova dinâmica comunicacional que amplifica o alcance da mensagem e extrapola qualquer fronteira territorial, reforçando o caráter colaborativo de uma rede de comunicação. A questão da rapidez, ou viralidade, que um tema adquire nesse sentido é algo que será mais explorado nas próximas páginas, mas, por enquanto, vale deixar sinalizado que as redes não se esgotam em sim e os movimentos constantes da sociedade são determinantes para que cada sujeito pertença a inúmeras redes, que podem já estar estabelecidas e estruturalmente organizadas ou surgirem a partir de uma demanda emergencial originada em um fato social novo e relevante que exija produção e circulação rápida de informações – essas, sem dúvida, são as que apresentam maior potencial de viralização.

2.3 Ecos Digitais: Redes Colaborativas Estruturais e Redes Colaborativas Conjunturais

O Instagram é, atualmente, a plataforma de rede social online mais utilizada no Brasil. O Digital News Report 2022, relatório anual produzido pelo Instituto Reuters, revelou importantes insights sobre o cenário da mídia no Brasil, com destaque para a alta penetração da internet no país, atingindo 75% da população. Além disso, quase dois terços dos brasileiros (64%) obtêm suas notícias por meio de redes sociais online, sendo o Facebook, anteriormente líder, agora ultrapassado pelo YouTube como a plataforma mais popular para consumo de notícias. Um dado importante do relatório diz respeito à queda no consumo do que pode ser considerado "mídia tradicional" (jornais impressos, revistas, televisão e rádio), com a TV perdendo espaço para a mídia online - embora esse veículo ainda seja dominante em termos de gastos com publicidade no Brasil, a participação da TV aberta diminuiu de 51,9% para 45,4%. Esse declínio pode ser atribuído, em parte, ao crescimento das plataformas digitais, que oferecem acesso imediato e personalizado às notícias.

Posto esse cenário, a inquietação a respeito do impacto dos novos fluxos comunicacionais mediados pelos canais digitais sobre a emancipação cidadã, porém, continua fazendo tremer o ponteiro da bússola que guia os estudos desenvolvidos por essa pesquisadora. Em uma revisão sobre os eixos de investigação e fundamentos teóricos acerca da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, Peruzzo se debruça sobre as perspectivas epistêmicas e metodológicas das pesquisas desenvolvidas na América Latina, destacando que os meios não são o foco central dos estudos, mas, sim "os processos comunicacionais em suas relações com a cultura e a construção da cidadania" (2015, p. 548). O que segue o princípio de Kaplún, apresentado anteriormente, e reforça a proposta de desvelar a contribuição efetiva das mídias digitais para que as redes sociais online se estabeleçam como colaborativas na perspectiva da Mídia Cidadã. Isso porque se pode observar que as raízes desses processos comunicativos de origem popular, comunitária e cidadão, começam a se expandir nas décadas de 1960 e 1970, a partir de experiências de rádios comunitárias e jornais alternativos, buscando dar voz às comunidades marginalizadas, revelar a negligência social (e estatal) com determinadas

parcelas da popular e promover a participação de segmentos alijados das decisões políticas.

Com o avanço das tecnologias digitais e a popularização da internet, as iniciativas de mídia cidadã expandiram suas possibilidades e a expressão de suas necessidades ganhou o status de alcance infinito, afinal a maior parte das plataformas para divulgação de conteúdos, seja em áudio, vídeo, imagem ou texto, são de acesso irrestrito e praticamente incondicional, estabelecendo novos parâmetros poderosos (mesmo que sob a ditadura dos algoritmos) de levar uma mensagem a audiências extremamente significativas. Em contrapartida, não há que se esperar pela mingua das iniciativas locais, ao contrário: a adoção dos novos meios digitais implica em um "rejuvenescimento dos modos tradicionais"[19] (o carro de som, os panfletos, as rádios comunitárias, para citar alguns exemplos), que nunca deixaram nem deixarão de existir – apenas encontraram mais um canal para amplificar a voz das comunidades, fortalecendo a comunicação como instrumento fundamental de transformação social.

> [...] a comunicação comunitária, popular, alternativa ou participativa se caracteriza por processos de comunicação baseados em princípios públicos, tais como não ter fins lucrativos, propiciar a participação ativa da população, ter – preferencialmente – propriedade coletiva e difundir conteúdos com a finalidade de desenvolver a educação, a cultura e ampliar a cidadania. Engloba os meios tecnológicos e outras modalidades de canais de expressão sob controle de associações comunitárias, movimentos e organizações sociais sem fins lucrativos. Por meio dela, em última instância, realiza-se o direito de comunicar ao garantir o acesso aos canais de comunicação. Trata-se não apenas do direito do cidadão à informação, enquanto receptor – tão presente quando se fala em grande mídia –, mas do direito ao acesso aos meios de comunicação na condição de produtor e difusor de conteúdos (Peruzzo, 2015, p. 568).

A chegada da era digital trouxe transformações fundamentais para o campo da mídia e da comunicação, alterando de maneira significativa a dinâmica de disseminação de informações, o engajamento e participação da população. Essa foi uma das linhas mestras que conduziu a dissertação de mestrado sobre a rede "Onde Tem Tiroteio" (OTT), do Rio de Janeiro, na qual a presente pesquisadora buscou examinar como esse movimento popular se utiliza de plataformas online para estabelecer um novo modo de

[19] PERUZZO (2015, p. 560)

comunicação, abordando efetivamente questões marginalizadas pelos veículos de mídia tradicionais. Em um contexto de ineficiência do Estado em resolver preocupações básicas de segurança, os cidadãos do Rio de Janeiro iniciaram um processo de mobilização e rede para divulgar alertas sobre uma série de incidentes, que variam desde tiroteios até agressões coletivas conhecidas como "arrastões". Isso se deu através da criação de perfis em redes sociais online (Facebook, Instagram e Twitter, com maior ênfase e audiência a primeira), na qual são publicados textos com alertas sobre as ocorrências e indicação de localidade. Antes da publicação, porém, há um esforço de checagem de informações com moradores locais e, após a divulgação, as altas taxas de interação no perfil acontecem por meio de marcações e encaminhamentos da informação. os cidadãos participam ativamente da formação do discurso em torno de questões sociais críticas. À medida que a tecnologia continua a remodelar as fronteiras do engajamento midiático, é essencial reconhecer os fundamentos históricos dos esforços de comunicação liderados pelos cidadãos e explorar as possibilidades e limitações dessas iniciativas em impulsionar mudanças sociopolíticas tangíveis.

> [...] a partir de postagens em redes sociais que são produzidas e checadas a partir de dados fornecidos por cidadãos cariocas, a rede de alerta de segurança OTT-RJ causa impacto direto na rotina daqueles que têm acesso a esse conteúdo. A partir da observação das reações e comentários a essas postagens, nota-se a interferência do espaço virtual no espaço real – seja em marcações de moradores de áreas em risco, seja em textos que expressam indignação com a ineficiência do Estado (Santi, 2019).

A situação crítica e cíclica da segurança no Estado do Rio de Janeiro foi estopim para uma iniciativa popular e participativa, que nasce da e conta com a população carioca para formar um escudo de duas faces: contra a violência socialmente estruturada (da qual uma fatia do aparto policial é partícipe) e a violência cotidiana, a partir dos acontecimentos presentes (situações de roubos, furtos, arrastões, tiroteios, entre outros). Embora esse não seja o espaço para aprofundamento nessa discussão, o que se extrai dela é justamente o vislumbre dos dois tipos básicos de mobilização que impulsionam o nascimento de estruturas colaborativas de comunicação: questões estruturais e questões conjunturais. A partir dessa mirada, que será melhor detalhada e estruturada nos próximos

capítulos, é que se pode pensar numa tipificação inicial para as Redes Colaborativas de Comunicação.

Quadro 5 – Tipificação inicial de Redes Colaborativas de Comunicação

REDES COLABORATIVAS DE COMUNICAÇÃO - Tipos	
Estruturais	**Conjunturais**
Discussão	Denúncia
Periodicidade longa	Periodicidade curta
Genérica	Específica
Serviço	Solução
Médio Prazo	Curto prazo
Relação tempo-seguidores menor	Relação tempo-seguidores maior

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

Mesmo que distante de uma efetiva participação nas instâncias decisórias políticas e com sua voz de escolha restringida ao voto compulsório, a considerável parcela da população brasileira que se depara com deficiências que englobam desde a ausência de segurança até a precariedade no atendimento médico e na qualidade educacional – para mencionar apenas algumas questões fundamentais – também é aquela que apresenta um conhecimento limitado de seus próprios direitos, encontrando-se mais suscetível aos discursos de dominação. Por outro lado, grupos considerados ‘minoritários’, quando na verdade são base majoritária da população brasileira (como mulheres e negros), ou que começaram a entender e requerer direitos em um passado bem recente, como a população LGBTQIAPN+, estão cada vez mais fazendo uso dos recursos tecnológicos disponíveis para fazer ecoar suas necessidades. Diante da expectativa limitada de que o Estado venha a suprir esse vácuo, emergem iniciativas locais que, de forma proativa, expõem as condições subnormais e demandam uma resposta política para os dilemas que se manifestam, o que configura um dos pilares essenciais no âmbito da Comunicação Popular e Comunitária.

Em uma visão atualizada desse pensamento, é mister trazer para a discussão o conceito de ‘cultura de convergência’, cunhado por Henry Jenkins, pensador norte-

americano considerado um dos mais influentes da atualidade quando o assunto é o impacto das novas mídias na vida cotidiana. Embora ele não tenha participado do eixo basilar de teóricos da presente tese, sua participação pontual neste momento se faz necessária a fim de reforçar o conjunto de ideias apresentadas até aqui e abrir as janelas para o ar fresco da realidade das mídias digitais como se estabelecem na contemporaneidade: com a evolução das tecnologias e ampliação de acesso às plataformas digitais, o papel dos indivíduos cada vez mais deixa de ser o de meros consumidores de mídia para se tornarem ativos e criativos na produção dos conteúdos – por consequência, de significados.

> A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercado, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final (Jenkins, 2006, p. 41).

Ainda corroborando com a linha de pensamento até aqui estruturada, Jenkins se apoia no que considera seus "três termos-chave" para entender a nova cultura midiática em pleno processo de formação: convergência, inteligência coletiva e participação. Ao estabelecer que, em primeiro lugar, a transformação na maneira como estamos nos relacionando com as novas mídias passa, necessariamente, pelas relações com a cultura popular, o autor reforça o quanto "o público, que ganhou poder com as novas tecnologias, que está ocupando um espaço de intersecção entre os velhos e os novos meios de comunicação, está exigindo o direito de participar intimamente da cultura" (2006, p. 51).

A compreensão dos critérios subjacentes à participação popular, das forças motivadoras no contexto social e dos desdobramentos práticos propostos, que abrangem desde formulações de políticas públicas até o engendramento de pautas midiáticas, entre outros, é de suma importância para a instauração de uma comunicação que efetivamente se caracterize como democrática, participativa e dotada de capacidade transformadora. No entanto, prévio a tal análise, faz-se necessário imergir na contextualização do ambiente social e histórico que conferiu o pano de fundo propício ao surgimento de cada uma dessas redes. E é a partir daqui que se inicia os possíveis desdobramentos das Redes Colaborativas de Comunicação Estruturais e das Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais.

Tendo como ponto de partida a premissa desenhada em momentos anteriores da presente tese, segundo a qual a colaboração estabelece conexão direta com elementos de reconhecimento como experiência, anuência e encaminhamento prático no cotidiano das pessoas, entende-se que as redes com esse princípio se formam ou já existem antes e acima de tudo em função de determinado fator gerador que impacte o cotidiano de uma coletividade – e a partir deste primeiro momento, do fato ou situação que enseja a reunião de indivíduos no entorno de uma causa comum, essas redes se encaminham para assumir uma identidade predominantemente estrutural ou conjuntural.

As Redes Colaborativas de Comunicação Estruturais são essencialmente pautadas por temas de maior amplitude, a partir da reunião e organização de pessoas que se sintam atravessadas por determinada questão que as coloque em situação de desfavorecimento social, político ou econômico (ou a combinação de ambos), ou seja, são movimentos *startados* a partir das necessidades de indivíduos que se identificam com os mesmos valores e se articulam num processo que visa transformação estrutural a médio e longo prazo. Por se tratar de circunstâncias macro que já mediam a vida de parte da população – como pobreza, violência, preconceito, questões de gênero, entre outros – via de regra se organizam a partir de iniciativas estruturadas, especialmente ligadas ao que é comumente chamado de Terceiro Setor (organizações privadas e sem fins lucrativos com objetivo de promover ações de cunho social) como coletivos, ONGs e associações, mas também podem se materializar através de reuniões, encontros e debates sem que exista necessariamente a formalização do grupo enquanto instituição. Nesse sentido, seguem a premissa já apresentada anteriormente de que as redes colaborativas precedem o universo virtual, mas, é nele que encontram eco e conseguem abarcar um número maior de membros, entusiastas, seguidores, disseminadores, multiplicadores, enfim, colaboradores.

Já as Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais, embora carreguem em seu cerne o mesmo senso de pertencimento e articulação citado anteriormente, com a forte participação de cidadãos dispostos a se mobilizar em função de uma causa comum, têm como caráter distintivo o seu senso de urgência: se formam a partir de situações específicas e necessitam da agilidade na difusão das informações, uma característica que contribui para a rápida divulgação e resolução da situação. Dessa maneira, o foco da formação, associação e encadeamento de ações em uma rede colaborativa de viés conjuntural é centrar esforços em buscar uma solução, uma resposta imediata para um

problema específico – que, geralmente, advém de alguma injustiça, desfavorecimento social ou econômico, situação de violência ou outra mazela social que culmine em um fato de grande destaque. Considerando que o campo da internet é fértil para a proposta de espalhamento e longo alcance que essas redes necessitam, é nas redes sociais online que essas pautas ganham muita força e, consequentemente, grande apoio popular e visibilidade.

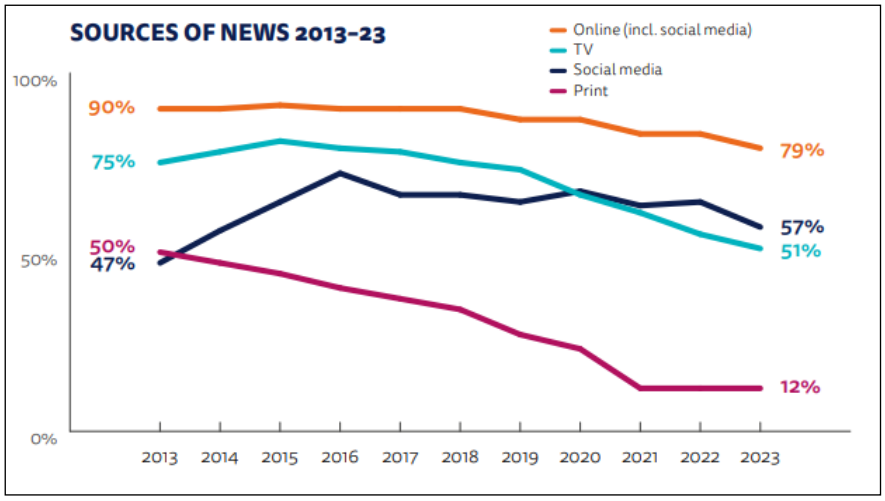
Com essas duas visões gerais estabelecidas a partir das observações iniciais do presente estudo, o mapeamento que se segue nos próximos capítulos será responsável por trazer mais elementos à análise e desenvolvimento dos conceitos, estabelecendo as diferenciais primais e os pontos de convergência entre as Redes Colaborativas de Comunicação Estruturais e Conjunturais.

Capítulo 3: Mapeamento no ambiente virtual

A transformação digital tem impactado significativamente o consumo de informação e o que se observa nos últimos anos é um movimento de enfraquecimento gradativo das fontes tradicionais de notícias, como jornais, revistas e televisão, que têm perdido espaço para as plataformas digitais. Essa tendência é ainda mais acentuada entre os jovens, que cresceram com a internet como principal meio de acesso à informação.

Um estudo realizado pelo Instituto Reuters[20] em 2023 revela que, no Brasil, apenas 52% dos entrevistados consomem notícias todos os dias. Além disso, a taxa geral de confiança na imprensa segue caindo ano a ano, chegando a 43% em 2023. Esses dados são os mais expressivos da série histórica do estudo, que teve início em 2012, e apontam para a emergência de um novo cenário de consumo de informação, no qual as pessoas estão demonstrando interesses cada vez mais fragmentados e, ao mesmo tempo, sendo mais seletivas com suas fontes. Em outras palavras: elas buscam informações relevantes para seus sua vida cotidiana e que sejam apresentadas em formatos atrativos e interativos, o que significa de maneira prática, no presente momento, a ascensão de mídias digitais e plataformas de redes sociais baseadas em vídeo (como Instagram e TikTok).

Imagem 5 – Principais fontes de notícias entre os anos de 2013 e 2023



Fonte: Reuters Institute (2013).

[20] Disponível em: https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/digital-news-report/2023

Para além das transformações na maneira como se consome informação, o seu compartilhamento também faz a roda do processo comunicativo girar, uma vez que o acesso às redes digitais online permite e incentiva esse tipo de ação – além de outras marcações de interatividade, como 'curtidas' ou o próprio espaço para comentários, que serão pontos abordados em breve. Ainda com base nos dados levantados pelo relatório elaborado pela Reuters (2023), 46% dos usuários de internet no Brasil têm o hábito de compartilhar notícias em seus perfis de redes sociais online, através de aplicativos de mensagens ou por e-mail sendo que as quatro primeiras plataformas digitais mais citadas como fonte de informações são Youtube (43%), WhatsApp (41%), Facebook (40%) e Instagram (35%).

Imagem 6 – Principais mídias sociais e mensagens (Compartilhamento de notícias)

TOP SOCIAL MEDIA AND MESSAGING

Rank	Brand	For News		For All	Rank	Brand	For News		For All
1	YouTube	43%	(+4)	77%	4	Instagram	35%	(+5)	64%
2	WhatsApp	41%	(-2)	78%	5	Twitter	13%	(+1)	24%
3	Facebook	40%	(-7)	67%	6	TikTok	12%	(+5)	29%

Fonte: Reuters Institute (2013).

Na contramão do que outras plataformas, como Facebook ou X (antigo Twitter) estão adotando como parte de suas políticas de utilização, numa tentativa desastrosa de aparentar "neutralidade" quando o tópico na discussão são as fontes de informação, em outubro de 2023 o Youtube anunciou sua atualização com algumas inovações[21] justamente alinhando o foco sobre o tema consumo de notícias. Como parte das estratégias de comemoração do seu 17º aniversário, que também incluíram alterações de layout, novos recursos de navegação e usabilidade, duas novidades relacionadas ao conteúdo receberam destaque, sendo a primeira a criação de uma "experiência imersiva" na página de exibição para notícia na plataforma. De acordo com o comunicado, essa página passará a reunir "conteúdo de fontes confiáveis como vídeos, transmissões ao vivo, podcasts e shorts, permitindo que os espectadores se aprofundem e explorem

[21] Atualizações publicadas no blog do Youtube, em 18 de outubro de 2023. Disponível em: https://blog.youtube/intl/pt-br/news-and-events/um-update-no-aplicativodoyt/

múltiplas fontes e ângulos". Como parte desse investimento em uma "experiência multiformato para assistir notícias" no Youtube, a segunda inovação é voltada para os profissionais da imprensa, em um movimento de apoio aos jornalistas na criação de conteúdo noticioso de forma dinâmica – e que sejam adaptados especialmente aos formatos de vídeos curtos, ou *shorts*, que são os mais consumidos no momento. O Shorts Innovation Program for News se apresenta como uma "iniciativa para fortalecer habilidades na criação de vídeos curtos das organizações de notícias por meio de subsídios financeiros e apoio especializado". O texto, assinado por Brandon Feldman e Geoff Samek, ambos diretores da área de Notícias da plataforma, ratifica a importância que a plataforma deseja demonstrar dar ao tema:

> Juntas, essas atualizações ajudam a destacar o compromisso do YouTube em conectar nossa comunidade com conteúdo de notícias confiável, oportuno e substancial, bem como nossa dedicação em apoiar os editores de notícias a experimentar formatos emergentes de notícias em vídeo. Nosso trabalho está longe de terminar e estamos entusiasmados em continuar focando em nossa missão de garantir que o YouTube seja o melhor lugar para descobrir, aprender e interagir com as notícias (Feldman e Samek, 2023, online).

Embora não seja a plataforma de rede social online elencada como parte do objeto de estudo na presente tese, esse prólogo acerca do Youtube se fez necessário por ser justamente este o canal de busca de informações mais acessado mundialmente, o que é balizado por praticamente todas as pesquisas recentes sobre o assunto – algumas das quais elencadas neste trabalho, inclusive. De acordo com o Global Overview Report Digital 2023[22], dos 181, 8 milhões de usuários de internet no Brasil no início de 2023, os usuários de mídias sociais representavam pouco mais de 152 milhões, o que seria o equivalente a 70% da população nacional no período. Outro dado trazido pela pesquisa, em escala global, aponta o Youtube como o segundo site com maior tempo de visitação no mundo, além de ser o primeiro no ranking de páginas visitadas.

[22] Destaques do Brasil na pesquisa Global Overview Report Digital 2023, elaborado por Simon Kemp e pela equipe da Kepios, com apoio de parceiros como We Are Social e Meltwater. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil. Acesso em outubro de 2023.

Imagem 7 – Ranking dos sites mais visitados com base no tráfego total do site em março de 2023

#	WEBSITE	TIME PER VISIT	PAGES PER VISIT
01	GOOGLE.COM	10M 54S	8.67
02	YOUTUBE.COM	20M 30S	11.08
03	FACEBOOK.COM	10M 27S	8.43
04	TWITTER.COM	10M 35S	9.90
05	INSTAGRAM.COM	8M 15S	10.96
06	BAIDU.COM	5M 19S	7.90
07	WIKIPEDIA.ORG	3M 54S	3.00
08	YANDEX.RU	9M 34S	9.29
09	YAHOO.COM	8M 23S	5.68
10	WHATSAPP.COM	17M 15S	1.66

Fonte: Global Overview Report Digital (2023).

E apesar dos números astronômicos, colocando o Youtube no topo da audiência online, com mais de 2,51 bilhões de usuários ativos no mundo e mais de 1 bilhão de horas de vídeos visualizados diariamente, ele pode ser considerado a ‘menos social’ de todas as redes. As duas iniciativas citadas anteriormente, além de um trabalho de melhoria no sistema de hashtags, são parte de uma série de ações que a plataforma vem implementando justamente com foco na ampliação desse caráter, que necessita de um viés mais interativo e colaborativo. E daí se justifica a escolha da plataforma Instagram para o presente estudo sobre redes colaborativas de comunicação online em detrimento da maior rede social exclusivamente de vídeos no mundo: a diferenciação de propósitos entre as plataformas. Enquanto o Youtube é reconhecido pela publicação de conteúdos extensos e frequentemente orientado por vídeos longos, o Instagram se destaca por seu formato de compartilhamento de imagens e vídeos curtos, impulsionados por uma interação mais imediata e uma estética visual apurada. A natureza visual e sucinta do

Instagram tende a gerar interações mais instantâneas e colaborativas, abrindo novas perspectivas para análise.

Ainda nesse sentido, o Instagram possui uma estrutura que fomenta conexões mais próximas e segmentadas, ancoradas na ênfase aos stories (recurso da plataforma para publicações temporárias), ao uso de hashtags com objetivo de ampliar o alcance de determinados temas (como colocado anteriormente) e às interações diretas em cada publicação através de curtidas, comentários ou compartilhamento, seja no feed, nos stories ou envio como mensagem direta. Em outras palavras, a dinâmica interacional quase que instantânea propiciada pelo Instagram – que vai desde a limitação de tempo dos vídeos, passando pela curta 'vida útil' de um *story* ou da regulação sobre a quantidade de fotos por postagem – emerge como fator de interação imediata, tanto em comunidades mais íntimas ou em perfis com temáticas abrangentes, lançando mão de características propícias à formação de redes de interesse e à colaboração, nos termos em que já foi previamente aqui apresentado. Enquanto isso, o Youtube, ao longo dos anos, privilegiou a publicação de conteúdos de maior duração e busca por audiência massiva, como se colocasse a assumi o posto de substituto mais lógico e irrefutável da televisão no visagismo apocalíptico de eliminação dos meios antigos com a chegada de novas mídias. É bastante provável que essa limitação tenha sido o fator impeditivo para que, apesar de todo seu alcance e audiência, ainda não consiga se estabelecer como um canal efetivo na construção de redes colaborativas mais direcionadas e interativas a partir de sua estrutura.

Entretanto, para ser a rede social online mais usada no Brasil em 2023, com mais de 113 milhões de usuários[23] e responsável consumo mensal de 14,44 horas mensais de cada brasileiro, o Instagram precisou ultrapassar um outro concorrente de peso, que na verdade é também seu co-irmão: o Facebook. Prestes a completar 20 anos de existência, em fevereiro de 2024, a rede social online que já foi a mais utilizada no planeta poderia estar vivenciando o seu 'começo do fim'? De acordo com analistas financeiros, não exatamente, uma vez que no último trimestre de 2022 a Meta, companhia detentora das marcas Facebook, WhatsApp e Instagram, teve um lucro estimado em mais de 33 bilhões

[23] Destaques do Brasil na pesquisa Global Overview Report Digital 2023, elaborado por Simon Kemp e pela equipe da Kepios, com apoio de parceiros como We Are Social e Meltwater. Disponível em: https://datareportal.com/reports/digital-2023-brazil. Acesso em outubro de 2023.

de dólares[24] só com o Facebook. Mas, a perda de usuários é uma constante em sua rotina, com uma queda de cerca de 10 milhões de usuários por ano.

No Brasil, esse movimento vem sendo registrado já há algum tempo, como é possível observar em pesquisa realizada pelo DataFolha em 2019: naquele momento, a sinalização de redução de público ativo na rede social online estava na casa de cinco pontos percentuais em relação ao ano anterior, indo de 61% para 56% dos entrevistados[25]. Mas, o que estaria retirando o protagonismo da rede social online – além, é claro, da própria evolução das mídias sociais digitais e a concorrência acirrada de novos formatos, especialmente os que entregam vídeos curtos, como o TikTok – de maneira tão recorrente? Os usuários não estariam mais interessados nos conteúdos publicados? A interação não é mais o ponto alto da rede? A manipulação dos algoritmos passou dos limites?

Provavelmente, uma mistura de todos esses ingredientes compõe a receita do indigesto prato principal para o Facebook: depois de sucessivos escândalos envolvendo vazamento e utilização não autorizada de dados, a imagem da rede social online definitivamente não é das melhores. Além disso, em matéria publicada no Uol em maio de 2019, os repórteres Bruna Souza Cruz e Rodrigo Trindade elencam mais alguns motivos pelos quais, segundo o título por eles dado à matéria, "os brasileiros estão largando o Facebook"[26], como o excesso de debates ideológicos e discurso de ódio, além da falta de habilidade da plataforma em se atualizar e conquistar novos públicos (os mais jovens). No desenrolar do texto, os jornalistas entregam outra pista sobre o que pode estar causando o esvaziamento da rede: o fato de ela ter se perdido de sua missão original, que era exatamente conectar pessoas. E, conforme a fala de um dos entrevistados da matéria, o professor especialista em tecnologia e segurança digital Arthur Igreja, trata-se de um movimento de rede, de estar no lugar em que todos estão e "[...] a partir do momento em

---

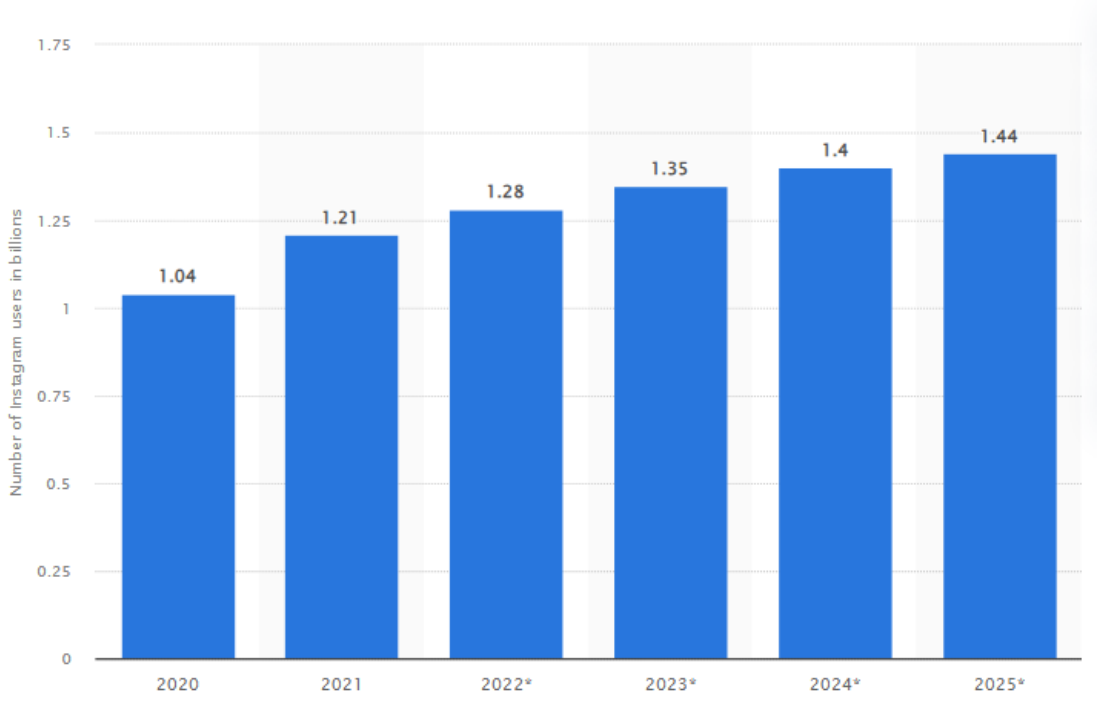
[24] De acordo com informações publicadas no site especializado em tecnologia CanalTech. Disponível em: https://canaltech.com.br/redes-sociais/as-pessoas-estao-deixando-de-acessar-e-postar-no-facebook-238648/

[25] Notícia publicada no jornal Folha de São Paulo, em abril de 2019. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2019/04/facebook-registra-tendencia-de-queda-no-brasil-diz-datafolha.shtml. Acesso em dezembro de 2023.

[26] Matéria publicada no site Uol em 10/4/2019 e atualizada em 13/5/2020. Disponível em: https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2019/04/10/por-que-o-facebook-esta-perdendo-usuarios.htm#:~:text=Decis%C3%B5es%20estrat%C3%A9gicas%20equivocadas%2C%20mega%20vazamentos,servi%C3%A7os%20e%20gadgets%20na%20disputa. Acesso em dezembro de 2023.

que saem 5%, outros vários usuários vão junto. É um ciclo comum. Porque eu vou continuar em um lugar em que meus amigos não estão?”.

Imagem 8: Número de usuários do Instagram de 2020 a 2025 (em bilhões)



Fonte: Statista (2023).

E é nessa contramão da debandada da rede vizinha que o Instagram começou a crescer, tornando-se a terceira rede social online mais utilizada no Brasil, atrás apenas do Youtube, previamente contextualizado aqui e não considerado nos termos e padrões uma rede social colaborativa, e do WhatsApp, que se enquadra mais comumente na categoria de aplicativo para troca de mensagens, por ter especificamente essa função, ainda que possibilite a formação de grupos e tenha recursos de envio de texto, imagem (foto e vídeo) e arquivos de formatos diversos.

Aclarada a justificativa acerca da escolha da plataforma de rede social online que contribuirá para o recorte do objeto de estudo, faz-se necessária uma explanação mais objetiva neste momento sobre a opção metodológica que apoia o presente estudo, bem como sua aplicação nas próximas etapas do trabalho. Por se tratar de uma abordagem epistemológica que busca transcender os limites tradicionais das disciplinas e das teorias, a Transmetodologia aplicada nesta tese se justifica pela sua abordagem inovadora e abrangente na condução de pesquisas interdisciplinares. Ao incorporar a visão

transmetodológica na construção dos conceitos aqui expostos, que englobam a análise da complexidade, a interconexão de múltiplas perspectivas e a consideração dos contextos socioculturais, espera-se uma compreensão mais profunda e holística do problema de pesquisa, de maneira a transcender as limitações das abordagens tradicionais ao fomentar a colaboração entre diferentes disciplinas, permitindo uma visão mais completa dos fenômenos em estudo.

A ênfase na reflexividade e na autoconsciência estabelecem novos parâmetros de transparência e qualidade da pesquisa, a fim de proporcionar uma análise mais rigorosa e fundamentada. Nas palavras de Efendy Maldonado:

> As ciências, no plural, confluem, confrontam-se, aprendem, transformam-se, de acordo com as problemáticas incorporadas a seus desafios de conhecimento. Assim, as epistemologias e as filosofias da ciência nutrem-se dessa diversidade; de fato, a razão é impura, precisa das miscigenações, das trocas, dos aprendizados, das tessituras, das configurações que as lógicas paraconsistentes e consistentes geram (202, p. 7).

A escolha por caminhar com uma vertente epistemológica relativamente nova, que surgiu a partir de pesquisas coletivas de projetos integrados e da articulação de investigações entre instituições e pesquisadores da América Latina, se dá pela sua capacidade de explorar a complexidade do objeto de estudo, a fim de promover uma investigação substancial e inovadora dos diferentes aspectos intrínsecos aos novos processos comunicacionais estabelecidos a partir das interações entre os ambientes real e virtual. Como ressaltam Maldonado & Almeida, trata-se de uma proposta que se aproveita das “vivências pessoais e as conexões com o mundo vivido, sem perder o caráter reflexivo e a capacidade de duvidar, de discordar” (2020. p. 96).

Articular métodos de maneira cooperativa, sem, no entanto, se prender ao tecnicismo ou à rigidez imposta por uma outra prática metodológica é uma maneira de reafirmar a ideia de que a comunicação não está isolada dos demais campos sociais, ao contrário, é o espaço onde o tensionamento simbólico ocorre de forma constante e, por esse motivo, é mister considerar que não há uma única lente para observar e analisar os acontecimentos. A complementar essa linha de raciocínio, pontuar os avanços tecnológicos, responsáveis por criar novas possibilidades de interação social e dinâmicas diversas de comunicação, como o ponto de partida para abertura de caminhos para que se pense em “cidadanias alternativas e críticas, observando as riquezas das particularidades

e das subjetividades dentro dos coletivos" (Maldonado & Almeida, 2020, p. 100) é um dos papeis mais desafiadores no campo da pesquisa atualmente.

Tendo essa perspectiva como norte, e frisando que não se deve reduzir conceitualmente a Transmetodologia apenas à combinação de diferentes métodos dentro de uma pesquisa, a presente investigação vem sendo conduzida de maneira interdisciplinar desde o seu início, partindo de pesquisa bibliográfica e documental em outras áreas de conhecimento para além da Comunicação, como observado nos primeiros capítulos de contextualização teórica. O mesmo se deu durante a análise exploratória das redes sociais online, especialmente por se constituírem em fluxos de comunicação em constante transformação e exigirem, em função de sua natureza dinâmica, o cruzamento das dimensões sociais, epistemológicas e subjetivas.

Como a partir desse momento se seguirá o levantamento de dados extraídos de redes sociais online, mais especificamente do Instagram (conforme justificado anteriormente), como forma de demonstrar os pontos defendidos acerca da formação de Redes Colaborativas de Comunicação, será realizada uma análise de categorização sob a perspectiva da Análise de Conteúdo, sem contudo, utilizar a metodologia em sua completude: serão aplicados determinados parâmetros, a fim de se valer de etapas no que será chamado de Análise do Conteúdo.

3.1 As redes dentro da rede: perfis de grupos colaborativos no Instagram

Apesar do termo rede permear praticamente todas as interações do universo digital e a própria internet tê-lo em sua essência enquanto indicador de endereçamento para páginas online – a sigla www que inicia qualquer direcionamento de página vem inglês World Wibe Web, em tradução livre significa algo como 'teia em todo o mundo' - , dentro das plataformas de redes sociais online essa palavra nem sempre é tão utilizada na composição de *usernames* (nome de usuário) em perfis não pessoais, ou seja, aqueles que tenham como objetivo agregar pessoas que tenham afinidade com uma ideia ou causa. O

perfil denominado @rede[27] no Instagram, por exemplo, pertence a uma instituição financeira: é uma conta certificada do banco Itaú, com 63.400 seguidores que, de acordo com a descrição (ou minibio) trata-se de um espaço para “Soluções Itaú com tecnologia Rede para alavancar seu negócio”.

A partir de uma pesquisa exploratória[28] prévia no Instagram, considerando perfis ativos com mais de mil seguidores que contivessem a expressão “rede” ou “rede colaborativa” na sua composição, as dez primeiras ocorrências que surgiram foram as descritas na tabela a seguir.

Tabela 1: Recorte de pesquisa exploratória - Perfis no Instagram com as palavras “Rede” ou “Rede Colaborativa” na composição de nome de usuário

Perfil	Seguidores	MniBio (descrição)
redemulherempreendedora	145.000	A primeira e maior rede de apoio ao empreendedorismo feminino do Brasil. linktr.ee/redemulherempreendedora
redesustentabilidade	48.800	Partido político
redescordiais	34.900	Instituição sem fins lucrativos com a missão de contribuir para a construção de espaços digitais mais saudáveis
redetransbrasil	16.600	Lutamos pela garantia dos direitos humanos e cidadania plena de travestis, mulheres e homens trans e pessoas do gênero diverso
redecolmeiademulheres	10.500	Rede Colmeia de Mulheres Feira e coletiva feminista que promove a economia circular e a sustentabilidade ◆15 & 16/10 no @centrodeartesuff www.redecolmeiademulheres.com.br
redemulheresquedecidem	9.130	☆ A maior Escola de Empreendedorismo Feminino do País. Formamos +12k empreendedoras - Metodologia Exclusiva +30 Unidades - BRBRA PTPOR USEUA - Vem!! www.sympla.com.br/evento-online/oficina-pratica-pitch-de-vendas-por-priscilia-queiro
redemulheresnaciencia	4.669	Mulheres na Ciência Rede Mulheres na Ciência, ajudando a divulgar a ciência feita por mulheres linktr.ee/redemulheresnaciencia
redecolaborativabrasil	3.456	Rede Colaborativa Brasil Valorizando a dignidade da vida humana Seja um voluntário na sua cidade Saiba mais sobre o apoio psicossocial as mulheres www.redeprovida.com
redecolaborativapics	1.219	Rede Colaborativa PICS Ofertamos atendimento online e gratuito, durante a sindemia de COVID-19, para profissionais que estão nos serviços de saúde, estudantes e professores. www.linktr.ee/picscovid
espacoredecolaborativa	1.015	Loja colaborativa em SBC - ABC Paulista

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

[27] Para identificar o nome de usuário na plataforma de rede social online Instagram, usa-se o símbolo @ antes do nome de usuário.
[28] Levantamento feito em 16 de outubro de 2022.

Algumas considerações precisam ser feitas, especialmente a partir da perspectiva algorítmica envolvida nesse levantamento: em função da interpretação feita sob o viés do comportamento pessoal nesta plataforma de rede social online, a pesquisa se alinhou a temáticas e conteúdos já consumidos pelo usuário no Instagram – daí se observa a recorrência de perfis ligados a pautas ligadas à mulher, por exemplo. Logo, não se deve ignorar a existência de outros perfis ou usuários que também tragam as palavras "rede" ou "redes colaborativas" na composição de seu *username* e que não tenham aparecido nessa exploratória, em função de sua natureza, temática ou estilo de conteúdo. Ressalta-se, então, que esse é um adendo importante quando falamos sobre a formação de redes, ou melhor, da extrapolação das redes sociais reais para as plataformas de redes sociais online: elas começam no espaço físico com indivíduos que já possuem proximidade ou convivência ou, ainda, apoiam a mesma causa, mas, quando se encaminham para o ambiente virtual, dependem das regras algorítmicas para chegarem a mais pessoas e ampliarem seu espectro. E essas regras têm como objetivo aumentar o engajamento dos usuários em determinada plataforma, ou seja, fazer com que fiquem mais tempo dentro dessas redes – por esse motivo, direcionam sugestões de perfis e redes que apresentem afinidade com os interesses de cada pessoa e gerem mais interação.

Excetuando-se o perfil da Rede Sustentabilidade, que pertence ao partido político de mesmo nome, mas que se denomina em seu site na internet como "fruto de um movimento aberto, autônomo e suprapartidário que reúne brasileiros decididos a reinventar o futuro do país", todos os demais apresentados na Tabela 4 estão ligados a causas específicas e temáticas voltadas à visibilidade de causa ou transformação social. As autodenominadas redes elencadas vão desde grupos que incentivam o empreendedorismo para mulheres, a divulgação de produção científica (com foco no trabalho desenvolvido também por mulheres), passando por questões ligadas a apoio psicossocial e atendimento voluntário, até a luta por visibilidade e direitos de pessoas trans. Resgatando o conceito em construção no presente estudo que considera dois tipos de Redes Colaborativas de Comunicação, pode-se alinhar praticamente todas esses perfis dentro do escopo Estrutural, uma vez que estão ligadas a temáticas perenes, com o objetivo de desencadear discussões e dar visibilidade às causas embarcadas, além de configurarem em sua formação no ambiente online um modelo mais longevo e com uma

quantidade de seguidores que segue dentro da média[29] da plataforma Instagram. Como efeito de comparação, em um estudo feito pela Mention, uma assessoria de Relações Públicas e Comunicação, apenas 6,2% dos perfis têm de 10.000 a 50 mil seguidores.

Sob essa perspectiva, e retomando a ideia de que as redes colaborativas se propõem a ampliar o debate acerca de determinadas pautas, servir como meio canalizador de valores comuns e conectar o maior número de interessados em cambiar conhecimentos que se materializem em ações efetivas (mesmo que sejam curtidas, marcações ou compartilhamento em plataformas de redes sociais online, o que, na prática, amplia o alcance destes perfis a partir do engajamento), essa lista de redes trabalhadas primariamente comporta mais uma característica basilar enquanto estruturais: o generalismo. Isso significa que, embora defendam ideias e ideais muito bem delimitados, há uma vastidão de micro assuntos que permeiam seu universo e que podem ser tratados em qualquer tempo dentro de suas postagens – desde conteúdos educativos, divulgação de cursos ou eventos, repercussão de notícias da grande mídia, entre outros.

Imagem 9: Painel de postagens (feed) do Instagram do perfil Rede Mulher Empreendedora, com posts temáticos variados.

[29] De acordo com estudo feito pela startup Mention e publicado pelo site Semrush, a maioria dos usuários da plataforma (53, 62%) têm menos de mil seguidores. Disponível em: https://pt.semrush.com/blog/estatisticas-instagram/ (acesso em janeiro de 2024)

Fonte: https://www.instagram.com/redemulherempreendedora (2023).

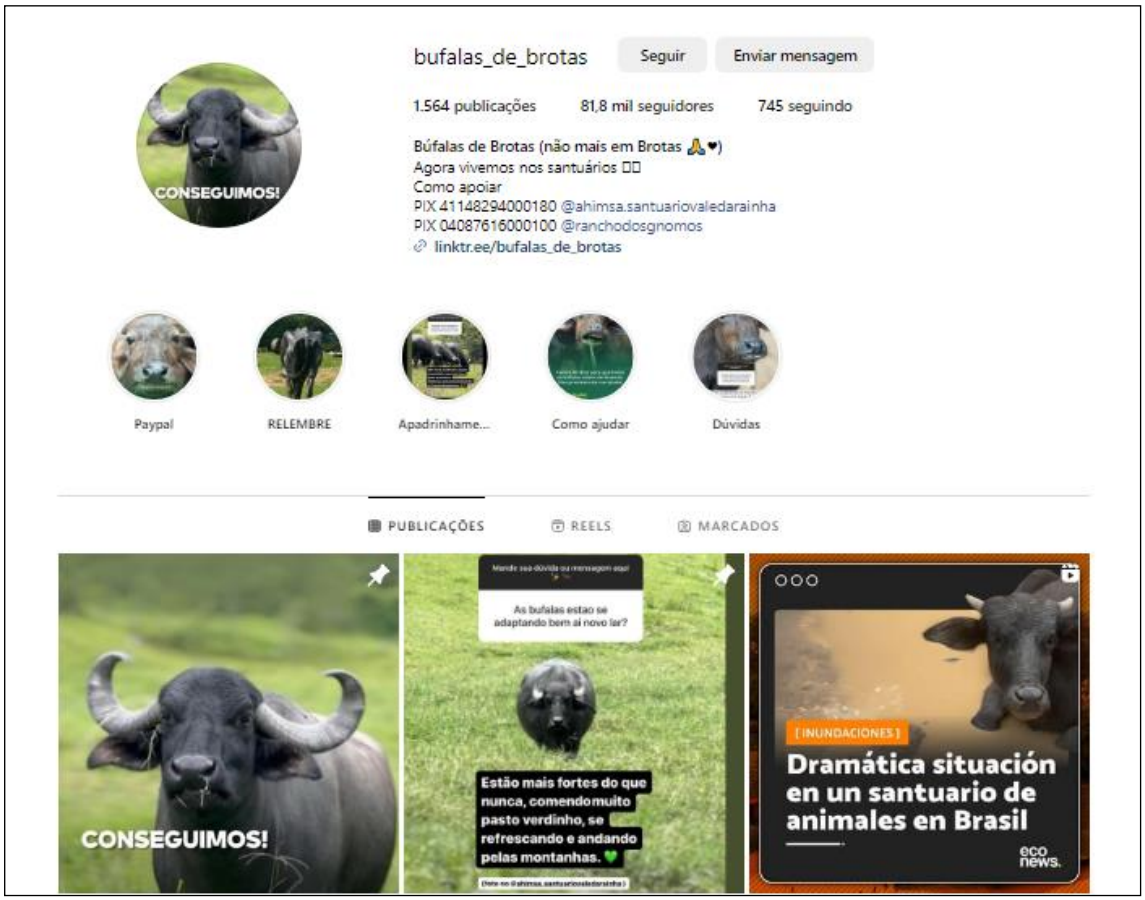
Tomando o perfil Rede Mulher Empreendedora como ilustração deste modus operandi, é possível observar em seu feed (painel de postagens) de publicações que existe o tema macro – que é o empreendedorismo feminino – mas que ele se dilui em micro temas, como divulgação de congressos e cursos, conteúdos informativos sobre como alavancar o negócio próprio e depoimentos de leitoras/seguidoras sobre sua experiência pessoal. Em outros termos, dentro de uma pauta vinculada a uma causa que podemos chamar de perene, uma vez que não está ligada a um fato ou acontecimento específico, mas sim a uma condição de determinado setor da sociedade, existem os assuntos ‘satélites’, que orbitam ao seu redor e fazem com que a rede de conexões se mantenha informada e atualizada a partir da multiplicidade de informações que ali circulam e que podem ser aproveitadas por uma parcela ou pela integralidade de seus formadores/seguidores.

Mas, e quando uma rede é criada a partir de eventos, movimentos ou fatos de relevância significativa destacados na mídia de maneira muito intensa e rápida? Trata-se de uma outra circunstância, que pode ou não estar atrelada a uma ou várias causas trabalhadas por outras redes de forma perene, ou seja, a questões ligadas à violência,

pobreza, marginalização, gênero, entre outros, e que acaba se destacando por virar uma notícia relevante e de grande impacto. Quando um vídeo, meme ou uma hashtag ganha notoriedade nos meios de comunicação e nas próprias redes sociais online, abre-se espaço para o desencadeamento de uma série de interações entre os usuários, criando uma comunidade temporária unida pelo interesse comum naquele conteúdo específico: a formação de redes aqui segue uma outra lógica, baseada em um recorte momentâneo de um fato social, sem perder, contudo, o sentido de identificação de valores entre os sujeitos que nelas se reúnem. Aqui se faz presente a máxima de Jenkins em seu Cultura da Conexão, "se algo não se propaga, está morto" (2014, p. 23).

Importante ressaltar, contudo, que não se trata de um fenômeno inerente ou exclusivo do ambiente online, ao contrário, parte de uma conjuntura, de um fato notório veiculado massivamente e que tenha causado impacto na vida de uma pessoa, um grupo ou toda uma comunidade, como o desencadeamento de uma pandemia (como acontecido com a Covid 19), questões ligadas à política (como o processo de impeachment da presidenta Dilma Rouseff) ou situações que violam direitos humanos ou de outros seres vivos - como o caso das Búfalas de Brotas, que, a partir de uma denúncia de abandono de mil animais em uma cidade do interior do Estado de São Paulo, mobilizou rapidamente uma rede de pessoas e organizações não governamentais para atuarem na prática com ações de salvamento e mais um contingente de seguidores no perfil do Instagram, criado para arrecadar fundos e publicar informações sobre a situação dos animais enquanto os trâmites jurídicos da situação corriam.

Imagem 10: Painel de postagens (feed) do Instagram do perfil Búfalas de Brotas, criado em 2021, que reuniu mais de 81 mil seguidores.



Fonte: https://www.instagram.com/bufalas_de_brotas/

Enquanto os veículos de comunicação se ocupam em informar, atualizando seu público sobre o andamento dos fatos a partir de seus desdobramentos, as redes formadas em torno de uma conjuntura operam simultaneamente no ambiente online e offline, estabelecendo um processo de formação-informação municiando a comunidade com o que não cabe na pauta do noticiário. Na contrapartida, os participantes dessas redes conjunturais se posicionam como seres ativos de maneiras distintas e afluentes, seja na participação efetiva em ações em seus espaços, seja a partir da amplificação da mensagem através de comentários, marcações e compartilhamentos nas redes sociais online. Ao abordar o que chama de mudança tecnocultural, Maldonado (2015) aponta que essas novas condições de produção de mensagens, especialmente baseadas no que ele denomina suportes comunicacionais digitais, são a mola propulsora para a formação de uma cultura das redes, na qual há “intensificação, intercâmbio, cooperação e fluxo mais eficientes” por meio da ampliação das possibilidades de participação. A elaboração sob a perspectiva do coletivo endossa a base do presente estudo: a colaboração está no processo.

3.2 ContraGolpe Brasil e a dinâmica de uma Rede Colaborativa de Comunicação Conjuntural

Em 8 de janeiro de 2023, o Brasil assistiu ao maior ataque às instituições da República, desde a o recente período de redemocratização: a partir de um movimento orquestrado de inconformismo com o resultado das eleições presidenciais, favorável a Luis Inácio Lula da Silva, uma multidão de eleitores e simpatizantes do candidato concorrente e vencido, Jair Bolsonaro, realizaram uma marcha sórdida pela capital do Distrito Federal, distribuindo vandalismo, depredação e total falta de respeito ao patrimônio público e à própria História do país. Como escreveu o jornalista Luiz Roberto Serrano, no Jornal da USP[30] um ano após o ocorrido, "era uma multidão teleguiada por muitos que não se conformavam com os resultados das eleições presidenciais, que derrotaram o candidato que reverberava, cada vez mais, contra a democracia – saudoso do autoritarismo que governou o país entre 1964 e 1985."

Embora a explosão de ódio e violência generalizada tenha acontecido apenas uma semana após a posso do presidente eleito, o movimento em si já vinha ganhando corpo há alguns meses, com bolsonaristas e simpatizantes montando acampamento em frente a quarteis do Exército em várias cidades do Brasil – e, claro, com o objetivo máximo de demonstrar a insatisfação com a escolha feita pela maioria da população, em um processo de votação informatizado, democrático e transparente. Justamente por esse motivo, o receio das autoridades era que, caso houvesse alguma manifestação mais severa de descontentamento, isso se daria no dia da posse de Lula – o que acabou não acontecendo, uma vez que a cerimônia ocorreu de acordo com todos os trâmites planejados. Uma semana depois, porém, o golpe veio. Ou melhor, a tentativa. Em seus primeiros passos por Brasília, travestida de "marcha" ou "manifestação", como foi divulgada pelos veículos de comunicação, o enxame de pessoas trajando camisetas verde e amarelo e empunhando a bandeira do Brasil na tentativa desproporcional de se reafirmarem na autodenominação de "patriotas", transformou-se rapidamente em uma horda raivosa e disposta a depredar tudo que visse pela frente. Portas, paredes de vidro, janelas, poltronas,

[30] Artigo de opinião publicado no site do Jornal da UPS em 5 de janeiro de 2024. "8 de janeiro de 2023: o dia em que a democracia venceu mais uma vez". Disponível em: https://jornal.usp.br/articulistas/luiz-roberto-serrano/8-de-janeiro-de-2023-o-dia-em-que-a-democracia-venceu-mais-uma-vez/

objetos de arte, relíquias de valor imensurável, estátuas, gramado... e até o cavalo em serviço da Polícia Militar que estava na contingência (e há questionamentos a respeito do trabalho condescendente desta instituição): nada escapou à fúria abjeta dos criminosos radicais insatisfeitos.

O presidente Lula não estava em Brasília, havia viajado à cidade de Araraquara (interior de São Paulo), em uma agenda de trabalho com foco em ações para recuperar o local após fortes chuvas que causaram alagamentos, destruição e mortes. E foi de lá que se iniciaram as mobilizações do presidente junto aos ministros e outros atores políticos importantes no cenário que se desenrolou nas horas seguintes – muitos aproveitavam o dia de folga em almoços de família ou mesmo fora da capital, como o Alexandre de Moraes, ministro do Supremo Tribunal Federal que estava em Paris. Não é a proposta desse trabalho se estender sobre a cronologia ou na descrição dos atos em si, que foram amplamente divulgados por todas as mídias, com cobertura em tempo real dos acontecimentos – muito suportada, em verdade, em função de materiais em áudio e vídeo que circulavam nas redes sociais online, geralmente publicadas pelos próprios vândalos, que faziam questão de mostrar em seus perfis onde estavam e o que estavam fazendo. Porém, é importante registrar que como ato oficial resultado das articulações estabelecidas ao longo do dia, publicou-se o Decreto 11.377, que decretava a “intervenção federal no Distrito Federal com objetivo de pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública”. (BRASIL, 2023)

Imagem 11: Íntegra do Decreto nº 11.337, de 8 de janeiro de 2023.

Presidência da República
Secretaria-Geral
Subchefia para Assuntos Jurídicos

DECRETO Nº 11.377, DE 8 DE JANEIRO DE 2023

Decreta intervenção federal no Distrito Federal com o objetivo de pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública, nos termos em que especifica.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no uso da atribuição que lhe confere o art. 84, **caput**, inciso X, e no art. 34, **caput**, inciso III, da Constituição,

DECRETA:

Art. 1º Fica decretada intervenção federal no Distrito Federal até 31 de janeiro de 2023.

§ 1º A intervenção de que trata o **caput** se limita à área de segurança pública, conforme o disposto no art. 117-A da Lei Orgânica do Distrito Federal.

§ 2º O objetivo da intervenção é pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública no Distrito Federal, marcado por atos de violência e invasão de prédios públicos.

Art. 2º Fica nomeado para o cargo de Interventor Ricardo Garcia Cappelli.

Art. 3º As atribuições do Interventor são aquelas necessárias às ações de segurança pública, em conformidade com os princípios e objetivos previstos no art. 117-A da Lei Orgânica do Distrito Federal.

§ 1º O Interventor fica subordinado ao Presidente da República e não está sujeito às normas distritais que conflitarem com as medidas necessárias à execução da intervenção.

§ 2º O Interventor poderá requisitar, se necessário, os recursos financeiros, tecnológicos, estruturais e humanos do Distrito Federal afetos ao objeto e necessários à consecução do objetivo da intervenção.

§ 3º O Interventor poderá requisitar a quaisquer órgãos, civis e militares, da administração pública federal, os meios necessários para consecução do objetivo da intervenção.

§ 4º As atribuições previstas no art. 117-A da Lei Orgânica do Distrito Federal que não tiverem relação direta ou indireta com a segurança pública permanecerão sob a titularidade do Governador do Distrito Federal.

§ 5º O Interventor, no âmbito do Distrito Federal, exercerá o controle operacional de todos os órgãos distritais de segurança pública previstos no art. 144 da Constituição Federal e no art. 117-A da Lei Orgânica do Distrito Federal.

Art. 4º Poderão ser requisitados, durante o período da intervenção, os bens, serviços e servidores afetos às áreas da Secretaria de Estado de Segurança do Distrito Federal, da Secretaria de Estado de Administração Penitenciária do Distrito Federal e do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, para emprego nas ações de segurança pública determinadas pelo Interventor.

Art. 5º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 8 de janeiro de 2023; 202º da Independência e 135º da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA
Flávio Dino de Castro e Costa

Fonte: https://www.planalto.gov.br (2024).

Ainda como parte das ações de contenção dos ataques no campo das ações políticas, o Secretário de Segurança Pública de Brasília, Anderson Torres, foi exonerado – e preso posteriormente, a partir do desdobramento das investigações, juntamente com o comandante da Polícia Militar, Fábio Augusto Vieira. A AGU (Advocacia Geral da União) enviou ao Supremo Tribunal Federal pedidos de desocupação imediata de todos os prédios públicos, solicitação de determinação a empresas de telefonia que disponibilizassem registros de conexão para identificação de geolocalização de quem estava na Praça dos Três Poderes e no Quartel General do Exército no DF, além de solicitar que o STF determinasse que "plataformas digitais, como Facebook e Instagram, fornecessem informações com identificação dos respectivos IPs que acessaram tais aplicativos no local". No campo das ações práticas e imediatas, 243 pessoas foram presas neste dia, dentro dos prédios do Palácio do Planalto, do STF e do Congresso Nacional. No dia seguinte, o número de detidos subiria para 1.154. Nas operações deflagradas a partir do ato, ao longo das semanas e meses seguintes, mais 35 pessoas ainda seriam presas em função das investigações subsequentes capitaneadas pelo Ministério da Justiça e Segurança Pública e a Polícia Federal, que contou também com um canal online aberto

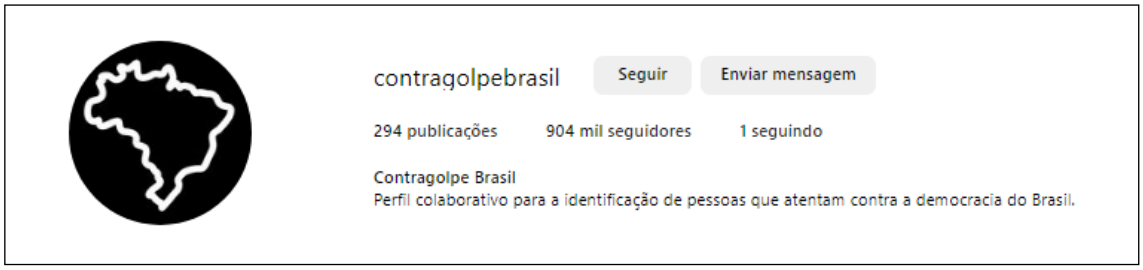
ao público para denúncias, principalmente, identificação de golpistas que participaram dos ataques: o e-mail denuncia@mj.gov.br. De acordo com o portal de notícias G1[31], até as 11h30 da manhã do dia seguinte, 9 de janeiro, haviam chegado a essa caixa de entrada eletrônica 3 mil denúncias.

E é neste contexto e a partir da atuação cidadã engajada com os valores democráticos que uma rede online toma corpo e de maneira extremamente rápida arregimenta milhares de pessoas motivadas a contribuir na identificação e denúncia dos vândalos golpistas: o perfil no Instagram denominado Contragolpe Brasil. Esse é o ponto que interessa ao presente estudo, uma vez que a rede foi criada a partir de uma conjuntura (a tentativa de golpe), com o objetivo de expor os participantes extremistas, valendo-se das próprias informações que estes divulgaram ao longo das ações de depredação, escárnio e incivilidade no 8 de janeiro em seus perfis nas plataformas digitais. Sem se darem conta de que todos os conteúdos produzidos e disponibilizados online, posteriormente, seriam utilizados como provas cabais de suas participações e teriam uma contribuição efetiva em suas condenações, bolsonaristas "patriotas" não apenas publicavam em tempo real seus atos de cólera contra a democracia, como também se orgulhavam em bradar ferozes discursos de total desprezo às instituições enquanto as invadiam e destruíam tudo que viam pela frente.

O perfil Contragolpe Brasil (@contragolpebrasil) foi criado no dia 8 de janeiro de 2023, na plataforma de rede social online Instagram, com o seguinte descritivo: "Perfil colaborativo para identificação de pessoas que atentam contra a democracia do Brasil". Sem autores identificados, a conta chegou a reunir mais de 1 milhão de seguidores em menos de dois dias de atividade e realizou cerca de 180 publicações apenas neste período – fase em que se concentrou a maior parte das denúncias, considerando que em maio de 2024 o perfil somava 294 postagens no total.

[31] "Governo cria e-mail para receber informações de terroristas que cometeram atos de domingo". Disponível em: https://g1.globo.com/politica/noticia/2023/01/09/ministerio-da-justica-cria-e-mail-para-receber-informacoes-de-terroristas-que-cometeram-atos-de-domingo.ghtml

Imagem 12: Topo do painel de postagens (feed) do Instagram do perfil Contragolpe Brasil.



Fonte: https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

A intenção declarada e direta da página online, conforme expresso em sua descrição, era a de contar com a colaboração dos seguidores que pudessem contribuir com informações sobre os participantes daquela data, que passou a compor o Calendário Oficial de Eventos do Distrito Federal como o Dia em Defesa da Democracia[32]. Em um movimento extremamente ágil de formação de rede, a criação do espaço de articulação e resistência, com a finalidade de levantar informações e dar sequência a denúncias reuniu milhares de pessoas alinhadas a um valor essencial: a defesa da democracia. A dinâmica bidirecional entre os espaços real e virtual é fundamental para que se compreenda as dimensões do agir cidadão através da mobilização em massa, apropriando-se do poder de propagação e amplificação de ideias e ações que as plataformas de redes sociais online proporcionam. Inclusive, neste cenário, a localização física dos indivíduos que aderiram ao movimento é aberta e aleatória, sem ter havido a necessidade de se conhecerem ou estarem em grupo presencialmente no ato da formação da rede: a relevância está na afinidade com os valores defendidos e a disposição em contribuir com a causa, o que é válido para todos os brasileiros, residentes ou não no País.

A primeira postagem do perfil ContraGolpe Brasil (Imagem 12) trouxe a foto em close do rosto de um homem com boné e óculos escuros e na qual é possível notar que está trajado com uma camiseta amarela – o traje típico dos autodenominados "patriotas" era composto, via de regra, pela camisa da Seleção Brasileira de Futebol ou, em suas variações, qualquer vestimenta com as cores da bandeira do Brasil. O texto da legenda para a imagem é o direto e objetivo: "AJUDE NA IDENTIFICAÇÃO! Envie as informações ao Ministério da Justiça e Segurança Pública: denuncia@mj.gov.br". A

[32] A partir da aprovação do Projeto de Lei nº 35/2023, proposto pelo Deputado Gabriel Magno, do PT (Partido dos Trabalhadores).

publicação inaugural agregou 25.941 curtidas e 1.312 comentários, que variavam entre o envio de informações sobre o suspeito (Imagem 13), parabenização pela iniciativa e, como seria esperado, textos que questionavam o caráter golpista do ato (Imagem 14), sugerindo que haviam infiltrados na passeata e que estes seriam os responsáveis pelas depredações. Via de regra, porém, a balança pendeu de maneira mais massiva para o lado daqueles que estavam dispostos a contribuir, permitindo que as pessoas identificassem e denunciassem os perpetradores, unindo-se em solidariedade e resistência.

Imagem 13: Primeira postagem do perfil ContraGolpe Brasil: destaque para comentário de apoio e parabenização pela iniciativa.

Fonte: https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

Imagem 14: Primeira postagem do perfil ContraGolpe Brasil: destaque para comentário com informações de identificação da pessoa da imagem.

Fonte: https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

Imagem 15: Primeira postagem do perfil ContraGolpe Brasil: destaque para comentário ironizando a iniciativa e sugerindo a existência de “infiltrados petistas”.

Fonte: https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

Ao localizar no perfil ContraGolpe Brasil os requisitos que o qualificam na dimensão de uma Rede Colaborativa de Comunicação Conjuntural – que surge a partir de um fato específico e de grande impacto social e midiático, demandando de ampla divulgação em tom de denúncia e, consequentemente, com foco em contribuir com a solução do problema exposto pelo fato com agilidade e dentro de um curto prazo de tempo – é pelo recorte desse objeto que se estenderá a análise acerca do sentido da colaboração em redes sociais online. Sendo assim, no presente estudo, optou-se por estabelecer uma delimitação quantitativa, a fim organizar, categorizar e classificar informações relevantes referentes à interação no perfil nas 10 (dez) primeiras postagens, que aconteceram ainda no dia 8 de janeiro de 2023, e será chamada de Fase 1, e cruzar esses dados com as 10 (dez) últimas publicações, realizadas entre fevereiro e março de 2023, denominada Fase 2.

Tabela 2: Fase 1 - Lista em ordem de postagem com as 10 (dez) primeiras publicações no perfil ContraGolpe Brasil, realizadas em 8 de janeiro de 2023.

Data	Retranca da legenda	Tema	Curtidas	Comentários
08/jan	Ajude na identificação	Envie informações ao Ministério da Justiça	25941	1312
08/jan	Ajude na identificação	Envie informações ao Ministério da Justiça	14200	471
08/jan	Ajude na identificação	Envie informações ao Ministério da Justiça	13300	359
08/jan	Ajude na identificação	Envie informações ao Ministério da Justiça	12100	293
08/jan	Ajude na identificação	Envie informações ao Ministério da Justiça	11948	264
08/jan	Ajude na identificação	Envie informações ao Ministério da Justiça	11906	260
08/jan	🚨 ANA PRISCILA AZEVEDO ⚠ ARTICULADORA	Envie informações ao Ministério da Justiça	119399	22000
08/jan	🚨 AJUDE NA IDENTIFICAÇÃO!	Envie informações ao Ministério da Justiça	15646	662
08/jan	🚨 THIAGO BEZERRA	Envie informações ao Ministério da Justiça	21466	2432
08/jan	🚨 AJUDE NA IDENTIFICAÇÃO!	Envie informações ao Ministério da Justiça	13421	576

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Na Tabela 2, além da data ser um importante marcador temporal, reforçando a necessidade de urgência nas publicações e celeridade nas identificações, optou-se por manter dois indicadores diretamente ligados ao conteúdo postado na rede, para efeito de identificação e tipificação: a “retranca da legenda” e o “tema”. Entenda-se por “retranca da legenda” o primeiro texto que aparece logo no início da postagem, que tem a função de chamar a atenção para o que se pretende com a imagem – seja pedir auxílio no processo de identificação de quem está na foto, seja já nomear a pessoa retratada e solicitar que

sejam enviadas mais informações a respeito da mesma, o que acontece ao longo da legenda (localidade em que mora, lugar em que trabalha, entre outros dados que podem ser relevantes para o Ministério da Justiça). No marcador “tema”, optou-se por trazer uma frase que resuma, de maneira generalizada, a intenção da postagem, ou seja, qual sua finalidade principal. O que se observa é que, nas primeiras publicações, o objetivo geral do texto da legenda é sempre o mesmo: convocar a audiência a enviar informações sobre a identidade dos golpistas ao Ministério da Justiça, inclusive, inserindo em todos os conteúdos o e-mail oficial do governo para essa finalidade. Esses dois marcadores não serão trabalhados diretamente na construção dos comparativos numéricos referentes à movimentação gerada entre os seguidores do perfil, uma vez que para esse intuito devem ser utilizados os dados numéricos das colunas “Curtidas” e “Comentários”, mas terão grande participação na etapa posterior, ao longo da análise pontual do conteúdo, especificamente dos que geraram mais interações.

Da mesma maneira, segue-se a estrutura da Tabela 5 para levantamento da lista das 10 (dez) últimas postagens feitas pelo perfil, a Fase 2, sendo que a derradeira foi em 7 de março de 2023 e as retrancas das legendas aqui, em sua maioria, já diferem daquelas utilizadas inicialmente, ao longo das primeiras postagens: dois meses depois do ocorrido, o mote principal do conteúdo era a atualização sobre prisões e andamento de processos contra os golpistas. Isso porque, vale resgatar essa informação, que no próprio 8 de janeiro, o interventor indicado para a Secretaria de Segurança do Distrito Federal, Ricardo Capelli, mobilizou todo o efetivo de policial para atuar na Esplanada, com orientação para expulsão dos prédios e prisão imediata dos depredadores.

Tabela 3: Fase 2 - Lista em ordem de postagem com as 10 (dez) últimas publicações no perfil ContraGolpe Brasil, realizadas entre 7 de fevereiro e 7 de março de 2023.

Data	Retranca da legenda	Tema	Curtidas	Comentários
07/fev	🚨 ATUALIZAÇÃO: Quatro oficiais da Polícia Militar do Distrito Federal foram PRESOS hoje!	Atualização prisão	17.377	736
08/fev	🚨 ATUALIZAÇÃO: Drácula, o cavalo espancado por terroristas bolsonaristas nos atos do dia 8, voltou hoje aos trabalhos.	Atualização estado de saúde	41.222	1.676
10/fev	🚨 Arnaldo Annichino Nacarato	Pedido de Informação	32.810	1.840
13/fev	Apesar da comoção desta bolsonarista, é sempre bom lembrar: PRISÃO NÃO É COLÔNIA DE FÉRIAS!	Vídeo de bolsonarista	69.749	17.700
14/fev	🚨 ATUALIZAÇÃO: Luciano Oliveira dos Santos, conhecido como "Popó Bolsonaro", foi PRESO nesta terça-feira.	Atualização prisão	49.610	4.856
14/fev	🚨 ATUALIZAÇÃO: Antônio Clésio Ferreira, ex-candidato a prefeito de Ouro Preto (MG), foi PRESO hoje pela Polícia Federal!	Atualização prisão	24.833	1.622
14/fev	🚨 ATUALIZAÇÃO: Laudenir Vieira Rodrigues foi PRESO hoje pela Polícia Federal!	Atualização prisão	49.904	3.264
23/fev	🚨 O ministro Alexandre de Moraes determinou hoje (23) o bloqueio das contas bancárias do bolsonarista Esdras Jonatas dos Santos.	Atualização judicial	110.539	9.616
27/fev	🚨 ÚLTIMA HORA: O ministro Alexandre de Moraes autorizou nesta segunda-feira (27) a abertura de inquérito para apurar a responsabilidade de militares	Atualização judicial	17.215	891
07/mar	🚨 ATUALIZAÇÕES: Mais três bolsonaristas de extrema-direita foram presos hoje (7) pela Polícia Federal.	Atualização prisão	47.933	3.285

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

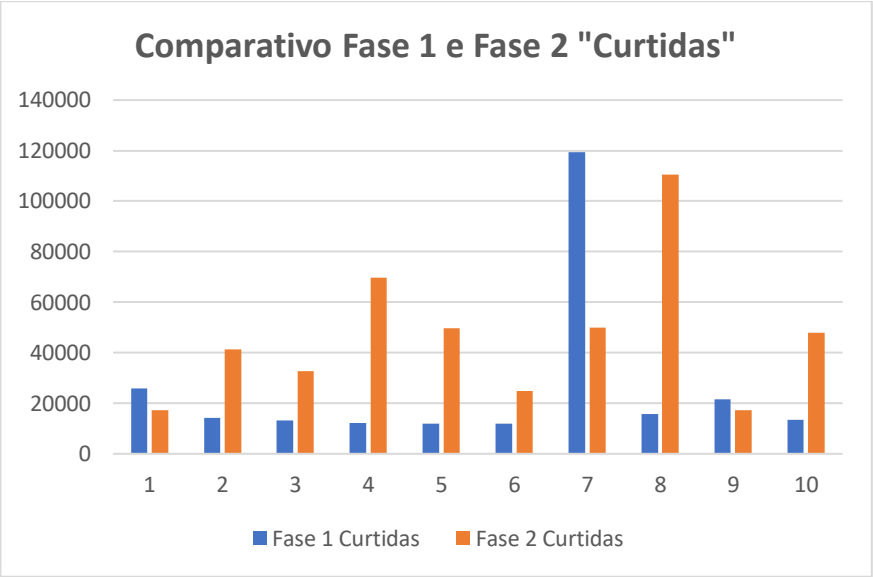
Como sinalizado previamente, a composição do indicador “retranca da legenda”, na Tabela 6, denota a mudança de mirada feita pelo perfil durante a Fase 2, que passa a se concentrar em atualizações sobre prisões e sentenças, além de divulgar outras informações consideradas relevantes acerca de desdobramentos do evento/invasão – como o estado de saúde de um dos cavalos da Polícia Militar, o Drácula, que sofreu ataques físicos por parte dos bolsonaristas durante o ato.

Imagem 16: Atualização sobre o estado de saúde do cavalo Drácula, da Polícia Militar do Distrito Federal, ferido por golpistas durante o ato de 8 de janeiro.

Fonte: https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

À medida em que as semanas e os meses se passaram desde o 8 de janeiro, as interações no perfil também sofreram oscilação, com alcance ampliado e mais participantes, mesmo com a quantidade de seguidores sofrendo uma redução gradativa posteriormente, saindo de pouco mais de 1 milhão, reunidos em janeiro de 2023, para 904 mil seguidores em meados do primeiro semestre de 2024 (Imagem 11). Porém, como a rotina de publicações não existe mais, esse movimento característico de ‘esvaziamento’, embora sendo ainda um perfil com uma quantidade de seguidores bem acima da média dos demais usuários do Instagram, alinha-se a uma das características propostas às Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais: o prazo determinado, ou seja, elas têm começo e fim. E esse encerramento não necessariamente se estabelece com o fechamento do perfil ou o fim da rede em si, mas, com os desdobramentos efetivos no sentido de materializar uma denúncia ou situação e os devidos encaminhamentos serem tomados de forma efetiva, seja pelo governo ou outras entidades que se destinem à resolução do mesmo.

Gráfico 1: Comparativo entre quantidade de curtidas postados no perfil entre as postagens da Fase 1 e da Fase 2.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

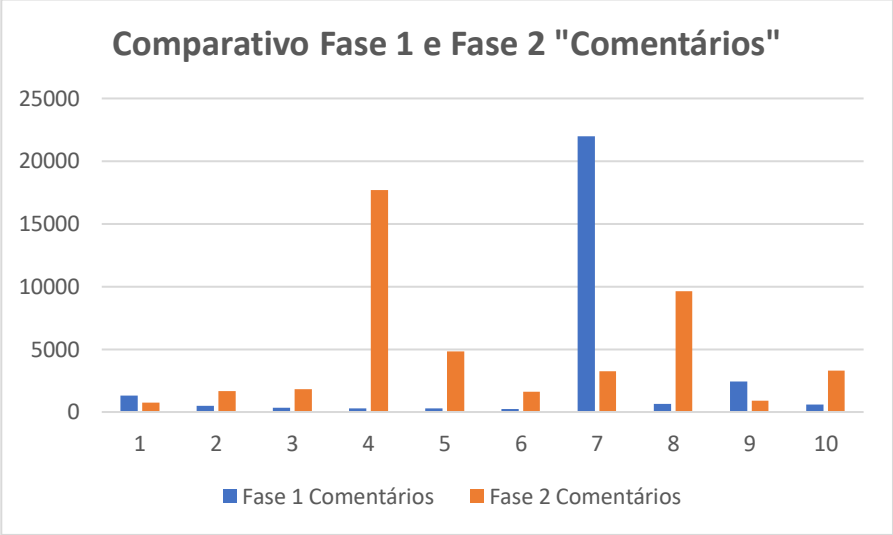
As dez postagens realizadas durante a Fase 1 somaram 259.327 curtidas, um número bastante elevado em relação à média geral da plataforma de rede social online Instagram caso sejam consideradas as métricas de engajamento da plataforma. Aqui vale o aparte técnico e breve a respeito desse tema, uma vez que não ele consta como parte do escopo de estudo, mas, é importante para entender o que os números representam em relação ao meio em que estão inseridos: o engajamento no Instagram é entendido como a somatória das diversas maneiras que os seguidores interagem com um determinado perfil ou publicação, sendo elas curtir, comentar (no feed, nos stories ou no *reels*), compartilhar, salvar, mencionar, enviar mensagem direta, responder ao *story* ou clicar em um link. Para que se saiba qual a taxa de engajamento, esse sim considerado o índice que indica a popularidade de um determinado perfil e que serve como embasamento para vendas de publicidade, entre outras questões comerciais, é preciso fazer contas: soma-se a quantidade de engajamentos que o perfil considere importantes em uma determinada publicação, divide-se pela quantidade total de seguidores e multiplica o resultado por cem (100). Como dito anteriormente, todo esse preâmbulo numérico serve para que seja possível entender os mecanismos de funcionamento da plataforma e como ela mensura a

atividade de seus usuários, o que, em última instância, serve também ao objetivo de oferecer determinado conteúdo a mais pessoas que tenham afinidade com determinado tema. Em outras palavras, quanto mais engajar, maiores são as chances de o Instagram mostrar determinado conteúdo a mais pessoas dentro da plataforma.

Além disso, abordando brevemente a estratégia da própria rede social online para contextualizar como funciona seu algoritmo, o Instagram explica que as curtidas são importantes para o entendimento dos hábitos do usuário, quais assuntos gosta de ver, com que perfis têm mais familiaridade e quais conteúdos parecidos pode apresentar para as pessoas cadastradas – tudo a partir das interações em rede de cada uma delas. Aliás, de acordo com a própria plataforma, não existe um único algoritmo que defina o que é apresentado a cada usuário, mas "vários algoritmos, classificadores e processos, cada um com um propósito"[33]. Em um comunicado publicado em junho de 2021, Adam Mosseri, Diretor do Instagram, explica como essas associações são feitas com a finalidade de entregar conteúdos personalizados, que melhorem a experiência de cada usuário dentro da plataforma, com base em um conjunto de informações que ele chama de "sinais". Entre os principais sinais estão as informações sobre a publicação (como a quantidade de curtidas que recebeu), informações sobre o perfil que publicou, a atividade de cada usuário (como quantidade de publicações que curtiu) e o histórico de interações de cada usuário (para entender em quais perfis demonstra mais interesse). Ainda neste comunicado, ele detalha como são feitas "suposições fundamentadas" na probabilidade de um usuário interagir com determinada publicação, sendo cinco as interações mais consideradas: ver a postagem por alguns segundos, fazer um comentário, curtir, compartilhar e tocar na foto de perfil do autor. "Quando maior a probabilidade de você realizar uma ação e maior a importância que atribuímos a ela, a chance de uma publicação aparecer de novo no seu Feed aumenta". (2021, online).

Gráfico 2: Comparativo entre quantidade de comentários postadas no perfil entre as postagens da Fase 1 e da Fase 2.

[33] "Explicando melhor o funcionamento do Instagram", disponível em: https://about.instagram.com/pt-br/blog/announcements/shedding-more-light-on-how-instagram-works. Acesso em janeiro de 2024.



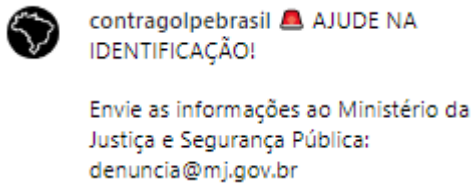
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Via de regra, os comentários refletem um nível de interação ainda mais aprofundado nas plataformas de redes sociais online, uma vez que, como ação complementar a uma 'curtida', vão além e registram opinião, crítica, concordância ou agregam informações ao tema proposto por determinada postagem. Para Jenkins, constituem uma das fortes bases que constituem a Cultura Participativa, uma vez que "cada evento tem o potencial de ser absorvido em múltiplas conversas, sendo reenquadrado e ao mesmo tempo reembalado e recirculado, redefinido conforme se transforma em um meme, por um lado, ou traduzido em conteúdo a ser difundido, por outro" (Jenkins, 2016). Partindo dessa premissa, o papel dos comentários no ContraGolpe Brasil era ainda mais relevante: constituam-se na principal razão de ser do perfil, uma vez que o objetivo central da rede era angariar o máximo de informações sobre os participantes do 8 janeiro, com a participação ativa de sua audiência. Ainda trazendo Jenkis (2016) para a mesa, mas com o autor já trabalhando na ideia de uma cultura de conexão, serve-se em destaque suas conclusões sobre essa temática apoiando que o conteúdo (publicado, postado) não se restringe mais a fronteiras e "circula em direções imprevistas e, muitas vezes, imprevisíveis, não um produto concebido de cima pra baixo, e sim o resultado de uma infinidade de decisões locais tomadas por agentes autônomos que negociam o seu caminho em diversos espaços culturais". O ser cidadão no século XXI transita entre as muitas realidades e nelas deixa suas marcas.

Ao apoiar parte do embasamento teórico sobre colaboração no início desta tese em Paulo Freire, reforça-se aqui o caráter dialógico antes mencionado no que diz

respeito à importância de os serem comunicantes conseguirem se expressar e haver entendimento dentro de um contexto compartilhado, seja de interesse, seja de experiência de vida, seja de uma causa em que assentiram lutar lado a lado. No perfil ContraGolpe Brasil, os comentários estão para as denúncias como o diálogo está para a construção de saberes freireana, com o aporte de um 'mover-se no mundo' (ainda que virtual) com a consciência de que "é no domínio da decisão, da avaliação, da liberdade, da ruptura, da opção, que se instaura a necessidade da ética e se impõe a responsabilidade" (Freire, 1998. p. 20). O chamado principal da rede é para que os seguidores comentem, encaminhem informações relevantes e façam denúncias ao canal oficial do Ministério da Justiça e Segurança Pública, preceito reforçado pela mensagem com a qual se iniciam praticamente todas as postagens da primeira fase, em letras maiúsculas e com uma figura de sirene antes do texto.

Imagem 17: Mensagem inicial das primeiras postagens do perfil ContraGolpe Brasil.



Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

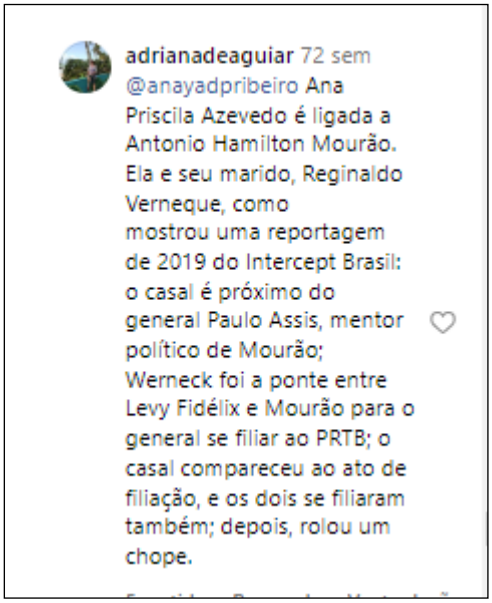
A partir dessa tabulação, o presente estudo avança para o próximo capítulo com o aprofundamento comparativo e, especialmente, as análises acerca das discrepâncias numéricas de interações em algumas publicações específicas, tanto na Fase 1 quanto na Fase 2. Tome-se como exemplo a sétima publicação feita no dia 8 de janeiro, que contou com 119.399 curtidas, uma quantidade de reações muito maior do que o conquistado pelas primeiras publicações até aquele momento, e 22 mil comentários. O post em questão foi o primeiro a trazer uma foto de uma mulher e já identificá-la como sendo "uma das principais articuladoras da invasão ao Congresso Nacional". Outro diferencial desse conteúdo é que, dois dias após a publicação, a equipe do ContraGolpe Brasil atualizou o texto com a informação de que ela havia sido presa em outro Estado.

Imagem 18: Postagem com maior interação (curtidas e comentários) da Fase 1.

Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

O fato de esta imagem já trazer a identificação da golpista no início do texto quebra a sequência de pedidos de ajuda das publicações até o momento, nas quais o padrão era não ter nenhuma informação a respeito da pessoa que estava na foto e fazer essa solicitação ao público logo no início da postagem. Aqui, porém, ao mesmo tempo em que traz o nome da mulher e sinaliza sua função no movimento antidemocrático como "Articuladora", logo abaixo solicita o envio de informações – presume-se justamente pelo fato de ter conseguido fugir e escapar às prisões que foram feitas no dia, que a atualização tenha sido posterior, sobre sua detenção cerca de 48 horas depois. Logo, a linha de comentários era ainda mais variada, indo desde divulgação do local de trabalho de Ana Priscila, passando por informações já veiculadas na mídia anteriormente sobre seu passado político (Imagem 19), até o tipo de comentário que se tornaria muito constante nas publicações: a de bolsonaristas argumentando que os depredadores eram infiltrados da esquerda, que tinham a baderna como foco e com objetivo de incriminar os "cidadãos de bem" que estavam em um protesto pacífico.

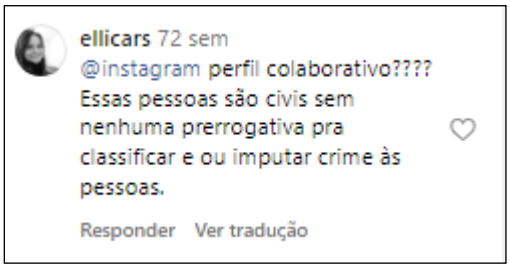
Imagem 19: Comentário destacado na postagem sobre Ana Priscila Azevedo, no qual é abordada sua ligação com o ex-vice-presidente.



Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

Outra linha de discurso, ou tentativa de debate com os seguidores da rede, eram comentários que colocavam em xeque a autoridade do perfil em se autodenominar colaborativo, uma vez que abria espaço para "civis comuns" se expressarem acerca da conduta daqueles que tinham suas imagens publicadas.

Imagem 20: Comentário destacado na postagem sobre Ana Priscila Azevedo, no qual é questionado o caráter colaborativo do perfil.



Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/

Desta feita, inclusive, um preâmbulo necessário no que diz respeito à área da Justiça: no Ordenamento Jurídico Brasileiro existem diversas normas que asseguram

direitos e deveres, bem como situações cabíveis de ações judiciais e punições legais, quando o assunto são redes sociais online. Entre os principais estão o Marco Civil da Internet (Lei 12.965/2014), o Decreto-Lei 2.848/40 do Código Penal (do qual se pode apoiar no artigo 139, que versa sobre difamação) e a Lei 10.406/2002 do Código Civil, sendo que, acompanhando de sobrevoo a jurisprudência dentro do tema, geralmente se realiza um combinado entre artigos destas três conjurações legais, sempre a depender do caso em questão. Fato é que a violação aos direitos chamados personalíssimos – como a imagem e a honra, por exemplo – se enquadrariam, sim, no formato adotado pela rede ContraGolpe Brasil, que optou por divulgar fotos dos participantes do 8 de janeiro, desde que não se tratasse de uma ação criminosa contra o estado democrático de direito, com vasto material produzido (inclusive, pelos próprios vândalos e postados em seus perfis) e divulgado nas redes sociais online e nos grandes veículos de mídia em geral.

Isso posto, basta para desbancar qualquer tentativa de querela com viés jurídico por parte da iniciativa e encaminhar o presente estudo para análise mais delineada dos resultados, a fim de ressignificar as possibilidades da colaboração em redes estruturais no ambiente online.

Capítulo 4: O pensamento no espaço digital

4.1 O que as redes colaborativas querem nas redes sociais online?

Em diversos momentos desta tese, embora redigida de maneiras distintas, reforça-se a máxima que reza que sociais são as pessoas, não as redes – acima e apesar de barreiras geográficas, políticas, históricas, sociais ou culturais. Unir-se em torno de necessidades, causas e valores é da natureza humana, a mesma que impele cada indivíduo a interagir cotidianamente e construir relacionamentos e a qual estaria cada vez mais sendo relegada ao plano secundário na visão mais pessimista de uma linha de pensamento sociológica quem tem em Bauman seu estandarte mais manifesto.

> É possível adicionar e deletar amigos, e controlar as pessoas com quem você se relaciona. Isso faz com que os indivíduos se sintam um pouco melhor, porque a solidão é a grande ameaça nesses tempos individualistas. Mas, nas redes, é tão fácil adicionar e deletar amigos que as habilidades sociais não são necessárias (Bauman, 2016, online).

A crítica do sociólogo se estende ao que ele chama de "armadilha", uma vez que as redes sociais online têm servido mais ao reforço de opiniões e visões de mundo fechadas do que ao diálogo predisposto a debater diferenças, fazendo cair por terra a promessa de pluralidade de pensamentos e interações sociais abertas à controvérsia de maneira construtiva. E essa também não deixa de ser a visão que outros teóricos trabalharam fortemente a partir dos anos 2010, quando o termo "bolha" começou a ser explorado como forma de explicar os filtros algorítmicos que decidiam o que seria exposto a cada indivíduo em seus perfis de redes sociais online. Ou seja, conteúdos que reforçassem seus gostos, opiniões, posicionamento político entre outras temáticas.

Apesar de se mostrar um rascunho sombrio e verídico de uma realidade vivenciada nos tempos atuais, os conceitos seguem se atualizando e a vida em rede, seja ela real ou virtual, nunca deixou de existir. E, como aqui se defende, é que suas formações e formas de atuação, essas sim, estão se condicionando a um momento histórico e global pautado pela evolução tecnológica e novos fluxos comunicativos, logo, hão que se diferir em estrutura, atuação e resultados – o que se coloca anteriormente ao abordar Redes

Colaborativas de Comunicação Estruturais e Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais. Mas, segue-se falando de pessoas e fatos.

4.2. Tecnologias da informação e comunicação: colaboração real ou ruídos digitais?

O perfil ContraGolpe Brasil, entendido aqui como uma Rede Colaborativa de Comunicação Conjuntural, foi aberto no mesmo dia em que os ataques de 8 de janeiro aconteceram, sem que para isso houve uma reunião presencial entre criadores e um grupo de cidadão indignados com o acinte à democracia brasileira. Pelo menos, não que se tenha algum registro ou comprovação, uma vez que nem a identidade do criador (ou criadores) da página é reconhecida até os dias de hoje. A despeito disso, não foi preciso esperar muito para que reunisse ao redor de sua causa uma grande quantidade de pessoas dispostas a contribuir com compartilhamentos, comentários ou curtidas – que são essenciais na dança algorítmica para alcançar mais pessoas dentro da plataforma – em uma construção colaborativa de dados e informações de alto valor para denunciar e responsabilizar os culpados.

Durante o período chamado de Fase 1, as dez primeiras publicações do ContraGolpe Brasil receberam, no total, 259.327 curtidas e 28.629 comentários, números muito representativos e acima da média para os padrões da rede. Para efeito de comparação, a cantora Anitta, uma das celebridades brasileiras com mais seguidores no Instagram (64,7 milhões), costuma chegar perto desse número no dia em que realiza uma postagem – o que pode variar nos dias seguintes, a depender do conteúdo. Mas, trata-se de uma personalidade reconhecida mundialmente, com um fã-clube gigantesco e que tem uma forte atuação nas redes sociais online. No ContraGolpe Brasil, a força do ato gerador movimentou, ou melhor, parou o Brasil e a mobilização em torno da causa no ambiente online se concentrou em agregar o maior número de interações possíveis dentro do perfil.

Tabela 4: Fase 1 – Curtidas e Comentários por post.

	Fase 1	
	Curtidas	Comentários
Post 1	25.941	1.312
Post 2	14.200	471
Post 3	13.300	359
Post 4	12.100	293
Post 5	11.948	264
Post 6	11.906	260
Post 7	119.399	22.000
Post 8	15.646	662
Post 9	21.466	2.432
Post 10	13.421	576
	259.327	**28.629**

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nas redes sociais online, de um modo mais amplo, os comentários sempre aparecem em menor volume quando comparados com as curtidas – que se mostram mais como um ‘reforço de concordância’ e contribuem para ampliar o alcance da postagem em si. Como citado anteriormente, ao comentar a publicação, há um desenho explícito em se manifestar acerca do tema e, especialmente neste caso, o intento do ContraGolpe Brasil era levantar o máximo de informações sobre os golpistas. Daí se depreende a relevância máxima aos comentários. Em contrapartida, porém, observa-se que para além dos perfis que se dispunham a contribuir com dados relevantes, entram em cena também os partidários do ato, simpatizantes do bolsonarismo que tentavam plantar a ideia de “infiltrados” que iniciaram as depredações para culpabilizar a “esquerda”.

Imagem 21 – Destaque de comentário do Post 4: informação sobre localidade e atuação de um dos participantes.

Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

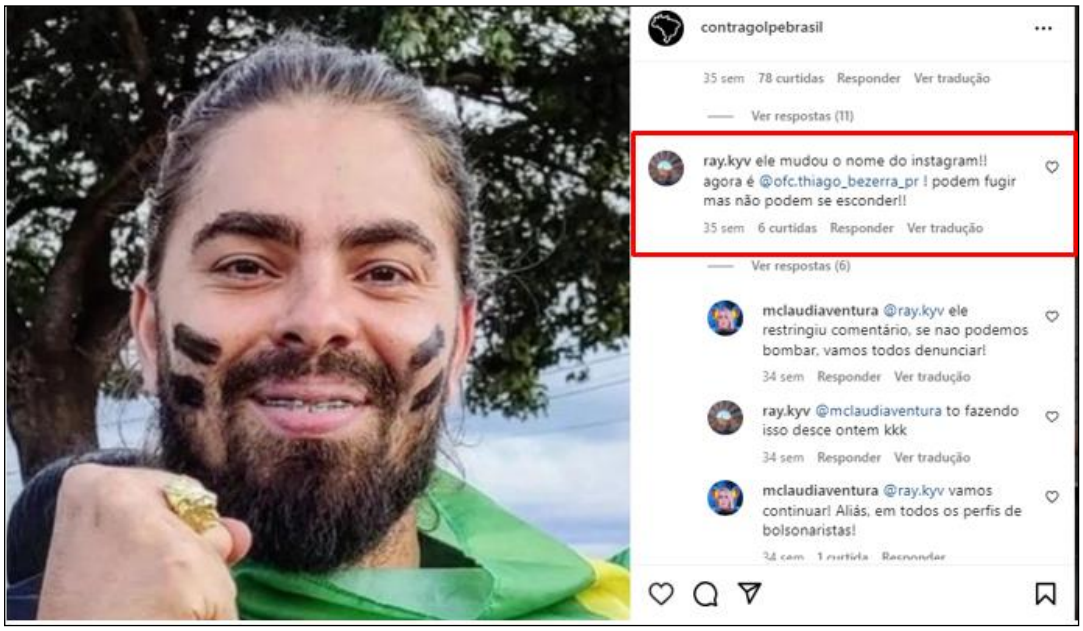
Imagem 22 – Destaque de comentário do Post 7: comentário sobre teoria de "infiltrados" que iniciaram as invasões.

Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

A possibilidade de fazer a réplica do comentário também foi um recurso bastante utilizado, particularmente para rebater os argumentos dos perfis apoiadores do golpe que defendiam a tese de “agentes infiltrados”. Ora com argumentos, ora com frases irônicas, as ideias eram desconstruídas sem, no entanto, perder o foco do ContraGolpe Brasil: a denúncia dos envolvidos.

O que se pode chamar animosamente de falta de cuidado – para não dizer excesso de confiança na impunidade - dos participantes do 8 de janeiro ao produzirem, de seu lado, muito conteúdo para redes sociais online foi, na verdade, a prova necessária para que muitas prisões fossem feitas posteriormente, uma vez que o efetivo da política não seria suficiente para autuar todos os criminosos in loco. Fotos no feed, milhares de stories e transmissões ao vivo no Facebook e no Instagram municiaram a investigação e o próprio ContraGolpe Brasil e, assim que se deram conta da falta de inteligência nestas ações, os envolvidos começaram a remover seus conteúdos e alterarem suas contas. Atentos a esse movimento, os participantes da rede também usaram os comentários para alertar sobre a tentativa de apagamento ou troca de identidade virtual dos golpistas.

Imagem 23 – Destaque de comentário do Post 9: alerta para troca de nome do perfil no Instagram de um dos golpistas.



Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

Ao olhar para o recorte da Fase 2, com a mesma quantidade de publicações, mas considerando as dez últimas feitas pelo ContraGolpe Brasil, observa-se o aumento nos números gerais, claramente impulsionado pelo crescimento do número de seguidores ao longo das semanas. Vale reforçar que a Fase 1 engloba publicações feitas ainda no dia 8 de janeiro de 2023, enquanto a Fase 2 abarca postagens entre 7 de fevereiro e 7 de março do mesmo ano.

Tabela 5: Fase 2 – Curtidas e Comentários por post.

	Fase 2	
	Curtidas	**Comentários**
Post 1	17.377	736
Post 2	41.222	1.676
Post 3	32.810	1.840
Post 4	69.749	17.700
Post 5	49.610	4.856
Post 6	24.833	1.622
Post 7	49.904	3.264
Post 8	110.539	9.616
Post 9	17.215	891
Post 10	47.933	3.285
	461.192	**45.486**

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Neste segundo momento há um leve afrouxamento na força da intenção da denúncia, uma vez que os conteúdos se concentram na divulgação de atualizações de decisões judiciais, mas elas continuam sendo feitas nas legendas. As informações sobre prisões, decisões judiciais, entre outros, revela que a ampliação dos indicadores de interação (curtidas e comentários) também reforça o acompanhamento por parte da rede sobre o andamento das ações efetivas.

Imagem 24 – Destaque para o conteúdo da publicação do Post 292: detalhe para os crimes a que o golpista pode responder legalmente.

Fonte**:** https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

Mesmo com identificação e atualização sobre a prisão, a rede seguiu trazendo informações sobre os vândalos, além de trocar informações sobre outras pessoas – já identificadas ou não – e em que situação estavam. E, como esperado em redes sociais online, texto mais críticos e provocativos, em tom de ironia e sarcasmo, também fizeram parte dos comentários que comemoravam a detenção dos infratores.

Imagem 25 – Destaque de comentário do Post 291: observação pessoal sobre a persona dos golpistas e crítica às notícias falsas.

Fonte: https://www.instagram.com/contragolpebrasil/ (2024).

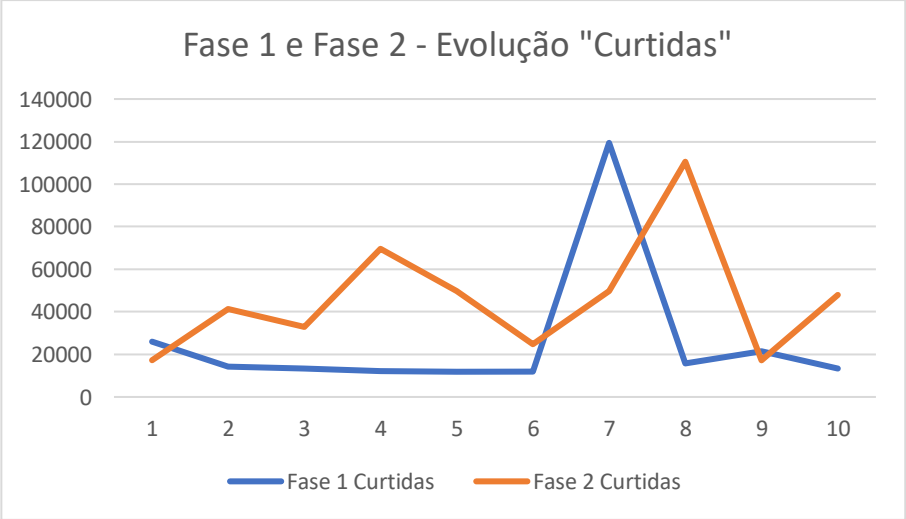
4.3 A medida da colaboração nas redes

Ao concluir suas atividades, mas sem que o encerramento do perfil no Instagram, o ContraGolpe Brasil não fez nenhum anúncio especial, não deixou aviso de que se tratava da última postagem, tampouco realizou uma publicação de agradecimento: a sensação que se tem, observando pelo olho mágico da tela virtual, é que a democracia ainda não está totalmente a salvo e a qualquer momento pode ser preciso acionar a legião formada por essa rede em tão pouco tempo e com tantos 'nós' dispostos a colaborar.

Sem a pretensão de contradizer Bauman, mas tentando trazer um pequena chama para final do seu túnel de desencanto com a Humanidade, a movimentação cidadã ainda que na esfera virtual, gerada por um fato de agravantes sem precedentes no País, alimentou a construção de uma rede colaborativa de comunicação engajada e focada em valores comuns. No caso, a preservação da democracia.

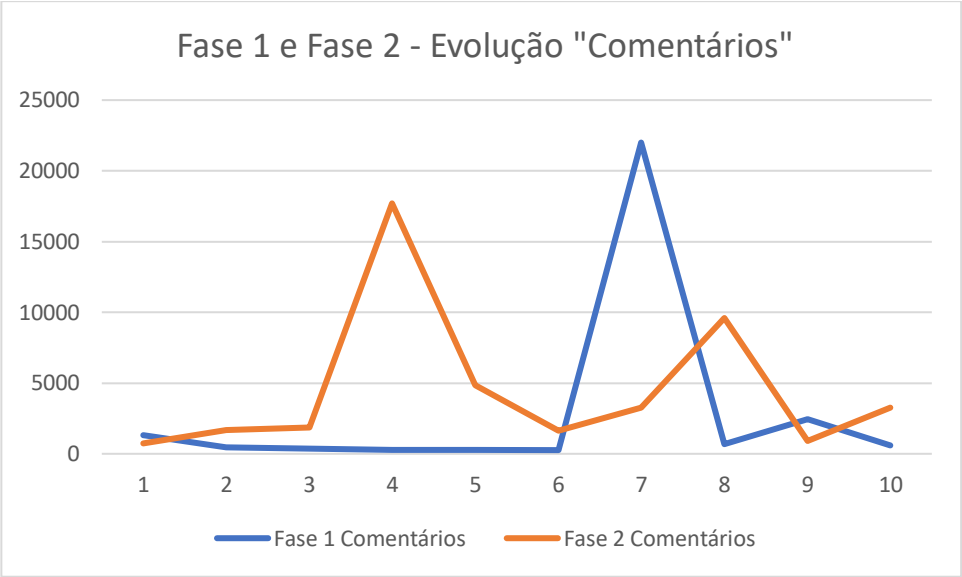
E redes não são estáticas; elas se movimentam, com entradas e saídas de atores, com novas informações, com a resolução ou continuidade de um problema, causa ou denúncia. Com o ContraGolpe Brasil, a curva ascendente dos atos de colaboração – entendidos aqui como curtidas e comentários, que objetivavam identificar e encontrar os responsáveis por seus crimes – contribuíram também para circulação da informação, utilizando sua própria estratégia tecnológica de algoritmos para amplificar a mensagem.

Gráfico 3: Comparativo e Evolução de Curtidas entre Fase 1 e Fase 2.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Gráfico 4: Comparativo e Evolução de Comentários entre Fase 1 e Fase 2.



Fonte**:** Elaborado pela autora (2024).

Uma rede colaborativa de comunicação não se define pelo seu tamanho ou por características estruturais de suporte, tecnologia ou qualquer outro fator externo: ela é um processo. Por isso, a evolução faz parte de seu cerne, é o movimento que a guia e a mantém viva, considerando-se que exista uma causa relevante, atenda a uma causa e não se encerre em si. Se for efetiva em seus objetivos e contribuir com um ou com um milhão de cidadãos, não há diferença no processo de comunicação/colaboração, uma vez que esse parte dos princípios da anuência, do compartilhamento de valores e da experiência coletiva.

(IN) Conclusões

Desafiar-se a estudar redes sociais online é um ofício que exige, acima de tudo, desprendimento: o objeto mutante que se transforma com a velocidade cada dia mais aceleradas das conexões sem fio não espera uma pesquisa ser respondida, um artigo ser aprovado nem uma tese ser defendida. Colegas que se debruçaram sobre as novas estruturas comunicativas do Facebook, criaram métodos de análise para suas interações e trabalharam exaustivamente suas hipóteses e premissas, também tiveram a oportunidade de assistir aos escândalos em que o criador da rede social online se envolveu (especificamente com relação ao uso nebuloso de dados), às mudanças constantes de formato, à descoberta do trabalho dos algoritmos como os reais influenciadores de conteúdo consumido com finalidades majoritariamente comerciais e, finalmente, à sua perda de protagonismo e pódio enquanto rede social online mais usada no mundo. A autora do presente estudo se inclui nesse quadro; inclusive, percorreu todo esse trajeto na reta final de sua dissertação de mestrado. E isso não significa que todo o esforço coletivo dispendido tenha sido em vão, ao contrário, o conhecimento produzido a partir dos novos modelos de comunicação no ambiente virtual (e leia-se aqui blogs, X que já foi Twitter, entre outros) estão acima e além das plataformas: ele estrutura e pavimenta o caminho com material sólido suficiente para tatear o que há de vir no futuro, comparar tendências, aplicar padrões e descobrir o que pode existir no admirável mundo novo da tecnologia como mediadora das relações humanas. Isso é, também, colaboração.

Ao assumir que as redes enquanto estruturas de comunicação se desenvolvem a partir de processos participativos, horizontalizados e heterogêneos, buscou-se identificar ao longo desse trabalho o sentido da colaboração com foco na atuação cidadã em movimentos emancipatórios, investigando especialmente em grupos formados e catapultados pelo ambiente online. Isso porque, apesar de se aproveitarem do caráter aberto, disperso e plural que as plataformas de redes sociais online oferecem para ampliar seu espaço (e sua voz) no meio virtual, esses fenômenos surgem a partir de demandas reais, do dia a dia da comunidade, de ausências de direitos ou da falta de cumprimento de deveres constitucionais, ou seja, de situações que mobilizam em função de um objetivo comum. E que reúnem pessoas que compartilham mais do que curtidas ou comentários – materializações virtuais que contribuem, de fato, para espichar o alcance de uma causa.

Ao tratar de Redes Colaborativas de Comunicação, coloca-se à mesa um cardápio variado de possibilidades que, embora não aparentem similaridades em seus temperos e ingredientes, carregam em si a mesma essência do menu principal: extrapola-se o individual em favor do reconhecimento do coletivo.

Para tanto, na base de uma Rede Colaborativa de Comunicação está a relação dialógica, de muitos para muitos, com vista à construção de saberes a partir da heterogeneidade de ideias e perspectivas – embora todas se unam a partir de valores comuns e compartilhados pelos participantes, ou "nós" dessas redes. Logo, a articulação discursiva não está totalmente pré-estabelecida, a não ser pelo senso de comunidade e de identificação com o fator gerador, mas sim absolutamente transversalizada, atravessada por diferentes realidades que compõem o cotidiano de cada cidadão que se integra a uma rede, independentemente de sua proximidade física com os demais participantes ou localização geográfica em relação ao fato gerador. Questões de amplitude social, como a luta das mulheres ou da comunidade LGBTQIAPN+, por exemplo, são universais e globais, e isso não implica necessariamente que as pessoas afetadas por essas problemáticas se conheçam pessoalmente ou morem em ruas vizinhas para fazer parte de uma rede de reivindicação de direitos. A intenção primeira de uma Rede Colaborativa de Comunicação, e já trazendo o tema para a realidade da sociedade midiatizada na qual as plataformas de redes sociais online assumem centralidade na vida de boa parte da população, não é ditar regras, mas contribuir com a construção de argumentos baseados em valores e afinidades ideológicas que conduzam para ações de transformação. Em outras palavras: municiar a comunidade com informações que não circulam de forma ampliada, seja pela escassez de representatividade nos veículos tradicionais de imprensa, seja pela invisibilidade proposital imposta a determinados temas.

Sem receio de escorregar em uma hipérbole conceitual, a relevância de uma Rede Colaborativa de Comunicação não está no tamanho que ela atinge (especialmente quando essas redes se transportam para o espaço virtual das plataformas de redes sociais online, onde quanto mais seguidores, maior a popularidade de um perfil), mas sim no seu impacto na vida cotidiana de uma comunidade. Por esse motivo, ademais, qualquer avaliação quantitativa não seria suficiente para abarcar o desafio aqui – o que deu força para seguir com um trabalho baseado na Transmetodologia, a fim de contemplar as diversas dimensões dos fenômenos das Redes Colaborativas de Comunicação Online. Com a análise de diferentes iniciativas, nota-se que a dinâmica das redes apresenta características

tão variadas quanto seus próprios elementos de origem: o abandono de uma manada de búfalos no interior de São Paulo, por exemplo, desencadeou manifestações de milhares de pessoas dentro e fora do País, alinhadas à causa animal que se uniram ao perfil “Búfalas de Brotas”, com a firme intencionalidade de 1) contribuir com o resgate e preservação da vida dos animais e 2) não deixar que o assunto caísse no esquecimento e os culpados não fossem culpabilizados judicialmente pela situação. Da mesma maneira, em um momento mais recente e diante de uma catástrofe que assolou parte da Região Sul do Brasil, a iniciativa de reunir cidadãos alinhados à pauta da causa animal foi uma das motivações para a criação do perfil “Ache seu Pet RS”, que tinha como objetivo ajudar famílias do Rio Grande do Sul a encontrem seus animais perdidos durante as históricas enchentes de março 2024. Em pouco mais de duas semanas, a página reuniu quase 70 mil seguidores e

Observar o sentido da colaboração em novos fluxos comunicacionais estabelecidos a partir da interação em rede, que se forma a partir do universo real e resvala naturalmente para o ambiente virtual, mostrou-se um exercício mais complexo do que o imaginado (como deveria se esperar, talvez), em função especialmente da sua própria tipologia estruturante. Para além de entender que as ações se distinguem em sua práxis, mas não em sua essência, em ambos os casos, o que se revelou é que há pelo menos duas possibilidades de caracterizar essas redes: estruturais ou conjunturais. Antes, porém de trazer essas possibilidades e discutir o que se pode considerar o embrião para novos e aprofundados estudos, há que se ressaltar que a colaboração deve ser entendida como qualquer ação de caráter solidário e democrático no sentido de expandir e fortalecer uma pauta comum. Sob esse espectro, tanto iniciativas organizadas no plano real, das interrelações cotidianas, como reuniões de grupos, produção de materiais físicos para divulgação, doações ou tempo de trabalho voluntário, quanto aquelas propiciadas no plano virtual, como comentários, compartilhamentos e curtidas, têm o mesmo efeito diligente para expansão de uma rede e suas ideias centrais – a de uma execução envolvida, ainda que em escalas diferenciadas, mas, em prol do mesmo objetivo. As plataformas digitais, no entanto, tendem a viabilizar maior participação popular, na medida em que teoricamente ofertam espaço ilimitado para que os cidadãos se tornem agentes ativos de mudança, articulando-se de maneira ágil e eficaz para responder a situações emergentes, reforçando que a capacidade de mobilização rápida e a ressonância de vozes abafadas são testemunhos do poder transformador das redes. Contudo, é importante reconhecer os desafios inerentes a esse modelo de comunicação: a dispersão de informações, a potencial

fragmentação das iniciativas e a sobrecarga informacional são alguns dos obstáculos que precisam ser continuamente gerenciados, uma vez que a sustentabilidade desses agrupamentos depende de estratégias que promovam a coesão e a clareza nos objetivos comuns. Isso porque, de outra feita, não há rede imune à desinformação e ao discurso de ódio, como foi possível observar na iniciativa ContraGolpe Brasil, criada de maneira anônima com objetivo de ajudar na identificação dos golpistas que invadiram e depredaram os prédios dos Três Poderes em Brasília no fatídico dia 8 de janeiro de 2023, e objeto de estudo essencial nesta pesquisa.

Retomando as duas caracterizações inicialmente estruturadas a partir desta exploração, e que aqui já se indica a necessidade de aprofundamento em estudos específicos futuramente acerca de suas distinções, destaca-se o reconhecimento de dois tipos básicos de redes: as Redes Colaborativas de Comunicação Estruturais e as Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais. Embora ambas fluam pelo mesmo percurso caudaloso dos fluxos comunicacionais em rede, apresentam diferenças basilares em sua origem, forma e tipologia. Enquanto as primeiras afloram a partir de necessidades básicas de grupos minorizados social, econômica, política e/ou culturalmente (via de regra, em todas essas esferas), ou seja, porções da polução que sofrem com preconceito, desigualdade de renda, falta de representatividade e subjugações das mais variadas espécies. Alguns exemplos que se encaixam nessa categorização são movimentos por luta dos direitos das mulheres, de pessoas LGBTQIAPN+, dos negros, idosos, pessoas com deficiência (PCDs), indígenas, pessoas de baixa renda e grupos em geral prejudicados pela ineficiência governamental em prover condições básicas de sobrevivência dentro dos direitos sociais previstos constitucionalmente (como saúde, educação, alimentação, trabalho, moradia e segurança, para citar alguns). Como a própria denominação proposta nesta categorização, são redes que se formam a partir de macro questões, de demandas estruturais, logo, tendem a abordar uma vasta gama de assuntos dentro de sua temática central, além de focalizar uma grande parcela de sua produção em conteúdos e materiais que estimulem a discussão e o amplo debate sobre o assunto central e suas derivações. O sentido comunitário é reconhecidamente presente, na medida em que boa parte das ações está ligada a divulgação de conhecimento e publicização de iniciativas similares, alimentando a construção gradativa de uma rede cidadã que não tem ‘data de validade’, ou seja, tende a durar muito mais tempo, pelo menos enquanto a causa estiver clamando por espaço e visibilidade. Além disso, outra característica comum a esse tipo de rede,

quando se observa sua performance no espaço virtual, é que ela tende a ter uma curva equilibrada no que diz respeito à quantidade de seguidores versus tempo de criação, ou seja, elas agregam pessoas que compartilham de seus ideais de forma gradativa, ao longo do tempo de sua existência, sem necessariamente ter picos de adesão ou de perda de pessoas.

Na outra linha de caracterização investigada, as Redes Colaborativas de Comunicação Conjunturais aparecem quase que como um recorte da anterior, no sentido de estas não se absterem das pautas abrangentes, mas de tratar de questões pontuais e factuais de maneira célere e com vistas à resolução. São redes específicas, formadas de maneira extremamente rápida – para isso contam diretamente com o suporte das plataformas de redes sociais online – e que se principiam a partir de fatos de grande impacto na sociedade, sejam eles de ordem política, econômica ou cultural, contendo em sua essência o forte caráter de denúncia e perspectiva de resolução de determinada situação. Por esse viés, inclusive, são redes que já nascem com data marcada para morrer: via de regra, têm como foco bombardear o público com o máximo de informações que precisam circular de maneira ágil e com vistas aos resultados práticos, que levem a asseveração de uma questão. Daí, também, a velocidade com que agrega seguidores e os posiciona como ponto focal da distribuição as informações, via interação imediata (especialmente aqui falando a respeito de compartilhamento, curtidas e comentários nas redes sociais que alimentam os algoritmos e ampliam o alcance das postagens de maneira mais eficaz). Isso significa, por consequência ordinária, que o volume de seguidores tende a crescer de maneira vertiginosa, atingir rapidamente altos patamares e assim permanecer durante o tempo de duração da rede.

Acreditar na premissa – pessoal – de que as páginas finais de um longo estudo não é satisfatório se apenas trouxer como legado uma resposta à pergunta que foi feita nas suas páginas iniciais, é de grande reconforto fechar a presente pesquisa com a perspectiva de há muito a ser explorado, revisto, analisado, mapeado e, principalmente, entendido (na medida do que for possível a cada tempo de um tempo em que as ferramentas ditam um futuro cada vez mais automatizado) no horizonte em eterna aurora dos processos comunicacionais midiatizados. Se a colaboração fazia parte de uma dúvida inicial, ela se reconfigura enquanto necessidade básica para que o exercício da cidadania seja uma prerrogativa dentro dos novos fluxos de comunicação, ainda que seu caminhar não seja

linear tampouco se adeque a fórmulas teóricas pré-formatadas e imunes à dinâmica social da era mais tecnológicas de todas. Até aqui, pelo menos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, R. C. de, & TORRE, A. E. M. G. de la. (2020). Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. Comunicação & Educação, 25(2), 94-103. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p94-103

AMARAL, V. Rede: uma abordagem operativa. Disponível em: http://ranierepontes.blogspot.com/2010/04/pgn-rede-uma-abordagem-operativa.html. Acesso em setembro de 2021.

BAUMAN, Z. Zygmunt Bauman: "As redes sociais são uma armadilha". [Entrevista concedida a] Ricardo de Querol. El País, Espanha, 2016, online. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2015/12/30/cultura/1451504427_675885.html. Acesso em março de 2024.

BECKER, B., & TEIXEIRA, J. Um panorama da produção jornalística audiovisual no ciberespaço: as experiências das redes colaborativas. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, (40),44-50, 2009. ISSN: 1415-0549. Recuperado de: https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=495550196006

Berger, J., & Milkman, K. L. (2012). What makes online content viral? Journal of Marketing Research, 49(2), 261-271. Acesso em dezembro de 2022.

BRASIL. Decreto 11. nº 11.377, de 8 de janeiro de 2023. Decreta intervenção federal no Distrito Federal com o objetivo de pôr termo ao grave comprometimento da ordem pública, nos termos que especifica. [2023]. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/decreto/d11377.htm. Acesso em março de 2024.

BRASILEIRO, F. S. Emoções e redes colaborativas na resiliência informacional. Liinc em Revista, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, e5309, dezembro 2020

CALDERÓN, C.A.; CRUZ, M.C. Comunicación digital, redes y procesos - balance de la investigación en América Latina. In: BOLAÑO, C.; DRUETTA, D.C.;

CASTELLS, M. A Sociedade em Rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. A galáxia da Internet. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

_____. Movimentos sociais para mudar o mundo. Entrevista ao canal Fronteiras do pensamento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=RJY4YZ17pVE

COELHO NETO, A. S. Da amplitude de usos e significações do conceito de rede na ciência contemporânea. Revista Espaço Acadêmico, v. 11, n. 131, p. 181-189, 23 dez. 2011.

CORRÊA, R. F.; SANTOS, R. F. D. Análise das definições de folksonomia: em busca de uma síntese. Perspectivas em Ciência da Informação, v.23, n.2, p.1-32, abr./jun. 2018

DI FELICE, M. (org) Do público para as redes. A comunicação digital e as novas formas de participação social. São Caetano do Sul: Difusão Editora, 2008.

FERREIRA, V.B. A prática colaborativa: tradição e contemporaneidade. In: E-science e políticas públicas para ciência, tecnologia e inovação no Brasil [online]. Salvador: EDUFBA, 2018, pp. 57-75. ISBN: 978-85-232-1865-2. 2. https://doi.org/10.7476/9788523218652.0005.

FREIRE, P. Pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 1981

_____. Política e Educação. São Paulo. Editora Cortez, 1995

_____. Conscientização. São Paulo. Cortez & Moraes, 1979

_____. Extensão ou comunicação? São Paulo. Editora Paz e Terra, 1997

GOBBI, M.C e LARA, E.C. Vozes insurgentes de gênero na América Latina: outra comunicação é possível. In: Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación. São Paulo: ALAIC, 2022, Ano 21, n.39, 318 p.

GOHN, M.G. (2002); Teorias dos Movimentos Sociais: Paradigmas Clássicos e Contemporâneos. 3ª. Edição. São Paulo: Edições Loyola.

IBGE. Pesquisa por Amostra de Domicílios Contínua. Rio de Janeiro: 2018

INOJOSA, R.M. Redes de compromisso social In: Revista de Administração Pública, Rio de Janeiro : FGV, 33 (5), set/out 1999, 115- 141 p.

INSTAGRAM. ContraGolpe Brasil. Disponível em https://www.instagram.com/contragolpebrasil/. Acesso em maio 2024.

JENKINS, H. Convergência e conexão são o que impulsiona a mídia agora. [Entrevista concedida a Priscila Kalinke e Anderson Rocha]. Intercom – RBCC. São Paulo, v.39, nº 1, p. 213-219, jan/abr. 2016.

_____. Cultura da Convergência. São Paulo: Aleph, 2006.

JULIANO, M. C. C e YUNES, M. A.M. Reflexões sobre rede de apoio social como mecanismo de proteção e promoção de resiliência. In: Ambiente & Sociedade, São Paulo, XVII, n.3, p. 135-154, jul-set 2014.

KAPLÚN, M. Processos Educativos e Canais de Comunicação. In: Revista Comunicação e Educação, São Paulo: CCA/ECA/USP, n. 14, jan-abr 1999, p. 68-75

_____. Cassette-Foro. Un sistema de comunicación participatoria. In: Chasqui: Revista Latinoamericana de Comunicación, ISSN 1390-1079, ISSN-e 1390-924X, Nº. 20, 1978 (Ejemplar dedicado a: Chasqui Primera Época 20), págs. 29-42

_____. Comunicacion entre grupos: el método del Cassete-Foro. Buenos Aires: Humanitas, [s.d.]. 1988.

_____. Processos educativos e canais de comunicação. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 141, p. 68-75, jan./abr. 1999.

KLEINDORFER, P.R.; WIND, Y.; GUNTHER, R.E. O Desafio das Redes. Porto Alegre: Grupo A, 2012. 9788540701212. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788540701212/. Acesso setembro de 2021.

LEMOS, A. Espaço, mídia locativa e teoria ator-rede. Galáxia, n. 25, p. 52-65. Jun de 2013

MALDONADO, A. E. Cidadania comunieducativa e transmetodologia: a investigação crítica necessária em conjunturas autoritárias. (2020). Comunicação & Educação, 27(1), p. 5-14, jan/junho 2022. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v27i1p5-14

_____. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. Revista Intexto, Porto Alegre, UFRGS, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.

MALDONADO, A. E.; ALMEDIA, R.C. Transmetodologia como identidade: uma epistemologia transformadora na pesquisa em comunicação. (2020). Comunicação & Educação, 25(2), 94-103. https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i2p94-103

MANCE, E. A. Teorias de Rede - Introdução Conceitual e Elementos Organizativos. Rio de Janeiro, IFIL - Instituto de Filosofia da Libertação Solidarius Brasil. Disponível em: http://euclidesmance.net/docs/teorias_de_rede.pdf. Acesso em dezembro de 2022.

MATTELART, A. A construção social do direito à Comunicação como parte integrante dos direitos humanos. Revista Brasileira de Ciência da Comunicação. São Paulo, v. 32, n. 1, p. 33-50, 2009

MCLUHAN, Herbert Marshal. Os meios de comunicação como extensões do homem. Rio de Janeiro: Cultrix, 1964.

MELO, J. M. MacBride, a NOMIC e a participação latino-americana na concepção de teses sobre a democratização da comunicação. Revista Logos. Rio de Janeiro, ano 15, n.

28, p. 42-59, 1º semestre de 2008. Disponível em: https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/12486. Acesso em março de 2023.

MORAES, M. O. O conceito de rede na filosofia mestiça. In: Informare. Rio de Janeiro: 2000.

NETO, A. S. C. Da amplitude de usos e significações do conceito de rede na ciência contemporânea. Revista Espaço Acadêmico. Maringá: Eduem, v. 131, abr 2012, p. 181-189

OJEDA, E.; LA JARA, A.; MÁRQUEZ, C. (2007). Resiliência Comunitária. In Sofrimento, resiliência e fé: Implicações para as relações de cuidado. São Leopoldo, RS: Sinodal, pág. 33-56.

PANITZ, T. Collaborative versus cooperative learning: a comparison of the two concepts which will help us understand the underlying nature of interactive learning. [1999]. Disponível em: https:// cutt.ly/dL9zVrh. Acesso em dezembro de 2022.

PEDREIRA, P. O que faz um conteúdo viralizar vai te surpreender. Online. Disponível em: https://www.linkedin.com/pulse/o-que-faz-um-conte%C3%BAdo-viralizar-vai-te-surpreender-patrick-pedreira/?originalSubdomain=pt. Acesso em agosto de 2023.

PERUZZO, C. M. K. In: BOLAÑO, C.; DRUETTA, D.C.; CIMADEVILLA, G. (Org.). Lá Contribución de América Latina al campo de lá Comunicación. Historia, enfoques teóricos, epistemológicos y tendencias de la investigación. 2015. Buenos Aires (Argentina). Prometeo. 498pp.

PERUZZO, C. M. K. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados. Reelaborações no setor. Palabra Clave [online]. 2008, v. 11, n. 2, p. 367-379. Disponível em <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0122-82852008000200014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em julho de 2023.

RECUERO, R. Introdução à análise de redes sociais online. Salvador: Edufba (E-pub), 2017.

REUTERS INSTITUTE FOR THE STUDY OF JOURNALISM. Digital News Report 2022. Disponível em https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2022-06/Digital_News-Report_2022.pdf. Acesso em fevereiro de 2023

RIFIOTIS, T. Desafios contemporâneos para a antropologia no ciberespaço - o lugar da técnica. Civitas, Porto Alegre, v. 12, nº 3, p. 566-578, set-dez 2012

RODRIGUES, C. Capitalismo informacional, redes sociais e dispositivos móveis: hipóteses de articulação. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 70-83, dez. 2010.

SANTI, M. F. Mídia cidadã, comunicação popular e as redes colaborativas online de alerta de segurança: uma luta por direitos ou por visibilidade? Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Bauru, 2019

SANTOS, M. A natureza do espaço - Técnica e tempo. Razão e Emoção. São Paulo: Editora da Universidade do Estado de São Paulo (Edusp), 2006.

SCHERER-WARREN, I. Redes e movimentos sociais projetando o futuro. Revista Brasileira de Sociologia, vol. 1, nº 1. jan/jul 2013

_____. Redes de movimentos sociais. São Paulo: Edições Loyola, 1993

_____. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 21, p. 109-130, 2006.

_____. Sujeitos e Movimentos Conectando-se Através de Redes. Revista Política e Trabalho, João Pessoa, nº 19, 2003

SILVA, C. A. Fundamentos e paradigmas das redes. Disponível em: https://www.parceirosvoluntarios.org.br/fundamentos-e-paradigmas-das-redes/. Acesso em agosto de 2021

SOUZA, M.V.D. Redes Informatizadas de Comunicação: a teia da rede internacional DPH . São Paulo: Editora Blucher, 2017. 9788580391817. Disponível em: https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788580391817/. Acesso em setembro de 2021.

STATISTA. Leading countries based on Instagram audience size as of January 2022. Disponível em: https://www.statista.com/statistics/578364/countries-with-most-instagram-users/. Acesso em fevereiro de 2023.

VERMELHO, S. C.; VELHO, A.P.M.; BERTONCELLO, V. Sobre o conceito de redes sociais e seus pesquisadores. Educação e Pesquisa: Revista da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo: São Paulo, v41, nº 4, out/dez 2015.